



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**VANESSA MARIA BARROS DA SILVA**

**«Quem é o “meu” Próximo»?**  
**Educar para uma cultura de cuidado e de**  
**compromisso, a partir da unidade letiva “Construir**  
**Fraternidade” do programa de EMRC.**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**  
**sob orientação de:**  
**Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga**  
**2023**

“Há necessidade que a fraternidade seja descoberta, amada, experimentada, anunciada e testemunhada; mas só o amor dado por Deus é que nos permite acolher e viver plenamente a fraternidade.”

Papa Francisco

## AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Bruno, pela paciência, compreensão e disponibilidade.

Aos meus filhos, por todo o carinho prestado.

Aos meus pais e amigos, por todo o apoio.

Ao Pedro e à Julieta, pela amizade, por toda a colaboração e rigor, prestado.

À Professora Doutora Isabel Varanda, pela compreensão, persistência e rigor demonstrado.

Ao Dr. Alberto Pais, pelo auxílio e amizade disponibilizada.

Ao Agrupamento de Escolas Emídio Garcia e alunos, por me terem recebido e ajudado enquanto estagiária.

À Universidade Católica Portuguesa, pela oportunidade de concluir a minha formação.

## RESUMO

O presente relatório tem como título «Quem é o “meu” próximo? - Educar para uma cultura de cuidado e de compromisso, a partir da unidade letiva “Construir Fraternidade” do programa de EMRC». O mesmo resulta da Prática de Ensino Supervisionada. O tema central da unidade é a Fraternidade e os desafios que a sociedade tem de ultrapassar para conquistar uma humanidade mais humanitária e solidária, para com o seu “próximo”. A era tecnocrática que estamos a viver é um grande desafio para a sociedade, pois, desvia-nos dos verdadeiros afetos de compromisso e interesse com o “nosso irmão” e impede-nos de sermos atores participantes na nossa sociedade, o que interfere na promoção da mudança.

Estamos entregues ao egoísmo e a um consumismo absurdos, que comprometem os verdadeiros laços fraternos. Contudo, devemos ter presente que o amor divino é crucial gerando, assim, a verdadeira essência da humanidade e fazendo-nos refletir a proveniência da nossa existência, «Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele» (CL 1,16).

É importante compreender que a transcendência pessoal é quem nos motiva, é quem nos aproxima de Deus, pois só assim pode haver uma humanidade solidária, atraída pela verdade, movida pelo serviço ao humanismo fraterno e à caridade cristã. Esta transformação exige de nós uma mudança de atitudes, que implicam gratidão, gratuitidade, e bem comum. No que concerne à conversão ecológica devemos entendê-la não como um sistema meramente humano, mas um encontro com Deus, que origina uma transformação cheia de graça, no nosso coração e mente. As encíclicas *Laudato Si`*, *Fratelli Tutti* e *Caritas in Veritate* convidam-nos a percorrer com fé, em direção a um mundo melhor e mais solidário. E, neste relatório, a consulta das encíclicas foi fundamental para solidificar e dar “corpo”, com consistência, ao conceito de fraternidade. É urgente estabelecer uma fraternidade universal, viver de modo estável, ou seja, com uma maior segurança e tornarmo-nos peritos no acolhimento recíproco, no diálogo, tornando-nos agentes de paz. Urge imaginar e experimentar uma nova cultura, em todos os âmbitos da vida social: na família, na política e na economia.

**Palavras – chave:** fraternidade; educação; EMRC; partilha; diálogo; caridade; Igreja; próximo; amor; Deus.

## **ABSTRACT**

This report is entitled “Who is “my” neighbor?” - Educate for a culture of care and commitment, based on the teaching unit “Building Fraternity” of the EMRC program”. The same results from the Supervised Teaching Practice. The central theme of the unit is Fraternity and the challenges that society has to overcome in order to conquer a more humanitarian and solidary humanity, towards its “neighbour”. The technocratic era that we are living in is a great challenge for society, as it diverts us from true affections of commitment and interest with “our brother” and prevents us from being participating actors in our society, which interferes with the promotion of change.

We are given over to absurd selfishness and consumerism, which compromise true fraternal ties. However, we must bear in mind that divine love is crucial, thus generating the true essence of humanity and making us reflect the origin of our existence, "For in Him all things were created, in heaven and on earth, visible and invisible, whether thrones, or dominions, or principalities, or powers: all things were created by him and for him (Col 1,16)».

It is important to understand that personal transcendence is what motivates us, it is what brings us closer to God, because only then can there be a solidary humanity, attracted by the truth, moved by the service of fraternal humanism and Christian charity. This transformation requires us to change our attitudes, which imply gratitude, gratuitousness, and the common good. As far as ecological conversion is concerned, we must understand it not as a merely human system, but as an encounter with God, which brings about a grace-filled transformation in our hearts and minds. The encyclicals *Laudato Si*, *Fratelli Tutti* and *Caritas in Veritate* invite us to journey with faith towards a better world with greater solidarity. And, in this report, the consultation of the encyclicals was fundamental to solidify and give “body”, with consistency, to the concept of fraternity. It is urgent to establish a universal fraternity, to live in a stable way, that is, with greater security and to become experts in reciprocal acceptance, in dialogue, becoming agents of peace. It is urgent to imagine and experience a new culture, in all spheres of social life: in the family, in politics and in the economy.

**Keywords:** fraternity; education; EMRC; sharing; dialogue; charity; Church; next; love; God

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO I – A FRATERNIDADE COMO CULTURA DE CUIDADO E COMPROMISSO .....	10
1. Conceito de fraternidade.....	10
2. A perspectiva Cristã de Fraternidade .....	14
3. A Igreja como compromisso com o outro.....	16
4. A Parábola <i>O Bom Samaritano</i> como testemunho de fraternidade e cuidado ao próximo.....	19
CAPÍTULO II – DAS ENCÍCLICAS <i>LAUDATO SI</i> , <i>FRATELLI TUTTI</i> E <i>CARITAS IN VERITATE</i> AO COMPROMISSO COM A FRATERNIDADE .....	25
1. O conceito de ecologia integral e o cuidado com o outro: análise da Encíclica <i>Laudato Si`</i> .....	25
1.1 Apresentação formal e substancial da <i>Laudato Si`</i> .....	28
1.2 A ecologia integral como paradigma da relação entre todas as criaturas .....	36
2. A construção de um mundo mais fraterno: análise da Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> .....	39
2.1 Apresentação formal e substancial da Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> .....	42
2.2 As ameaças e as fragilidades da fraternidade mundial.....	61
3. O compromisso com a caridade fraterna: análise da Encíclica <i>Caritas in Veritate</i> .....	65
3.1 Apresentação formal e substancial da Encíclica <i>Caritas in Veritate</i> .....	70
3.2 A caridade como resposta social, em contexto organizacional .....	75
CAPÍTULO III - PROPOSTA DE LECIONAÇÃO: “CONSTRUIR A FRATERNIDADE” – UNIDADE LETIVA 4, DO 5º ANO DE EMRC .....	78

<b>1. Caracterização da escola e da comunidade educativa .....</b>	<b>78</b>
<b>2. Caracterização da turma .....</b>	<b>80</b>
<b>3. Proposta de planificação da unidade letiva 4 do 5º ano de EMRC .....</b>	<b>81</b>
3.1. <i>Aula 1 – A Fraternidade: a definição do termo e os sentimentos         que lhe estão associados .....</i>	<i>81</i>
3.2 <i>Aula 2 – Finalidade dos Direitos Humanos; Missão que cada um         tem com o seu irmão .....</i>	<i>82</i>
3.3 <i>Aula 3 – Diferentes modos de fraternidade. As fragilidades e         ameaças à fraternidade.         Construir um mundo mais fraterno. ....</i>	<i>83</i>
3.4 <i>Aula 4 – Interpretação da Parábola O Bom Samaritano.         O compromisso do “eu/nós” na e com a comunidade. ....</i>	<i>84</i>
3.5 <i>Aula 5 – Os valores humanos e os compromissos com a humanidade. ....</i>	<i>85</i>
<b>4. Avaliação da prática de ensino supervisionada .....</b>	<b>86</b>
<b>REFLEXÃO FINAL .....</b>	<b>90</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>92</b>
<b>BIBLIOGRAFIA GERAL .....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>97</b>

## INTRODUÇÃO

Com este Relatório da Prática de Ensino Supervisionada pretendo contribuir para despertar as consciências para a urgente necessidade de mudança, em prol do bem-estar de todos. Não podemos pensar só no agora sem regressar ao passado, às nossas raízes, à nossa essência, nem tão pouco descurar o futuro comum.

Ao longo deste trabalho, acredito que será possível adquirir uma maior consciência da gravidade e dos tempos controversos que vivemos. Confrontamo-nos com alguma permissividade ao aceitarmos que a era tecnológica nos supere. É evidente que não podemos viver sem recursos tecnológicos, mas creio que se poderia e se poderá evitar, que tal facto nos ultrapasse e subestime a livre escolha, a opção de alternativas.

A escolha deste tema, fez todo o sentido, tendo em conta as problemáticas sociais atuais e, ao mesmo tempo, porque é curioso e interessante compreender determinados termos que surgem nas encíclicas *Laudato Si*, *Fratelli Tutti* e *Caritas Veritate*. Correlacionar o bem comum, fraternidade, irmandade, solidariedade, justiça, caridade, entre muitos outros termos tornou-se interessante e significativo porque me levou a refletir sobre a direção que considero necessária percorrer e, ao mesmo tempo, fez-me admirar ainda mais a delicadeza e consciência para o bem comum dos Papas.

Nesta dissertação pretende-se ter o cuidado de estipular uma separação de temas e explicitação de termos concisos, que considero úteis à sua compreensão e explicitação.

Ambicionasse realizar uma contextualização histórica e contextual sobre a palavra e ensinamentos de Deus associando-os a determinadas problemáticas.

No primeiro capítulo farei uma abordagem sobre o conceito de fraternidade correlacionando-o com a perspetiva cristã enquadrando-o no tempo e no espaço. Dentro deste capítulo relacionarei a Igreja como um compromisso com o cuidado ao outro a partir da parábola *O Bom Samaritano* (Lc 10,25-37), visto que a mesma, está intimamente ligada à fraternidade e, esta com o cuidado ao próximo.

No segundo capítulo tenta-se explicar a conexão entre as encíclicas: *Laudato Si*, *Fratelli Tutti* e *Caritas Veritate*. Nelas desatacam-se uma amplitude universal da fraternidade e o amor ao nosso “próximo como a nós mesmos”. De cada uma das encíclicas apresentarei o seu conteúdo formal e substancial, bem como, a compreensão da ecologia integral, como paradigma da relação entre todas as criaturas, elucidando para as ameaças

e fragilidades ligadas à fraternidade universal identificando a caridade como condição basilar para o bem comum.

No terceiro e último capítulo será realizada uma caracterização da escola e da turma, evidenciando uma proposta de planificação da unidade letiva 4, do 5ºano de EMRC, bem como uma avaliação da Prática de Ensino Supervisionada.

É importante ter em conta que sem laços de lealdade, cooperação e fraternidade, nenhuma sociedade consegue prevalecer no tempo e na história e que o próprio conceito de fraternidade se revela ou se pode revelar como um princípio, que está na origem de um comportamento, de uma relação que deve ser instaurada com os outros seres humanos, agindo uns em relação aos outros, o que implica também a dimensão da reciprocidade.

Com isto, depreende-se que a fraternidade seja muito mais ou vá para além da simples conceção de se ser responsável pelos outros. Estamos diante de um avanço doutrinário, pois, efetivamente abrange a humanidade como uma única família patenteando-a como uma responsabilidade efetiva da cidadania comum. O princípio da fraternidade permite considerar um cidadão idêntico ao outro; um cidadão capaz de aceitar a sua paridade com o seu próximo.

É primordial entender que uma sociedade para ser fraterna deve ser opositora a preconceitos e pluralista. A sociedade tem de criar soluções que permitam uma ajuda humana e a existência de mecanismos de alerta, para as situações inesperadas e difíceis. Tem de se basear no exercício da solidariedade, nas atitudes de coração, com o intuito de melhorar a utilização dos recursos financeiros e combater o desperdício e as armadilhas da pobreza. É importante ter em conta que a integração comunitária é mais que uma inclusão social, é também necessário colmatar as necessidades existentes.

# CAPÍTULO I – A FRATERNIDADE COMO CULTURA DE CUIDADO E COMPROMISSO

## 1. Conceito de fraternidade

Etimologicamente, a palavra fraternidade tem origem no latim *frater*, que significa “irmão” e expressa a ideia de «parentesco entre irmãos; relação de união como aquela que existe entre irmãos; afeto ou carinho entre irmãos; amor ao próximo; convivência amigável entre pessoas, comunidades, etc; relações harmoniosas». <sup>1</sup>

O conceito de fraternidade<sup>2</sup> é vivenciado como uma relação de dependência entre irmãos e refere-se às pessoas que compõem a família, que fazem parte da mesma tribo, ou seja, pressupõe que existem relações fraternas. A boa nova anunciada por Jesus Cristo, no evangelho de São Mateus, apela a uma nova maneira de fraternidade, não apenas com os “nossos”, mas também com os inimigos:

«Vós sabeis que foi dito: Amarás teu próximo e odiarás teu inimigo’. Mas eu vos digo: Amai vossos inimigos e rezai pelos que vos perseguem, para que sejais filhos de vosso Pai celeste que faz nascer o sol para os maus e os bons e faz cair a chuva sobre os justos e os injustos. De fato, se amais os que vos amam, que merecimento tereis? Os publicanos não fazem isso também? E se saudais só vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Os pagãos não fazem isso também? Sede, portanto, perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito (Mt 5,43-48)».

É ainda possível verificar outras passagens bíblicas<sup>3</sup>, que profetizam especialmente as condições que permitem à humanidade separar as rivalidades para se ampararem mutuamente, consentindo as diferenças, respeitando os objetivos comuns, bem como, as próprias limitações do outro: «Abrão disse a Ló: “Não haja discórdia entre mim e ti, entre meus pastores e os teus, porque somos irmãos. Eis aí toda a terra diante de ti. Separa-te de mim. Se fores para a esquerda, irei para a direita; se fores para a direita, irei para a esquerda» (Gn 13,8).

Diante deste ponto de vista, constitui-se um propósito de civilização e não uma conjuntura natural, que tem o privilégio de cumprir o mandamento de «amar o seu próximo como a si mesmo (Mt 22,39)». Para isso, é necessário: amar a si mesmo, amar os outros e amar os outros como a si mesmo.

---

<sup>1</sup> *Dicionário da Língua Portuguesa* (Lisboa: Porto Editora, 1995), 761.

<sup>2</sup> Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa*, 675.

<sup>3</sup> Exemplos de fraternidade na Bíblia: Génesis 4, 2-9; Génesis 13, 8; Deuteronómio 1,16; Deuteronómio 2, 4; Lucas 10, 29 -37; Êxodo 2, 11-22; Êxodo 6, 14-27; Atos dos Apóstolos 2, 44-47; Atos dos Apóstolos 4, 32 - 37; Atos dos Apóstolos 11, 27-30.

Ao longo da história, o conceito de fraternidade foi assumindo outras definições. Os iluministas começam a olhar para o conceito de fraternidade com outra interpretação, e a Revolução Francesa (1789) contribuiu, para esta alteração, que é impensável a igualdade e liberdade conciliarem-se sem a fraternidade.<sup>4</sup>

Foi da Revolução Francesa que surgiu o célebre lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, que mostrava a resignação à antiga governação e a recusa à ideologia cristã, que estava em vigor.<sup>5</sup>

Em 1789, o conceito de fraternidade está notavelmente patente nos ideais, reflexões, opinião pública e na luta pelos direitos universais, instaurando «o início da fraternidade entre os homens»<sup>6</sup>.

Através dos pensamentos iluministas, a França proclamou a 26 de agosto de 1789 a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão<sup>7</sup>, com ideias liberais, que defendem «o respeito pela dignidade das pessoas; a liberdade e a igualdade dos cidadãos perante a lei; o direito individual; o direito de resistência à opressão política; e o direito à liberdade de pensamento e opinião».<sup>8</sup>

A principal preocupação francesa foi a união nacional, fraternizando as classes sociais e reconhecendo todo o povo como irmão, promovendo a solidariedade e o amor à pátria. Este sentimento de união não prevaleceu estante no tempo, já que a Constituição Francesa de 1791, transformou a sua intenção de universalidade, num documento constitucionalista, exclusivo ao território francês.

No século XIX recuperam-se os ideários do cristianismo, enfatizando o conceito de fraternidade, como uma maneira de impedir a luta de classes. Este desígnio de fraternidade passa a ser reivindicado como um meio de justiça social.

O lema de “Liberdade, Igualdade, Fraternidade” reemerge em 1849, como o primórdio da nova República, assim que o Comité de Redação da Constituição assinala a 17 de maio o proémio «a república francesa é democrática e indivisível. Tem por princípios a liberdade, a igualdade e a fraternidade. E tem por base a família, o trabalho,

---

<sup>4</sup> Eric Hobsbawm, *A Era das Revoluções 1789 – 1848* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014), 110-114.

<sup>5</sup> Cf. Eric Hobsbawm, 119-120.

<sup>6</sup> Fernando Sá, *Senso moral e política: uma história da ideia de fraternidade/humanidade nos liberalismos dos séculos XVIII e XIX* (Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), 35.

<sup>7</sup> Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, acedido a 2 de setembro de 2022.  
<https://www.elysee.fr/la-presidence/la-declaration-des-droits-de-l-homme-et-du-citoyen>

<sup>8</sup> Olga de Oliveira, *Direitos na pós-modernidade: a fraternidade em questão* (Paris: Fundação Boiteux, 2011), 88-89.

a propriedade e a ordem pública».<sup>9</sup>

Ainda nesta época, «a revolução francesa vai conseguir consagrar na prática as ideias de liberdade e igualdade, que vão permitir enfraquecer a estrutura social da época».<sup>10</sup>

O conceito de fraternidade conquistou, com a revolução francesa, uma nova conotação e simultaneamente com os ideais de igualdade e liberdade passou a ser uma insurreição de ideias universais, que se propagaram na sociedade e no mundo, ocasionando mudanças culturais, políticas e sociais.

Foi com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas - ONU, em 10 de dezembro de 1948, que surgiu o reconhecimento universal e a responsabilização de todos pelos direitos humanos.

Esta liberdade não anula os deveres e responsabilidades que cada um de nós continua a ter com a comunidade envolvente. O sentimento de responsabilidade e fraternidade para com o nosso próximo deve existir sempre, como um princípio da dignidade humana e como uma aceção de alteridade, de respeito pelo outro, enquanto ser singular e diferente. Atendendo a esta ideia convém não descurar o princípio da relacionalidade humana, que o humano se descobre e descobre os outros através das relações, do convívio entre os seus semelhantes e dissemelhantes e, encaminha, desta forma, a humanidade para a necessidade de desencadear uma fraternidade humana.

Neste intervalo de noções e evoluções, surge a emergência de interação entre a fraternidade e o humanismo. A fraternidade carece de ser vivida e nutrida, isto porque, a sua essência está ligada à condição humana, em que se deve enfatizar o respeito pelas multiplicidades e pelas limitações de cada um, de modo a solidificar a igualdade e a liberdade.

Foram várias as correntes de pensamento e ação, como o liberalismo, o socialismo e a própria *Doutrina Social da Igreja*, que permitiram chegar a uma Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>11</sup>.

A fraternidade é um termo que se sustenta com a dependência e interligação a outros sentimentos, e esta só se torna verdadeira se habitada pela caridade, entrega,

---

<sup>9</sup> Cf. Fernando Sá, *Senso moral e política: uma história da ideia de fraternidade/humanidade nos liberalismos dos séculos XVIII e XIX*, 37.

<sup>10</sup> Maria Oliveira, *Direitos na pós-modernidade: a fraternidade em questão* (Florianópolis: Fundação Boiteux, 2011), 51.

<sup>11</sup> *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, acedido a 2 de setembro de 2022. [http://www.cne.pt/dl/1\\_declaracao\\_universal\\_direitos\\_homem.pdf](http://www.cne.pt/dl/1_declaracao_universal_direitos_homem.pdf).

solidariedade, gratuidade e reciprocidade. Os homens vivem inevitavelmente em dependência, em auxílio. O próprio S. João Paulo II via no sentimento de solidariedade uma:

«interdependência apreendida como sistema determinante de relações no mundo contemporâneo, com as suas componentes – económica, cultural, política e religiosa – e assumida como categoria moral. Quando a interdependência é reconhecida assim, a resposta correlativa, como atitude moral e social e como “virtude”, é a solidariedade. (...) determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos».<sup>12</sup>

Através do reconhecimento de reciprocidade é possível compreender que a interdependência é uma realidade; faz parte da vida; tudo está relacionado; todos dependemos uns dos outros e isto verifica-se ao nível humano, mas também ao nível de todas as outras criaturas.

A entrega ao “outro” de modo desinteressado é considerada como um dos primórdios fundamentais da *Doutrina Social da Igreja*, e o próprio *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* entende esta dádiva como:

«subjacente à experiência que a pessoa humana faz do seu existir junto com os outros no mundo, quer as repercussões desta dimensão sobre a consciência do homem, que adverte ser interpelado a gerir de forma responsável e convival o dom recebido. Prova disso é o reconhecimento universal da regra de ouro, em que se exprime, no plano das relações humanas, a lei que inscrita por Deus no homem: «Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles»<sup>13</sup>.

É importante ter em conta que sem laços de lealdade, cooperação e fraternidade, nenhuma sociedade consegue prevalecer no tempo e na história, e que o próprio conceito de fraternidade se revela como «um princípio que está na origem de um comportamento, de uma relação que deve ser instaurada com os outros seres humanos, agindo uns em relação aos outros, o que implica também a dimensão da reciprocidade [...]».<sup>14</sup>

Com isto, conclui-se que a fraternidade é muito mais que a simples conceção de responsabilidade de uns pelos outros. Estamos diante de um avanço doutrinário, pois,

---

<sup>12</sup> João Paulo II. «Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*», acessido a 12 de setembro de 2022. [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_30121987\\_sollicitudo-rei-socialis\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis_po.html). (s.d.). Obtido em 9 de novembro de 2011.

<sup>13</sup> Pontifício Conselho Justiça e Paz. «Compêndio de Doutrina Social da Igreja», acessido a 12 de setembro de 2022.

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_2006026\\_compendio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_2006026_compendio-dott-soc_po.html). (s.d.). Obtido em 5 de dezembro de 2011.

<sup>14</sup> Antônio Baggio, *O princípio esquecido: A fraternidade na reflexão atual das ciências políticas* (São Paulo: Editora Cidade Nova, 2008), 137.

efetivamente, abrange a humanidade como uma única família, patenteando-a como uma responsabilidade efetiva da cidadania comum. O princípio da fraternidade permite considerar um cidadão idêntico ao outro, um cidadão capaz de aceitar a sua paridade com o seu próximo. É primordial perceber que o sentimento de fraternidade é uma condição da vida, que só faz sentido, se for assumido como uma oportunidade de construção e de proximidade.

Em suma, esclarece Baggio que:

«A fraternidade possui uma finalidade em si mesma, se é realmente o espaço em que se realiza um encontro de consciência e de culturas, uma partilha de interioridades e uma deliberação intersubjetiva em torno da vida que compartilhamos, e que por isso se torna “nossa” e não apenas “de cada um”. É na fraternidade, então, que se encontram o “tempo presente”, a condição humana que compartilhamos nesse instante, e o “tempo justo”, o kairós em que a palavra que cada um sabe dizer ao outro e dele ouvir é revelação do segredo de cada um guardado pelo outro»<sup>15</sup>.

## 2. A perspectiva Cristã de Fraternidade

Na cosmovisão cristã a verdadeira preocupação religiosa e filosófica incide sobre questões de natureza da verdade, da própria existência da humanidade, da relação entre o universo e a vida, de problemas da sociedade, entre muitas outras questões. A preocupação com o outro, com o nosso irmão, sempre foi objeto de estudo, da intervenção de cariz cristão.

A própria encíclica de Bento XVI, *Caritas in Veritate*, propõe-nos uma “irmandade” universal, como uma necessidade para o desenvolvimento humano e global, de modo, a combater a crise que se faz sentir. Na encíclica, o termo fraternidade é tratado como uma adequação da religião na consolidação da sociedade humana, que «somente se pensarmos que somos chamados, enquanto indivíduos e comunidade, a fazer parte da família de Deus, como seus filhos, é que seremos capazes de produzir um novo pensamento e desenvolver novas energias ao serviço de um verdadeiro humanismo integral»<sup>16</sup>.

É de extrema importância compreender que a transcendência pessoal é o que nos motiva, nos aproxima de Deus. Só assim pode haver uma humanidade que se entende,

---

<sup>15</sup>Cf. Baggio, 130.

<sup>16</sup> Bento XVI, *Carta encíclica «Caritas in Veritate» sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade* (Prior Velho: Paulinas Editora), 2009.

que é solidária e atraída pela verdade, movida ao serviço do humanismo fraterno e da caridade cristã.

Desde sempre, a fraternidade teve uma grande relevância na perspectiva cristã, na história e cultura mundial e no pensamento da humanidade.

Na concepção cristã, somos todos irmãos e filhos no Pai. Ao sermos criados por um Deus (Pai), que é Trindade, fazemos parte da comunhão trinitária sendo ela mesma uma fraternidade universal.

A fraternidade incide sobre uma origem católica e associa-se a um ideal de amor ao próximo, de amar o outro independente de quem seja. Este termo remete-nos para o tratamento de Todos como irmãos, de proximidade, de relacionamento coletivo e mútuo, independentemente das diferenças de cada pessoa.

Desde o Antigo Testamento é possível presenciar passagens de proximidade, de fraternidade universal, em que Deus ao criar a humanidade, confiou em Adão, uma intenção de fraternidade que se desfaz nos seus filhos, em que Caim mata Abel por inveja, conforme descreve Gn 4,8 «Certo dia, depois de Caim ter falado com Abel, seu irmão, saíram para o campo. Encontravam-se lá, quando Caim atacou o irmão e o matou». Esta passagem bíblica retrata a disputa fraterna, as disposições internas de justiça e simplicidade, em Abel, e de malícia em Caim. Este diálogo imaginário, entre o bem e o mal, retrata o perigo, a tentação de atacar por inveja ao nosso “próximo”, ao nosso irmão, segundo o qual deveria ser tratado com cuidado, com sentimento de fraternidade. Mas Caim renegou este dever fraterno. O assassinato de Abel pode ser interpretado como um fratricídio<sup>17</sup>, pois ocorreu o homicídio entre irmãos.

Na visão atual, esta passagem bíblica remete para os atuais conflitos familiares, que acabam por destruir qualquer relação. Muitas vezes a sobrevivência pessoal e o egoísmo levam à perda de valores, que são fundamentais à solidariedade e à fraternidade de uma sociedade.

O Antigo Testamento aponta para o ideal de fraternidade como proclama o salmista: «Vede como é bom e agradável que os irmãos vivam unidos! (SI 133,1)». Mesmo diante deste ato de crueldade, entre irmãos, com o nosso “próximo”, os profetas veem em Deus, numa perspectiva escatológica, o único capaz de ainda reparar a fraternidade humana.

---

<sup>17</sup> Homicídio de um irmão ou irmã; crime de fratricida.

"fratricídio", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, acessido a 17 de setembro de 2022. <https://dicionario.priberam.org/fratric%C3%ADdio>

A fraternidade no Antigo Testamento é uma filiação do ser humano com Deus Pai: «Não temos todos nós um único pai? Não foi o mesmo Deus que nos criou? Por que razão, pois, somos nós pérfidos uns para com os outros?» – perguntava o profeta Malaquias» (Ml 2,10).<sup>18</sup>

Em Jesus Cristo, todos os que o acolhem transformam-se em filhos de Deus (Jo 1,9) e em irmãos por intermédio do “filho”, que aperfeiçoou os mandamentos veterotestamentários, referentes à ligação entre irmãos<sup>19</sup>, «Ouvistes que foi dito aos antigos: ‘Não matar’. Quem matar tem de responder em juízo. Mas eu vos digo: Quem se irritar contra o irmão tem de responder em juízo. Quem chamar seu irmão de tolo deverá comparecer ao sinédrio. E quem o chamar de louco será condenado ao fogo do inferno. Se, portanto, fores levar tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa tua oferta lá diante do altar e vai primeiro fazer as pazes com esse irmão e depois volta para fazer a oferta. Entra logo em acordo com o teu adversário, enquanto caminhas com ele, para não acontecer que ele te entregue ao juiz, e este ao guarda, e assim sejas preso. Na verdade, te digo: de lá não sairás, enquanto não pagares o último centavo (Mt 5, 21-26)».

### **3. A Igreja como compromisso com o outro**

A Igreja desde sempre primou por uma missão integral na sociedade. No mundo atual, as sociedades têm marcas acentuadas de distanciamento interpessoal, pluralismo de ideias, desigualdades políticas, econômicas e sociais, a sociedade é cada vez mais faminta de ideais fraternos, que fomente a integridade e inclusão.

À humanidade compete entender a urgência de atuar com compromisso e responsabilidade para levarmos a Palavra de Deus a Todos, como afirma o Papa Bento XVI: «Somente uma grande positividade pode atrair o nosso olhar – os horizontes da nossa razão»<sup>20</sup>.

A Igreja necessita de compreender a sociedade atual e as suas matrizes, para que possa intervir de modo adequado e assertivo, com o intuito de interagir e cumprir a sua missão no mundo. A partir do momento em que se dá um diálogo efetivo com o pensamento

---

<sup>18</sup> Bíblia Sagrada. *Missionários Capuchinhos* (Fátima: Difusora Bíblica, 2010).

<sup>19</sup> A fraternidade “tem origem numa vocação transcendente de Deus Pai, que nos amou primeiro, ensinando-nos por meio do Filho o que é a caridade fraterna.” Bento XVI, *Caritas in Veritate*, 19.

<sup>20</sup> Gerhard Muller, *Pobre para os pobres – A missão da Igreja* (Lisboa: Paulus Editora, 2014) 57,

religioso, é possível constatar que essa filosofia pode ser mais recetiva às experiências da realidade.

O cristianismo promove a união entre os seus membros, que é o primeiro e mais importante objetivo da diaconia. O cristianismo foca-se na solidariedade, amizade e cooperação entre as pessoas. A “diaconia” permite à Igreja assumir um papel central na sociedade, promovendo o crescimento do confronto social e da solidariedade.<sup>21</sup>

Parafraseando o papa Bento XVI, «a Igreja sempre funcionou como uma escola, onde os jovens recebem a educação cristã para fomentar o seu catolicismo. Os adultos participam na vida eclesial, fazendo parte do conselho pastoral. Exemplo disso são as diaconias dos primeiros tempos da Igreja em Roma». <sup>22</sup>

A Igreja, celebrando a fraternidade com toda a humanidade e partilhando o mesmo amor e o mesmo Deus, proclama que a fraternidade é um valor essencial na vida do ser humano. Esta convicção está expressa nos mais variados contextos litúrgicos e culturais: nas festas da Páscoa, no Dia dos Pais, nas missas extraordinárias, entre outras práticas.

A Declaração *Nostra Aetate* do Vaticano II sobre o diálogo inter-religioso, utiliza a expressão «Fraternidade Universal», como uma comunhão indispensável e trinitária, entre os humanos.

«Não podemos, porém, invocar Deus como Pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à Sua imagem. De tal maneira estão ligadas a relação do homem a Deus Pai e a sua relação aos outros homens seus irmãos, que a Escritura afirma: “quem não ama, não conhece a Deus (1 Jo.4,8)»<sup>23</sup>.

Em primeiro lugar, a comunidade religiosa representa o espiritual e temporal, união daqueles que se amam. O segundo é a caridade, que permite construir uma fraternidade criável, na qual os membros possam demonstrar-se corresponsáveis por todos os momentos do seu encontro individual. As comunidades religiosas são um dos principais elementos de união entre as pessoas no mundo. Elas oferecem um espaço para descobrir e expressar os sentimentos de amor comunitário. À Igreja é confiada a missão de lugar de oração, de intercessão e de serviço. A Igreja está sempre pronta a acolher os

---

acedido a 12 de setembro de 2022.

[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html)

<sup>22</sup>Cf. Muller, *Pobre para os pobres*, 22.

<sup>23</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, «Declaração *Nostra Aetate*, sobre a Igreja e as Religiões Não-Cristãs» (1966), acessido a 12 de dezembro de 2022,

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html).

seus membros, esperando que eles venham a ser uma força para a evangelização do mundo.

A Igreja Católica, promove o respeito e a tolerância entre as religiões. Neste sentido, repudia qualquer forma de discriminação ou violência contra quaisquer pessoas, por causa da sua fé. A crença na fraternidade é um signo do amor e da solidariedade. Cada um de nós é responsável pelo seu próximo. A fraternidade é das principais ferramentas para garantir a harmonia e o equilíbrio na sociedade. Na encíclica *Laudato Si'*, sobre o *Cuidado da Casa Comum*, o Papa Francisco defende, segundo a tradição cristã, que o Planeta Terra é uma riqueza comum, coletiva, por isso, também é uma «tremenda responsabilidade»<sup>24</sup> de todos. É o lar comum que «se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços»<sup>25</sup>.

Na encíclica *Lumen Fidei*, o papa Francisco reforça esta perspetiva ao fundamentar que só a fé possibilita ter respeito pela criação: «Faz-nos reconhecer nela uma gramática escrita por Ele e uma habitação que nos foi confiada para ser cultivada e guardada; (...) de que todos somos devedores; ensina-nos a individuar formas justas de governo, reconhecendo que a autoridade vem de Deus para estar ao serviço do bem comum»<sup>26</sup>.

O amor a Deus é uma das principais características do cristianismo. Este amor, que provém de Deus, procura com toda a sua atividade, despertar e estimular o desenvolvimento integral e harmonioso da pessoa, como agente do seu próprio crescimento, nas suas dimensões individual, social e religiosa.

A fé é um princípio básico do cristianismo. O amor a Deus tem sido considerado como uma das maiores expressões de “cuidado com o outro”.

A mensagem de Deus ensina-nos que todos somos iguais e que o amor é o fundamento da humanidade. Por isso, a meta de Cristo, não se limita a tornar-se o salvador da humanidade, mas busca por outras formas, a amizade e solidariedade, entre os homens.

A parábola *O Bom Samaritano* é uma das passagens bíblicas, para a compreensão deste amor ao próximo.

---

<sup>24</sup> Cf. Francisco, *Carta Encíclica «Laudato Si'». Sobre o cuidado da casa comum»* (Lisboa: Editora Paulus, 2015), 90.

<sup>25</sup> Cf. Papa Francisco, *Laudato Si'*, 1.

<sup>26</sup> Papa Francisco, «Carta Encíclica “Lumen Fidei”», acedido a 12 de dezembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20130629\\_encyclica-lumen-fidei.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_encyclica-lumen-fidei.html)

#### 4. A Parábola *O Bom Samaritano* como testemunho de fraternidade e cuidado ao próximo

Nos dias de hoje, com as adversidades sociais e mundiais que estamos a atravessar, o ser humano necessita de viver uma aproximação mais responsável e mais comprometida com o “desconhecido”. O cuidado com o outro deve ser um compromisso, um chamamento, uma consciencialização inerente a cada um de nós, que deve obrigar-nos a refletir, a debruçarmo-nos sobre os diversos meios, que permitam colmatar o sofrimento do mais vulnerável. A respeito desta problemática social, o Papa S. João Paulo II, na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, alerta para a importância das nossas ações e para o cuidado com o sofrimento alheio, explicando que:

«A eloquência da parábola do Bom Samaritano — como de todo o Evangelho, de resto — está sobretudo nisto: o homem deve sentir-se como que *chamado*, de maneira muito pessoal, a testemunhar o amor no sofrimento. As instituições são muito importantes e indispensáveis; no entanto, nenhuma instituição, só por si, pode substituir o coração humano, a compaixão humana, o amor humano, a iniciativa humana, quando se trata de ir ao encontro do sofrimento de outrem.»<sup>27</sup>

Esta narrativa alegórica é considerada uma decifração na compreensão do amor a Deus e ao próximo. A proximidade deve chamar-nos ao envolvimento, à entrega, onde todos temos o dever de ser participativos e assíduos, no combate ao sofrimento do outro.

No Evangelho de Lucas (Lc 10,25-37) é possível compreender o verdadeiro sentido do cuidado, que está estritamente presente na parábola *O Bom Samaritano*:

Um certo doutor da lei, que queria experimentar Jesus, levantou-se e fez-lhe esta pergunta: «Mestre, que devo eu fazer para ter direito à vida eterna?»<sup>26</sup> «Que diz a Escritura acerca disso?», respondeu-lhe. «Como é que a entendes?»<sup>27</sup> E ele disse: «Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a alma, com todas as forças e com todo o entendimento. E ama o teu próximo como a ti mesmo.»<sup>28</sup> Jesus comentou: «Respondeste bem. Faz isso e alcançarás a vida.»<sup>29</sup> Mas o doutor da lei, querendo justificar-se, tornou a perguntar: «E quem é o meu próximo?»<sup>30</sup>

Então Jesus contou o seguinte: «Ia um homem a descer de Jerusalém para Jericó. Caíram sobre ele uns ladrões que lhe roubaram roupa e tudo, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o quase morto.<sup>31</sup> Por casualidade, descia um sacerdote por aquele caminho. Quando viu o homem passou pelo outro lado.<sup>32</sup> Também por lá passou igualmente um levita que, ao vê-lo, se desviou.<sup>33</sup> Entretanto, um samaritano que ia de viagem passou junto dele e, ao vê-lo, sentiu compaixão.<sup>34</sup> Aproximou-se, tratou-lhe os ferimentos com azeite e

---

<sup>27</sup> Cf. João Paulo II, *Carta Apostólica “Salvifici Doloris”* (Braga: Editorial AO, 1996), 29.

vinho e pôs-lhe ligaduras. Depois colocou-o em cima do seu jumento, levou-o para uma pensão e tratou dele. <sup>35</sup>No outro dia, deu duas moedas de prata ao dono da pensão e mandou-lhe: “Cuida deste homem, e quando eu voltar pago-te tudo o que gastares a mais com ele.”<sup>36</sup> Jesus perguntou então ao doutor da lei: «Qual dos três te parece que foi o próximo do homem assaltado pelos ladrões?»<sup>37</sup> E ele respondeu: «O que teve compaixão dele.» Jesus concluiu: «Então vai e faz o mesmo.»<sup>28</sup>

Esta passagem foi um método que Jesus usou para falar com as pessoas sobre a obrigação de prestar auxílio ao “outro”. Um processo concebido para resultar numa ficção capaz de reescrever a vida.

Estamos perante uma forma especial e exemplar, que procura ressaltar «valores, atitudes ou comportamentos a imitar ou a evitar»<sup>29</sup>. Ao longo desta parábola, Lucas tenciona frisar que o plano de Deus procede de acordo com a Sua vontade, apesar das oposições que vai encontrando. Desta forma, «a narrativa destaca a soberania de Deus, sobre a humanidade e sobre a vontade de ver os humanos cooperarem com “Ele”. Quando os humanos lutam contra a vontade de Deus e se sublevam contra “Ele”, suportam as consequências de rejeitar o que é “bom”. Porém, aqueles que se submetem ao plano de Deus e permitem que “Ele” os conduza para a justiça, usufruem de “graças” incomensuráveis de Deus»<sup>30</sup>.

Na parábola *O Bom Samaritano* deparamo-nos, inicialmente, com o diálogo que Jesus tem com um doutor da Lei. Questionado como é possível obter a vida eterna, Jesus contrapôs com a lei judaica: “O que está escrito na Lei? (Lc 10,26). Deste modo, Jesus não pretendia ensinar nenhum novo ensinamento, mas ressaltar os princípios básicos da Lei de Deus. Porém, a preponderância e perspicácia do doutor da Lei, dificulta o reconhecimento da sua incapacidade, diante da Lei suprema de Deus, de ser submisso no cumprimento dos “mandamentos” e no reconhecimento da fraqueza humana. Esta Parábola faz-nos refletir no que realmente é importante para Deus. A honestidade em socorrer, quem mais precisa. O conhecimento e as próprias responsabilidades religiosas, que estavam subentendidas no levita e no sacerdote, não foram suficientes para superar a indiferença de ajudar o mais próximo. Contudo, o samaritano foi o único que auxiliou o homem, sem rezear a diferença. Focado nas fragilidades e nas feridas, que estavam diante do seu olhar. Este pratica a verdadeira fraternidade. O samaritano amou o outro, o seu

---

<sup>28</sup> Bíblia Sagrada, (Lisboa: Difusora Bíblica, 2003).

<sup>29</sup> Michel Gourgues, *As Parábolas de Lucas: do Contexto às Ressonâncias* (S. Paulo: Edições Loyola, 2005), 17-18.

<sup>30</sup> Cf. Paul Ricoeur, *A hermenêutica bíblica* (São Paulo: Edições Loyola, 2006), 111 - 156.

próximo de verdade. É importante ressaltar que o amor de Deus deve ser incondicional e estar sempre presente nos nossos corações, através do cuidado e das ações que praticamos.<sup>31</sup>

O Samaritano<sup>32</sup> surge nesta parábola, de forma propositada, como alguém, que vê um desconhecido esmorecido, “um outro”, mas o nosso “próximo”, que se compadece de auxílio:

A parábola altera a forma de pensar sobre “quem é o nosso próximo?”. A partir de si mesmo, o samaritano não olha à origem religiosa, cultural, social, mas sim, à compaixão pelo outro.

Através de Jesus Cristo entendemos o verdadeiro sentido da compaixão, que se encontra patenteado no samaritano, «é o único capaz de curar as feridas, porque corta o sofrimento de forma absoluta e pela raiz»<sup>33</sup>. Jesus, metaforicamente vai mais além no diálogo com o doutor da lei, explicando-lhe que o amor a Deus não pode ser separado daquele que é o nosso próximo «amarás o teu próximo como a ti mesmo (Gal 5,14)».

O sentimento de amor inevitavelmente remete-me para a seguinte interrogação: quem não consegue amar o seu irmão, que o vê e lida todos os dias com ele, será capaz de amar a Deus, que não o vê? É um risco “tremendo”, responder a esta questão, porém, não é menos arriscado pensar: não será o amor a Deus que gera o amor ao nosso próximo, ou a existência do amor ao próximo, é que espelha a presença do amor a Deus? Deus (Filho) veio ao mundo pela humanidade. Portanto, só se ama Deus no amor aos humanos, pelo próprio Deus. Não deixam de ser discussões pertinentes e exigentes para cada um de nós, na atualidade, que nos faz pensar na necessidade de viver mais para o outro, para o que necessita, para aquele que se sujeitou à morte e ressuscitou, por nós.

A parábola *O Bom Samaritano* sintoniza-nos hoje com o urgente cuidado “das feridas humanas”, para o reconhecimento e compromisso com o “outro”, diante da mais simples ou difícil realidade, que se possa presenciar. Nesta passagem, testemunhamos uma conexão direta entre a fé, a esperança e a caridade.

Como tal, pressupõem-se que a humanidade surgiu com o intuito de exercer o bem, «Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança (Gn 1,26)». Portanto, temos a responsabilidade de cuidar bem da criação, obra amorosa de Deus, cultivando e

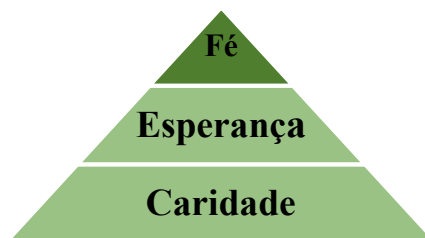
---

<sup>31</sup> Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *Misericordiosos como el Padre* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2015), 86-87.

<sup>32</sup> Para os judeus, no tempo de Jesus, eram pertencentes ao grupo dos marcados por mácula grave, tidos como o “lixo da comunidade” judaica.

<sup>33</sup> Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *Misericordiosos como el Padre*, 91.

praticando a virtude, com vontade de realizar o bem. É possível viver em harmonia com virtudes humanas, se as usarmos para conviver bem, com os outros, mas também devemos cultivar as virtudes na relação com Deus, as teologais.



**Figura 1 - Virtudes Teologais**

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, as virtudes teologais:

«(...) referem-se directamente a Deus e dispõem os cristãos para viverem em relação com a Santíssima Trindade. Têm Deus Uno e Trino por origem, motivo e objecto. As virtudes teologais fundamentam, animam e caracterizam o agir moral do cristão. Informam e vivificam todas as virtudes morais. São infundidas por Deus na alma dos fiéis para os tornar capazes de proceder como filhos seus e assim merecerem a vida eterna. São o penhor da presença e da acção do Espírito Santo nas faculdades do ser humano. São três as virtudes teologais: fé, esperança e caridade»<sup>34</sup>.

A fé sustenta a humanidade, por isso, devemos viver dela e praticá-la no nosso dia-a-dia, com os outros, sendo que «sem obras a fé está morta (Tg 2,26)». Através da fé, somos capazes de compreender e acreditar na verdade; só assim aceitamos e entregamo-nos a Deus, em plenitude.

A esperança sustenta o desejo, a crença e a confiança na felicidade, na concretização da ação, «corresponde ao desejo de felicidade que Deus colocou no coração de todo o homem; assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens, purifica-as e ordena-as para o Reino dos céus; protege contra o desânimo; sustenta no abatimento, dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna. O ânimo que a esperança dá preserva do egoísmo e conduz à felicidade da caridade»<sup>35</sup>.

Professar a caridade é amar o próximo como a nós mesmos, «assegura e purifica a nossa capacidade humana de amar e eleva-a à perfeição sobrenatural do amor divino (...). Os frutos da caridade são: a alegria, a paz e a misericórdia; exige a prática do bem e

<sup>34</sup> *Catecismo da Igreja Católica* (Coimbra: Gráfica,1999), 461.

<sup>35</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 462-463.

a correção fraterna; é benevolente; suscita a reciprocidade, é desinteressada e liberal; é amizade e comunhão»<sup>36</sup>.

Ainda nesta linha de observância, o *Catecismo da Igreja Católica* faz referência ao Bem Comum. Perante esta questão pode o ser humano conviver com os demais, sem saber o que é o bem comum? Cada um de nós interroga-se sobre como será possível alimentar na sociedade atual o bem comum e de modo a que esta preocupação continue a “germinar” na sociedade vindoura? Embora, aparentemente, pareça um assunto secundário, não deixa de ser pertinente e complexo, que nos leva à busca de encontrar as respostas mais adequadas, precisamente, no “egotismo humano”. O ser humano é predominantemente um ser subjetivo e simultaneamente exagerado, pela sua própria personalidade, pela obsessão com o seu bem-estar.

A humanidade tem o dever de se preocupar com os seus atos e com todos os agentes protagonistas, pois a imputabilidade e responsabilidade da humanidade só pode ser diminuída, se estiver diante do desconhecimento e da ignorância. Certo é que a liberdade só torna a humanidade responsável pela sua própria conduta, na medida, em que só é praticada se for com consciência. A liberdade deve ser implícita, e por sua vez, a ação deve comprometer a humanidade a escolher entre o bem e o mal, em detrimento de acertar ou errar, de ser louvado ou censurado. Contudo, «Quanto mais o homem fizer o bem, mais livre se torna. Não há verdadeira liberdade senão no serviço do bem e da justiça».<sup>37</sup>

O Bem Comum, segundo o *Catecismo da Igreja Católica*:

«(...) interessa à vida de todos. Exige prudência da parte de cada um, sobretudo da parte de quem exerce a autoridade. E inclui três elementos essenciais: (...) em primeiro lugar, o respeito da pessoa como tal. A sociedade humana deve empenhar-se em permitir, a cada um dos seus membros, realizar a própria vocação. Em segundo lugar, o bem comum exige o bem-estar social e o desenvolvimento da própria sociedade (...). Finalmente, o bem comum implica a paz, quer dizer, a permanência e segurança de uma ordem justa. As dependências humanas intensificam-se. Estendem-se, pouco a pouco, a toda a terra. A unidade da família humana, reunindo seres de igual dignidade natural, implica um bem comum universal»<sup>38</sup>.

Através da justiça, da equidade e do amor constrói-se o bem comum centrado na pessoa, para as pessoas, e de pessoas para pessoas, colmatando as diversidades e acudindo

---

<sup>36</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 464-465.

<sup>37</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 447.

<sup>38</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 480.

às necessidades sociais, ambientais, de alimentação, de saúde, de educação, políticas, entre outras. Todo o ser é responsável pelo seu “irmão”.

É esta ideia que iremos procurar aprofundar na encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco.

## **CAPÍTULO II – DAS ENCÍCLICAS *LAUDATO SI*, *FRATELLI TUTTI* E *CARITAS IN VERITATE* AO COMPROMISSO COM A FRATERNIDADE**

### **1. O conceito de ecologia integral e o cuidado com o outro: análise da Encíclica *Laudato Si***

Nos dias de hoje, podemos afirmar que estamos diante de uma humanidade que combate afincadamente os problemas ambientais de extrema seriedade, e é neste contexto, que se torna importante aprofundar conceitos como: ecologia integral; crise de valores; cuidado comum; responsabilidade cívica; encíclica; desenvolvimento sustentável versus desenvolvimento comunitário. Não descurando a importância que cada um dos conceitos anteriormente referidos tem, nem tão pouco caindo na tendência da organização/standardização de conceitos prioritários, parece-me pertinente considerar que só com o desenvolvimento comunitário, em que partimos do princípio que é social, ou seja, público e simultaneamente comum, é que podemos de modo universal, mover esforços para combater a crise ecológica e consciencializar a “pessoa”, as “pessoas”, da necessidade de mudança, de transformação e da responsabilidade ecológica.

A humanidade ainda não “combate afincadamente” a crise ecológica – quer porque se nega a deixar o seu modo de vida, nomeadamente no Ocidente; quer porque há uma consciência errada da natureza como extensa da qual se faz o que se pretende e que está apenas ao serviço do humano.

A encíclica *Laudato Si*, traduzida por “Louvado sejas”, com o subtítulo: *Sobre o Cuidado da Casa Comum*, é uma carta papal, do Santo Padre Francisco, que se debruça sobre o cuidado da “nossa casa comum”, realçando a necessidade de entender que o ser humano está intrinsecamente ligado à Terra e à Natureza e que todos fazem parte do mesmo todo. Por isso, desrespeitar a natureza é desconsiderar o próprio homem. Não podemos dissociar a necessidade de proteção aos mais vulneráveis da necessidade de proteção da natureza.

A encíclica contém uma argumentação religiosa, relativamente à imperiosidade de cuidar de toda a criação, o que terá, necessariamente, tradução e dado que o humano é um ser social, ao nível das medidas políticas, que são insuficientes para combater a crise ambiental e por sua vez a crise ética da humanidade.

Diante deste facto, não será prudente considerar que pode existir não uma, mas várias falhas, isto é, o afastamento da humanidade com Deus, com o nosso “próximo”, e com a terra, não terá sido fator decisivo na “deterioração ecológica”, que estamos a atravessar?

Estamos diante de «uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (LS 139)». É importante reconhecer que «não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio-ambiental (LS 139)».

Apesar da Carta Encíclica *Laudato Si'* focar uma ecologia centrada na dimensão ambiental, com destaque para a defesa e proteção do meio ambiente, o Papa Francisco também se preocupa com a ecologia social e económica, com que regemos o nosso dia-a-dia, as nossas ações, bem como, a forma como os governantes, dirigem o país. Não se descurando da importância individual que cada ser humano representa, no panorama atual, o Papa Francisco, não deixa de meditar sobre a “ecologia do homem”, que Bento XVI apresenta como inquietação. É inútil ambicionar melhorias económicas, e progresso, se não se consegue manter o respeito entre a natureza e o homem. Nesta linha de pensamento é importante compreender, que quer a ecologia económica, quer a social, devem estar plasmadas na economia ambiental, «o estado de saúde das instituições numa sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida humana (LS 142)».

Os combates, que vão devastando a humanidade e a natureza, são motivo de preocupação para o Papa Francisco, que nos adverte para os efeitos diretos, que prejudicam o planeta, e os que nele habitam. Logo, será pertinente pensarmos sempre de acordo com a Doutrina da Igreja em prol do bem comum, minimizando a discriminação e injustiça. E, nesta matéria é importante ressaltar, mais uma vez, o “princípio da alteridade”, de Emmanuel Lévinas, que se debruça sobre o “humanismo do outro homem”, que é representado por valores éticos de solidariedade e de responsabilidade, que ultrapassam a preocupação intersubjetiva, interpessoal e inter-humana. Refere que «é possível construir um estatuto ético pautado na relação ética caracterizado pela defesa e promoção da vida. Somos responsáveis pelo outro. Isso implica que não podemos excluir o outro que está exposto em sua nudez frente à violência, a dor, a fome, a morte e o extermínio produzidos pela ganância exacerbada do ter e do poder».<sup>39</sup>

Pensar com alteridade significa que antes de proferir qualquer expressão se deve

---

<sup>39</sup> Andrei Zanon, «O princípio da alteridade de Lévinas como fundamento para a responsabilidade ética», *Perseitas*, Vol 8 (2020): 75-103.  
<https://doi.org/10.21501/23461780.3489>

primeiramente considerar a existência da ética, no próprio pensar e agir. Segundo Lévinas, a relação com o outro, pauta-se pela forma como a ação humana se realiza:

«O inter-humano está também na providência de uns em socorro com os outros, antes que a alteridade prestigiosa de outrem venha banalizar-se ou ofuscar-se num simples intercâmbio de bons comportamentos que se terão como 'comércio interpessoal' nos costumes (...). É na perspectiva inter-humana de minha responsabilidade pelo outro homem, sem preocupação com reciprocidade, é no meu apelo e socorro gratuito, é na assimetria da relação de um ao outro»<sup>40</sup>.

Ainda segundo Emmanuel Lévinas, a sociedade atual está imbuída por um isolamento que não permite que as pessoas sejam reconhecidas nas suas singularidades e na sua dignidade, enquanto seres humanos, não são vistas como pessoas, mas como algo descartável e sem valor. A humanidade de hoje, cada vez mais uniformizada, não tem alcançado a serenidade nem o acordo entre os povos. Só o respeito pelo que é diferente, e a consideração pelas culturas diversificadas da nossa, tornará o mundo melhor e a humanidade mais fértil, admitindo que, «os ambientes onde vivemos influem sobre a nossa maneira de ver a vida, sentir e agir (LS 147) é necessária uma ecologia da vida quotidiana (LS 147-155)». Urge considerarmos que, para se recuperar o verdadeiro sentido do cuidado, é necessário e essencial que a humanidade tenha, especialmente, a consciência de quem é; das suas competências e fraquezas; o que ele ambiciona alcançar. Ou seja, o sujeito precisa fazer o exercício de autoconsciência / autoanálise e autocrítica, dando sentido ao viver. Precisa cuidar-se, ser cuidadoso, cuidar dos outros e saber o que é cuidar, praticando um dia a dia com cuidado.

Atualmente, estamos perante um afastamento crítico das pessoas e simultaneamente da religião, estamos diante de uma «privatização da fé»<sup>41</sup>, de uma premência de «acolhimento cordial»<sup>42</sup>, contrariando a tentação de ser menos administradores, em prol de uma atuação mais de pastor. Vivemos uma escassez de atuação humana.

Terá de haver uma revitalização da consciência de proximidade evangélica, de conhecimento mais profundo da «comunidade»<sup>43</sup>, De procurar as pessoas e não se

---

<sup>40</sup> Emmanuel Lévinas, *Entre nós. Ensaio sobre a alteridade* (Petrópolis: Editora Vozes, 2005), 141-142.

<sup>41</sup> Cf. Lévinas, 170.

<sup>42</sup> Francesca Ambrogetti e Sergio Rubin, *Conversas com Jorge Bergoglio*, (Argentina: Ediciones B Argentina S.A, 2010) 77.

<sup>43</sup> *Dicionário da Língua Portuguesa* (Porto: Porto Editora, 1982), 347

Comunidade: s.f, qualidade do que é comum; participação em comum; comunhão que vive em comum com recursos que não são da sua propriedade pessoal; (...).

resignar à espera do outro, essencialmente, tem que haver procura «uma vez dizia-me um sacerdote muito sábio que nos encontramos perante uma situação completamente oposta àquela que é evocada na parábola do pastor que tinha noventa e nove ovelhas no curral e foi buscar a que se perdeu (...) a opção básica da Igreja, atualmente, é sair para a rua à procura das pessoas, conhecê-las pelo seu nome. Mas não só porque essa é a sua missão, sair para anunciar o Evangelho, como também porque não o fazer torna-se nocivo». Não podemos viver em modo “closed space”. Nesta forma de viver ou estar há deterioração «como um quarto fechado, onde o mofo e a humanidade se expandem»<sup>44</sup>. Deve-se contrariar a tendência ao isolamento, deve-se “sair para a rua” e correr riscos, mas riscos que nos permitam, ver, conhecer, poder atuar; «o pastor que se encerra não é um autêntico pastor de ovelhas, mas sim, um penteador de ovelhas, que passa o tempo a fazer-lhes caracolinhos, em vez de ir procurar as outras»<sup>45</sup>. É importante promover a comunhão entre pessoas, promover o encontro com as pessoas, o que nos permite simultaneamente sair do “eu”, do comodismo, do facilitismo, o que não permite alargar horizontes, muito menos ouvir e ver o “outro”; «não podemos permanecer num estilo “clientelar” que, passivamente, espera que venha “o cliente”, o paroquiano»<sup>46</sup>.

É de realçar a “nossa” presença na sociedade; é necessário ir ao encontro do povo, mudar a mentalidade, desafiar a criatividade na atuação e promover «uma Igreja transmissora e facilitadora de fé»<sup>47</sup>. Caminhar juntos pelo bem, respeitando as diferenças, é um dos passos mais urgentes a realizar-se nos dias que correm. Temos que sublinhar o que de positivo existe. O que nos une é mais importante, do que o que nos separa, do que o que é negativo. Identificar prioridades permite fazer uma aproximação mais facilitadora e prolífera.

### *1.1 Apresentação formal e substancial da Laudato Si`*

O Papa Francisco, na carta encíclica *Laudato Si`* – sobre o cuidado da casa comum, explica o que é a Ecologia Integral e relembra-nos que tudo está interligado, é interdependente e que a dimensão humana, social, cultural, económica e ambiental da vida e das crises a que estamos a viver não estão desagregadas.

A carta encíclica *Laudato Si`*, da autoria do Papa Francisco, de 24 de maio de 2015,

---

<sup>45</sup> Cf. Francesca Ambrogetti e Sergio Rubin, *Conversas com Jorge Bergoglio*, 78.

<sup>46</sup> Cf. Francesca Ambrogetti e Sergio Rubin 80.

<sup>47</sup> Cf. Francesca Ambrogetti e Sergio Rubin, 81.

inspirado no *Cântico das Criaturas*, de São Francisco de Assis, “*Louvado sejam nas criaturas...*” encontra-se dividida em 6 capítulos, num total de 246 parágrafos. No decorrer dos 6 capítulos, o Papa faz uma exposição crítica sobre a crise ambiental – social. Não considera que existam duas crises (ambiental, social), mas sim uma só, consequentemente difundida ou diluída abarcando por osmose ambas. Está presente uma forte crítica ao modo de consumo exagerado por parte das pessoas e ao desenvolvimento insustentável. O Papa orienta para uma atitude global, direcionada não somente aos cristãos, mas para todas as pessoas, de modo a combater a degradação do meio ambiente.

Para uma melhor compreensão segue-se uma tabela sucinta, que evidencia a estrutura da Encíclica *Laudato Si`*.

	<b>Total de parágrafos</b>	<b>Capítulos</b>	<b>Temas</b>	<b>Parágrafos</b>	<b>Ideia chave</b>
<b>Encíclica <i>Laudato Si`</i></b>	246	Capítulo I: “O que está a acontecer à nossa casa”;	-Poluição e mudanças climáticas; - A questão da água; -Perda da biodiversidade; -Deterioração da qualidade de vida humana e degradação social; -Desigualdade planetária; -A fraqueza das reações; -Diversidade de opiniões;	44	-Problemas atuais, relacionados com o meio ambiente: poluição; mudanças climáticas; escassez de água; perda de biodiversidade e desigualdade global;

Este documento apresenta 6 capítulos, essencialmente focados na educação, com destaque para: formação, modelação dos comportamentos humanos, proteção da casa comum, respeito pela criação, e a intervenção da ecologia integral e humana, como cerne no campo de ação. O primeiro e segundo capítulos são compostos por 7 temas em debate,

		<p>Capítulo II: “O evangelho da criação”;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-A luz que a fé oferece;</li> <li>-A sabedoria das narrações bíblicas;</li> <li>-O mistério do universo;</li> <li>-A mensagem de cada criatura na harmonia de toda a criação;</li> <li>-Uma comunhão universal;</li> <li>-O destino comum dos bens;</li> <li>- O olhar de Jesus;</li> </ul>	38	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Baseia-se na bíblia, como fonte de descoberta;</li> <li>-Interpretação das histórias da criação do Génesis;</li> <li>-Cultivo responsável e a proteção da natureza;</li> </ul>
		<p>Capítulo III: “A raiz humana da crise ecológica”;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-A tecnologia: criatividade e poder;</li> <li>-A globalização do paradigma tecnocrático;</li> <li>-Crise do antropocentrismo moderno e suas consequências;</li> </ul>	35	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Explora tendências sociais e ideologias, que causaram problemas ambientais;</li> <li>-Uso irrefletido das novas tecnologias;</li> <li>Impulso de manipular e controlar a natureza;</li> <li>-Visão do ser humano, separado do maio ambiente; -</li> <li>Relativismo moral;</li> </ul>

o primeiro capítulo é composto por 44 parágrafos e o segundo por 38. O capítulo número 3 é composto por 3 temas: “a tecnologia: criatividade e poder”; “a globalização do paradigma tecnocrático”; e “a crise do antropocentrismo moderno e suas consequências”,

		Capítulo IV: “ Uma ecologia integral”;	- Ecologia ambiental, económica e social; -Ecologia da vida quotidiana; - O princípio do bem comum; -A justiça intergeracional;	25	-O ser humano é o guardião da criação; -Paradigma de conversão ecológica como visão da superioridade humana em relação às outras criaturas;
		Capítulo V: “Algumas linhas de orientação e ação”;	-O diálogo sobre o meio ambiente na política internacional; -O diálogo para novas políticas nacionais e locais; -Diálogo e transparência nos processos decisórios; -Política e economia em diálogo para a plenitude humana; -As religiões no diálogo com as ciências;	48	-A crise ecológica é da responsabilidade humana; -Cenário de globalização do paradigma tecnocrático é o modo como assumimos a tecnologia; -Paradigma homogêneo e unidimensional;

com 35 parágrafos. Em relação ao quarto capítulo, este é também composto por 4 temas: “ecologia ambiental, económica e social”; “ecologia da vida quotidiana”; “o princípio do bem comum”; e “a justiça intergeracional” e por 25 parágrafos.

Em relação ao quinto capítulo, este contém 5 temas: “o diálogo sobre o meio ambiente na política internacional”; “o diálogo para novas políticas nacionais e locais”; “diálogo e transparência nos processos decisórios”; “política e economia em diálogo para a plenitude

	Capítulo VI - “Educação e Espiritualidade ecológicas”	-Apontar para o outro estilo de vida;  -Educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente;  -A conversão ecológica;  - A alegria e a paz;  -Amor civil e político;  -Os sinais sacramentais e o descanso celebrativo;  -A trindade e a relação entre as criaturas  - A rainha de toda a criação;  - Para além do sol;	43	-Conversão ecológica e comunitária, em prol de uma mudança duradoura;
		<b>Oração pela nossa terra</b>		
		<b>Oração cristã com a criação</b>	<b>1 Parágrafo</b>	

humana” e “as religiões no diálogo com as ciências”, com 48 parágrafos. Por último, o sexto capítulo contém 9 temas: “apontar para o outro estilo de vida”; “educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente”; “a conversão ecológica”; “a alegria e a paz; “amor civil e político; “os sinais sacramentais e o descanso celebrativo”; “a trindade e a relação entre as criaturas”; “a rainha de toda a criação” e “para além do sol”, com 43 parágrafos. Esta encíclica tem ainda duas orações, durante um único parágrafo.

Ao longo dos 6 capítulos que compõem a encíclica *Laudato Si`* são diversos os temas e problemáticas que preocupam o Papa Francisco. É uma carta direccionada para a responsabilidade de toda a humanidade com a terra, nossa casa comum que ultrapassa as questões ecológicas. Todos nós pertencemos à Terra e não conseguimos sobreviver à

custa dela, temos que estabelecer uma ligação de reciprocidade. É necessário aprendermos a cuidar das feridas causadas à terra e ajudar a que os mais fragilizados encontrem o seu habitat.

O Papa João Paulo II também abordou a responsabilidade para com a natureza, esta como um dom de Deus, bem como, a necessidade de o homem colaborar com Deus, na promoção do meio ambiente, na prosperidade ordenada e a delineação de uma ecologia natural e humana. Como podemos constatar na Encíclica *Centesimus Annus*, publicada antes da *Laudato Si'*, e com o Papa Bento XVI, que também, já se foi antecipando com os ensinamentos de uma ecologia integral, na Encíclica *Caritas Veritate*.

A encíclica *Laudato Si* reporta-nos uma preocupação com o “todo”, englobando as pessoas e o meio ambiente. Esta tem raízes nas escrituras e na história do pensamento católico, concretamente na tradição da doutrina social da Igreja, nos finais do século XIX, que é quando surge a primeira encíclica social, a *Rerum Novarum*, de Leão XIII. Urge pensar na resolução de vários problemas, em simultâneo, criar uma conexão entre questões sociais e ambientais, a longo prazo. O que é ímpar nesta carta é a forma como o Papa aborda os temas, em busca de uma sustentabilidade social e ambiental, vindoura e permanente.

As mudanças climáticas são uma preocupação constante, que nos levam a enfatizar a necessidade de as combater, isto porque «muitos daqueles que detêm mais recursos e poder económico ou político parecem concentrar-se sobretudo em mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas (LS 26)». É importante delinear abordagens de emergência climática e de combate à crise da biodiversidade de modo a combater as emissões de carbono e de outros gases de efeito estufa, o desenvolver fontes de energia renovável e capacidade de armazenamento, a proteger as florestas, a vegetação e uma transição para métodos de produção e transporte energeticamente eficientes (LS 26).

Esta encíclica também assume um cariz social, preocupando-se com as pessoas mais vulneráveis e em situação de pobreza. Lembra que os mais “pobres” não devem ser colocados de fora, nem considerar que é um “outro” grupo, mas sim uma unificação do mesmo projeto de “cuidado”, tal como afirma a encíclica: Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio-ambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza» (LS 139).

Os países mais ricos devem ter um papel primordial na liderança e na redução das suas próprias emissões e na oferta de recursos aos países em desenvolvimento, que

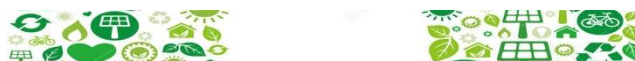
desejam fazer o mesmo (LS 170 -173). Com a *Laudato Si'*, também se pode prever que muitas pessoas abandonem as suas habitações, devido à destruição ambiental, por isso, deve haver uma cautela e resguardo, para essas pessoas em iminência de ficarem desalojadas.

O capítulo seis é marcado pela reflexão sobre o processo de conversão ecológica. O que nos aponta para uma maior contemplação sobre o verdadeiro poder e valor da natureza e a envolvência com esta, sem teor materialista e consumista. Mesmo sendo difícil de combater os sistemas económicos e políticos, que estão por detrás dos problemas ambientais, estes devem ser apontados, como grandes impulsionadores deste desequilíbrio e objeto de estudo e de transformação. Assim, é importante que as pessoas de fé se envolvam na política e trabalhem estrategicamente por uma mudança positiva. Parte disso pode acontecer a nível local, por meio da formação de cooperativas de energia renovável e iniciativas semelhantes (LS 79). Esta carta convida os católicos a principiarem nas questões políticas nacionais e internacionais, contrariando o incentivo para os líderes priorizarem ganhos de curto prazo e, em vez disso, defendendo políticas que apoiem os mais prejudicados e propaguem o bem comum, de longo prazo (LS 178).

### **Pai – Criador – DEUS**



### **MEIO AMBIENTE / MUNDO**



**TERRA/REALIDADE SOCIAL/ ÁGUA/ CRIATURAS/ NATUREZA**

**Problemas/ Degradação/ Crise/ Poluição/Pobres**

**Causadas pelo SER HUMANO**



**Resolução:** Trabalho/ Técnica/ Economia/ Progresso/ **DESENVOLVIMENTO**/  
Poder/ Política/ Ciência/ Ecologia/ Consumo Moderado/ Produção ajustada/ Igreja/  
Paz/ Respeito/ Igualdade/ Fé/ Transformação/ Mudança/ **ECOLOGIA INTEGRAL**

Figura 2 - Casa ecológica

Esta encíclica fomenta a crença e a esperança, tanto nas políticas específicas, como na ecologia integral, uma visão nova e mais satisfatória de política, de economia e do dia-a-dia, afirmando: «Mas nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se, para além de qualquer condicionalismo psicológico e social que lhes seja imposto (LS 205)». E por essa razão, «enquanto a humanidade do período pós-industrial talvez fique recordada como uma das mais irresponsáveis da história, espera-se que a humanidade dos inícios do século XXI possa ser lembrada por ter assumido com generosidade as suas graves responsabilidades (LS 165)».

Podemos considerar que a conversão ecológica não é um sistema meramente humano, mas um encontro com Deus, que origina uma transformação cheia de graça, no nosso coração e mente. *A Laudato Si`*, convida-nos a caminhar com fé, em direção a um mundo melhor e mais solidário.

### *1.2 A ecologia integral como paradigma da relação entre todas as criaturas*

O ambiente que nos rodeia condiciona-nos. Influencia a nossa maneira de ver o mundo e de estar no mundo, e desse modo, marca a nossa identidade e personalidade.

Temos de nos mentalizar com urgência do cuidar em conjunto os espaços a que pertencemos. Embora, a humanidade seja composta por diferentes “grupos”, todos devem estar integrados “uns com os outros”, no mesmo espaço. Só através deste modo de atuação, existe a integração, no qual “os outros” deixam de ser estranhos e podem-se sentir como parte do nós (LS 151)». A verdadeira conquista ecologia, só existe se a construção social for realizada em conjunto.

Uma questão central na ecológica humana e que causa influência na dignidade humana e no desenvolvimento das famílias, é a falta de habitação, em algumas partes do

mundo. É de todo impossível viver com “dignidade” se não existirem condições, que sustentem o conforto, o bem comum.

«A ecologia humana é indissociável da concepção de bem comum e este deve ser compreendido de modo consistente (LS 156-157)»: respeito por qualquer pessoa, concedendo-lhes circunstâncias para o progresso integral; aplicação do princípio da entre ajuda, entre grupos sociais, sobretudo no seio da família “célula basilar da sociedade” (LS 157); e serenidade pública – ponderação e maior justiça distributiva.

Necessitamos de combater o narcisismo sem limites em que vivemos e procurar uma construção da identidade equilibrada e nutrida de valores.

Não nos construímos sozinhos ou isolados uns dos “outros”. Necessitamos de nos “confrontarmos”, de mostrarmos que na diferença há significado e um maior relacionamento interpessoal. É este fator que gera a diferenciação entre as identidades pessoais.

É a “contaminação” de identidades que pode resultar na transformação e mudança de pares. Temos que percorrer um caminho de encontro com o outro e proporcionar a aprendizagem e alteração mútua, em prol de um bem comum. Cada um é o que é, resultado da sua interação, com o meio ambiente.

E só a propagação de uma ecologia “franciscana” nos pode proporcionar o engrenamento das relações familiares e fraternas, que tanto necessitamos, para ultrapassar a crise social e ambiental, que atravessamos.

Antes de ser feita uma abordagem sobre a ecologia humana e integral é importante compreender o cerne do conceito ecologia. Vejamos o que a obra “O que é a Ecologia” nos diz:

«ramo das ciências da vida que estuda as relações dos organismos vivos entre si e com o seu ambiente físico. Enquanto área independente do conhecimento, a ecologia é relativamente recente, podendo situar-se o seu aparecimento no final do século XX. Como disciplina divulgada e estudada em profundidade, tem pouco mais ou menos 60 anos. No entanto, as suas raízes têm milénios de existência: desde sempre o homem se preocupou em conhecer o ambiente à sua volta e as relações entre os seres vivos que com ele habitam na Terra»<sup>48</sup>.

O termo ecologia integral envolve várias formas de pensar. Não se limita só ao cuidado com a “criação”, ou seja, tudo o que existe foi “criado”, pelo “criador” - Deus mas, vai mais além e nesta visão de “criação”, envolve também a “criação humana”

---

<sup>48</sup> João de Melo e Carlos Pimenta, *O que é a ECOLOGIA*, (Lisboa: Difusão Cultural, 1993), 15.

englobando as dimensões ambientais, culturais, espirituais, sociais e económicas.<sup>49</sup>

Diante dos dilemas que atravessamos e das dimensões que necessitamos manter equilibradas, é caso para nos questionarmos: Em que casa vivemos? Estaremos nós a cuidar devidamente do nosso “lar”? Que providências estamos a ter, para que os “nossos” possam continuar a residir nela? Estamos todos nós a viver num lugar seguro e saudável?

São dúvidas consideráveis e perigosas, se partirmos do princípio que quer a humanidade, quer o ambiente correm riscos e atravessam conjunturas delicadas. É nestas circunstâncias que a *Laudato Si`*, sobre *O Cuidado da Casa Comum*, nos ajuda a refletir sobre o valor da Terra. O “criador”, «através do Papa Francisco, exorta-nos a que façamos algo antes que seja demasiado tarde»<sup>50</sup>

É importante trabalhar o conceito bio-socio-cultural, que está relacionado com a necessidade de despertar e sensibilizar o ser humano para as relações sociais com o seu meio natural, como forma de construir uma ecologia humana. Só a ecologia humana é capaz de relacionar o ambiente com a humanização, «qualquer que seja o prisma por que se pretenda considerar a interação entre os atributos “naturais” e culturais’ do ser humano, a ecologia humana tem de ir mais além dos princípios da ecologia geral, uma vez que a flexibilidade do homem em matéria de conduta, a sua capacidade para controlar as vizinhanças imediatas e a tendência para desenvolver cultura independentemente do ambiente são maiores do que as dos outros organismos (...) e chegou o momento de o homem administrar tanto a sua própria população com os recursos de que depende, dado que pela primeira vez na sua breve história se encontra perante limitações definitivas, e não puramente locais. O ordenamento dos ecossistemas e a ecologia humana aplicada tornaram-se assim novos empreendimentos que requerem a fusão de um conjunto de disciplinas e de missões que (...) têm sido promovidas independentemente umas das outras»<sup>51</sup>.

Deus quis partilhar connosco a estrada da vida para nos fazer compreender o seu legado e o seu brilho, «oferece-nos o Seu olhar para nela vermos a luz. Cristo é aquele que, tendo suportado a dor, tornou-se autor e consumidor da fé. O sofrimento recorda-nos que o serviço de fé ao bem comum é sempre serviço de esperança que nos faz olhar

---

<sup>49</sup> Cf. Boff, *Sustentabilidade: O Que é - O Que Não É* (Petropolis: Vozes, 2012), 97-98.

<sup>50</sup> Mary Elizabeth Clark, *Como ensinar as crianças a cuidarem da Criação de Deus* (Lisboa: Paulus Editora, 2019), 3.

<sup>51</sup> Eugene Odum, *Fundamentos da Ecologia* (Lisboa. F. C. Gulbenkian, 2004), 812 e 815.

em frente, sabendo que só a partir de Deus, do futuro que vem de Jesus Ressuscitado, é que a nossa sociedade pode encontrar alicerces sólidos e duradouros»<sup>52</sup>.

Embora residamos todos na Terra, há uma habitação perpétua, que desde sempre foi instaurada por Cristo, «cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus»<sup>53</sup>.

É importante encontrar soluções, embora não existam poderes mágicos e repentinos, não podemos deixar de acreditar na fé, esperança e na caridade, que nos impele a caminhar de modo estável.

O Papa Francisco recorre aos ensinamentos de São Francisco para reforçar o cuidado a ter com a casa comum e como apreciação da beleza natural:

«São Francisco de Assis (...) recordava-nos de que a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços. Esta irmã clama contra o mal que lhes provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa Terra oprimida e devastada, que “geme e sofre as dores do parto”. Esquecemo-nos de que nós somos terra. O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos»<sup>54</sup>.

É urgente estabelecer uma fraternidade universal, viver de modo estável e tornarmo-nos peritos no acolhimento recíproco, no diálogo e sermos agentes de paz, «é preciso imaginar e experimentar uma nova cultura em todos os âmbitos da vida social: a família, a política e a economia. Ou seja, a cultura das relações. Princípio da sabedoria e de desejo sincero de educação: cuidar da educação é amor.<sup>55</sup>».

O modelo de São Francisco de Assis é essencial para compreendermos a necessidade de relação entre a Criação e a conversão integral da pessoa, e que através desta possamos também reconhecer os nossos erros, pecados, vícios ou negligências, pois só assim conseguimos arrependermo-nos de coração e começamos a fazer uma mudança de dentro para fora. Não chega o esforço de cada um «aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias»<sup>56</sup>. É

---

<sup>52</sup> Francisco, *A mensagem de São Francisco - As palavras do Papa sobre a força e a importância do santo de Assis na Igreja de hoje* (Lisboa: Clube do Autor, 2017), 43 - 44.

<sup>53</sup>Cf. Francisco, 44.

<sup>54</sup> Cf. Francisco, 47.

<sup>55</sup> Cf. Francisco, 124.

<sup>56</sup> Cf. Francisco, 137.

necessário a força e contribuição de todos, «a conversão ecologia, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, e também uma conversão comunitária»<sup>57</sup>.

Esta transformação exige de nós uma mudança de atitudes, que implicam gratidão e gratuidade, ou seja, «reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai, (...) consciência amorosa de não estar separado das outras criaturas, (...) fazendo crescer as peculiares capacidades que Deus deu a cada crente, (...) para resolver os dramas do mundo, oferecendo-se a Deus, como sacrifício vivo, santo e agradável»<sup>58</sup>.

## **2. A construção de um mundo mais fraterno: análise da Encíclica *Fratelli Tutti***

«Como é importante sonhar juntos! (...) Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos. (...) Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos» (FT 8).

O ser humano coexiste desde sempre com e para outro. A história da humanidade demonstra-nos que este vive em constante conflito. A ânsia de poder e a vivência num mundo fechado impossibilitam a construção de um mundo mais fraterno. Onde fica a mensagem de Jesus Cristo «amai-vos uns aos outros como eu vos amei?» Em dois mil anos de história este desafio nunca se concretizou. A encíclica *Fratelli Tutti*, marcada pelo exemplo de Francisco de Assis e Charles de Foucault, expõe de uma forma clara este desejo para que esse amor pelo outro(s) se enraíze universalmente. É com este repto que é importante analisar o conceito de fraternidade - dimensão universal, amizade social, dignidade da pessoa humana, conjugando-os singularmente e pluralmente com intuito de fomentar a universalidade em detrimento do individualismo.

A encíclica *Fratelli Tutti*, traduzida por todos Irmãos, é uma carta papal, escrita pelo Papa Francisco no antes e pós a pandemia Covid 19 que se debruça sobre a dimensão universal do amor fraterno, da necessidade de amar todas as criaturas, sem fronteiras, superando imposições, distâncias e disputas. O Papa Francisco lança um sério apelo na encíclica e considera pertinente prosseguir um caminho de reflexão consciente para a mudança. O mundo social em que vivemos representa um conjunto de pessoas

---

<sup>57</sup> Cf. Francisco, 138.

<sup>58</sup> Cf. Francisco, 138

individuais. Mas, como ultrapassar este individualismo numa sociedade ligada cada vez mais em rede, mas desligada pelos laços humanos e com um fraco compromisso com o outro(s). Tendencialmente relativista acompanhada com sentimentos de indiferença perante situações que a todos deveriam inquietar.

A sociedade é composta por indivíduos com inúmeras características diferentes. Desde tenra idade somos educados para aceitar o outro na sua diferença, na idade, na nacionalidade, na língua, no tom de pele, ensinando-nos a importância da inclusão social dos mais frágeis. Mas, o individualismo sobrepõe-se à necessidade do outro e ultrapassa aquilo que o outro pensa.

Nesta linha de pensamento, consideremos aquilo que é apresentado no *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, que refere «A pessoa não pode jamais ser pensada unicamente como absoluta individualidade, edificada por si mesma ou sobre si mesma, como se as suas características próprias não dependessem mais de outros que de si mesma» (CDSI 3).

Apesar da sua unicidade e irrepetibilidade, o ser humano não pode ser pensado em si mesmo, mas em conjunto com o outro(s). A necessidade de socialização, aprendizagem, conhecimento, sobrevivência e relacionamento e ajuda são características que devem marcar a sociedade e que o papa explana de forma muito clara nesta encíclica.

O estranho caminho que o ser humano percorre, onde a constante marginalização causada pelo individualismo, como retrata a parábola do bom samaritano, deve ser motivo de reflexão. A inclusão ou exclusão do outro define os propósitos que a sociedade, religiões, economia e política pretende para a sociedade (FT 69). A dignidade e os direitos são elementos essenciais de todo o ser humano. Não faz sentido as organizações sociais aristocratas, piramidais, hierárquicas, feudais, feitas de senhores privilegiados e de servos, pois estas, representam grandes desigualdades e injustiças nos direitos e na distribuição da riqueza do mundo. Somos todos irmãos? Será que os princípios éticos que devem pautar o ser humano e a sua ligação ao outro estão presentes?

Estas perguntas são dissipadas na *Fratelli Tutti* com o convite a renovar o amor fraterno, onde «ninguém pode experimentar o valor de viver sem faces específicas para amar. Aqui está o segredo da verdadeira existência humana (FT 87)». O dinamismo universal do amor é feito para o próximo e o próximo é a própria conduta de se tornar presente. Esta proximidade ao outro exige uma abertura crescente, uma capacidade cada vez maior de acolher, integrar num sentido pleno. O amor aqui imerso exige uma abertura e uma capacidade, cada vez maior, de colher os outros, numa aventura nunca acabada que

integra todas as periferias para um sentido pleno de pertença recíproca com toda a humanidade. Este modelo de proximidade deve nascer, na *Amoris Laetitia* de uma abertura à realidade mais ampla desde o seio familiar: «Um casal que experimenta a força do amor sabe que este amor é chamado a curar as feridas dos abandonados, a estabelecer uma cultura do encontro, lutar pela justiça (AL 183)», até à unificação e aproximação, continental e intercontinental.

A concretização entre a relação local e universal incorpora uma “amizade social”, incorporando localidades, países e continentes. A sociedade necessita de entesourar na consciência de que ou somos todos salvos ou ninguém é salvo. Porque «A pobreza, a decadência, os sofrimentos de um lugar na terra são um viveiro silencioso de problemas que acabarão por afetar todo o planeta (FT 137)».

A “cultura do encontro”, que nesta encíclica adquire um novo desenvolvimento, o Papa alerta para a necessidade de um caminho saudável da sociedade irradiando a crescente «degradação ética, da bondade, da fé e da honestidade (FT 113)», causados pela colonização da comunicação virtual, do consumimos e do individualismo.

A necessidade de um amor universal, aberto a todos, supõe uma base de humanismo, respeitando o valor inalienável de cada pessoa humana e a sua dignidade. Por isso é «inadmissível que o local de nascimento ou residência já determine menos possibilidades de uma vida digna e de desenvolvimento (FT 121)» e que cada pessoa não tenha direito de usufruir dos recursos do planeta pela falta de recursos económicos. É assim importante entendermos que «o mundo existe para todos, porque todos os seres humanos nascem nesta terra com a mesma dignidade (FT 118)» ou, como expressou S. João Paulo II «Deus deu a terra a toda a humanidade para que sustente a todos os seus habitantes, sem excluir ninguém ou privilegiar a ninguém (CA 31)».

Com a proposta de um pensamento social de forma cristalina o Papa Francisco exprime que o papel das diferentes religiões é «valorização de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filha de Deus, oferecendo um valioso contributo para a construção da fraternidade e para a defesa da justiça na sociedade (FT 271)».

É pelo sonho de uma só humanidade, como filhos da mesma terra, que acolhe todos com as suas riquezas e convicções que cada um com a sua voz e a sua língua nos declaramos todos irmãos (FT 8).

## 2.1 Apresentação formal e substancial da Encíclica *Fratelli Tutti*

O Papa Francisco, na carta encíclica *Fratelli Tutti* – sobre a fraternidade e a amizade social, relembra-nos que somos todos irmãos, pois todos têm o mesmo Pai, Deus Criador.

A carta encíclica *Fratelli Tutti*, da autoria do Papa Francisco, de 3 de outubro de 2020, pela vida de São Francisco de Assis e de Carlos de Foucauld, desejavam sentir todo o Homem como irmão, encontra-se dividida em 8 capítulos, num total de 289 parágrafos.

Ao longo dos 8 capítulos o Papa, faz uma expedição crítica sobre a grave crise pandémica do Covid 19, a indiferença, a falta de respeito pelo ser humano e onde impera a falta de atenção pelo outro, o interesse do ser humano em dominar os outros e usar para proveito próprio os poderes e os negócios. O Papa através de uma fundamentação teológica e espiritual, assente na parábola O Bom Samaritano (Lc 10,25-37) aborda o tema da fraternidade, evocando os princípios da revolução francesa de liberdade, igualdade e fraternidade, orienta para a dignidade e os direitos humanos, direcionada não somente aos cristãos, mas para todas as pessoas, de modo a combater a indiferença (social) pelo outro.

Para uma melhor compreensão segue-se uma tabela, que apresenta:

	<b>Total de parágrafos</b>	<b>Capítulos</b>	<b>Temas</b>	<b>Parágrafos</b>	<b>Ideia chave</b>
<b>Encíclica <i>Fratelli Tutti</i></b>	287	Capítulo I: “As sombras dum mundo fechado”;	-Sonhos desfeitos em pedaços; -O fim da consciência histórica; -Sem um projeto para todos; - O descarte mundial; -Direitos Humanos não suficientemente	46	Problemas atuais, relacionados com a desigualdade dos direitos humanos, a escravatura, a colonialização cultural, a manipulação da democracia,

			<ul style="list-style-type: none"> <li>universais;</li> <li>- Conflito e medo;</li> <li>-Globalização e progresso sem rumo comum;</li> <li>-As pandemias e outros flagelos da história;</li> <li>-Sem dignidade humana nas fronteiras;</li> <li>-A ilusão da comunicação;</li> <li>-Agressividade despudorada;</li> <li>-Informação sem sabedoria;</li> <li>-Sujeições e autodepreciação;</li> <li>- Esperança;</li> </ul>		liberdade e justiça;
		<p>Capítulo II: “Um estranho no caminho”;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-A perspectiva de fundo;</li> <li>- O abandonado;</li> <li>- Uma história que se repete;</li> <li>- As personagens;</li> <li>Recomeçar;</li> <li>-O próximo sem fronteiras;</li> <li>-A provocação do forasteiro;</li> </ul>	30	<ul style="list-style-type: none"> <li>-A parábola <i>O Bom Samaritano</i> como luz entre as sombras do mundo</li> <li>-A inclusão e exclusão da pessoa que sofre</li> </ul>

		<p>Capítulo III:  “Pensar e gerar um mundo aberto”;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mais além;</li> <li>-O valor único do amor;</li> <li>-A progressiva abertura do amor;</li> <li>- Sociedades abertas que integram a todos;</li> <li>-Noções inadequadas dum amor universal;</li> <li>- Superar um mundo de sócios;</li> <li>-Liberdade, igualdade e fraternidade;</li> <li>- Amor universal que promove as pessoas;</li> <li>-Promover o bem moral;</li> <li>-O valor da solidariedade;</li> <li>- Repropor a função social da propriedade;</li> <li>-Direitos sem fronteiras;</li> <li>- Direitos dos povos;</li> </ul>	40	<ul style="list-style-type: none"> <li>-O amor universal de Deus;</li> <li>-A necessidade de uma abertura universal da fraternidade;</li> <li>-O bem comum;</li> <li>-O desenvolvimento integral da sociedade a nível económico, político e social;</li> <li>- A solidariedade;</li> </ul>
--	--	---	--	----	--

A encíclica é composta por 8 capítulos e 287 parágrafos o que, de imediato, nos ajuda a perceber a sua (considerável) extensão.

No capítulo 1, intitulado de *As sombras dum mundo fechado*, o Papa Francisco chama atenção para o despoletar de conflitos “antigos”, que se consideravam ultrapassados. Também alerta para o reaparecimento de nacionalismos fechados, despeitados e simultaneamente ofensivos e prejudiciais,

		<p>Capítulo IV:  “Um coração aberto ao mundo inteiro”;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-O limite das fronteiras;</li> <li>- Os dons recíprocos;</li> <li>-O intercâmbio fecundo;</li> <li>-Gratuidade que acolhe;</li> <li>- Local e universal;</li> <li>- O sabor local;</li> <li>-O horizonte universal;</li> <li>- A partir da própria região;</li> </ul>	25	<ul style="list-style-type: none"> <li>-O bem moral e amizade social</li> <li>-A gratuidade do ser humano</li> </ul>
		<p>Capítulo V:  “A política melhor”;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Populismos e liberais;</li> <li>-Popular ou populista;</li> <li>-Valores e limites das visões liberais;</li> <li>-O poder internacional;</li> <li>-Uma caridade social e política;</li> <li>-A política necessária;</li> <li>- O amor político;</li> <li>- Amor eficaz;</li> <li>- A atividade do amor político;</li> <li>-Os sacrifícios do amor;</li> <li>-Amor que integra e reúne;</li> </ul>	43	<ul style="list-style-type: none"> <li>-A política como serviço do bem comum e universal;</li> <li>-O acesso ao trabalho digno;</li> <li>-A caridade social no encontro com o outro;</li> <li>-A política como ação de ternura em prol da sociedade e dos mais desfavorecidos;</li> </ul>

			-Mais fecundidade que resultados;		
		Capítulo VI - “Diálogo e amizade social”	-O diálogo social para uma nova cultura; - Construir juntos; -A base dos consensos; -O consenso e a verdade; - Uma nova cultura; -O encontro feito cultura; -O prazer de reconhecer o outro; -Recuperar a amabilidade;	26	-O diálogo social como capacidade de respeito pelo outro; -O diálogo como instrumento para a criação de uma cultura de amizade social; -Aceitação do outro e da sua diferença como pacto social e cultural

«Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural único. Esta cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque «a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos (FT 12)».

Estamos diante de uma discórdia de nações e de um egoísmo ideológico, que nos faz perder a noção de unidade de povo e de nação, declinado numa perda de sentido social, a favor de interesses nacionais, em que «encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência (FT 12)». O eclodir e desenvolvimento, durante este último ano, da guerra em território ucraniano, promovida pela Rússia (de Putin), expõe, de modo dramático, como as observações do Papa Francisco, neste âmbito do nacionalismo e egoísmo ideológico, alcançam uma trágica corroboração da realidade.

		<p>Capítulo VII - “Percurso dum novo encontro”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recomeçar a partir da verdade;</li> <li>-A arquitetura e o artesanato da paz;</li> <li>- Sobretudo com os últimos;</li> <li>-O valor e o significado do perdão;</li> <li>-O conflito inevitável;</li> <li>- As lutas legítimas e o perdão;</li> <li>-A verdadeira superação;</li> <li>- A memória;</li> <li>-Perdão sem esquecimentos;</li> <li>- A guerra e a pena de morte;</li> <li>-A injustiça da guerra;</li> <li>- A pena de morte;</li> </ul>	45	<ul style="list-style-type: none"> <li>-A verdade como instrumento para justiça, misericórdia e paz;</li> <li>-A guerra como negação dos direitos humanos;</li> <li>-As armas nucleares, a prisão perpétua e a pena de morte como imperativo moral e humanitário;</li> </ul>
--	--	--	--	----	--

Segundo o Papa, a economia global instrumentaliza-nos, o que gera conflitos locais e a desvalorização do bem comum. Prevalece um novo mundo fechado, que inibe a existência de uma fraternidade universal. São muitas as feridas e as lacunas que acarretamos. A mudança é uma urgência.

Necessitamos de projetar mais amor fraterno e mais atitudes samaritanas, viver com mais verdade, fé e caridade, promovendo um mundo menos sombrio, alegre e gerador de amor fraterno.

O Papa espera que a palavra do Evangelho e a inspiração de S. Francisco, nos acompanhe para que o “nós” se realize no reconhecimento mútuo das particularidades. É sobre este “nós” que o sumo pontífice não se esquece da necessidade de reencontro com o outro.

	Capítulo VIII: “ As religiões ao serviço da fraternidade no mundo”	-O fundamento último; - A identidade cristã; -Religião e violência; - Apelo;	16	-O valor da vida humana nas diferentes religiões; -O papel das religiões na construção da fraternidade universal; -O papel da igreja católica na luta pela “liberdade, igualdade e fraternidade;
<b>Oração ao criador</b>			<b>2 Parágrafos</b>	
<b>Oração cristã ecuménica</b>				

O Papa Francisco convida a sairmos de “nós mesmos”, visto que estamos sempre focados na nossa própria satisfação: «Persistem hoje no mundo inúmeras formas de injustiça, alimentadas por visões antropológicas redutivas e por um modelo económico fundado no lucro, que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem. Enquanto uma parte da humanidade vive na opulência, outra parte vê a própria dignidade não reconhecida, desprezada ou espezinhada e os seus direitos fundamentais ignorados ou violados (FT 22)».

O Papa refere que o mundo pós-moderno potenciou a subjetividade, mas não nos ensinou a suportar e aceitar as diferenças.

As subculturas são sentenciadas, as diferenças entre ricos e pobres já não causam espanto, e a dignidade humana torna-se um assunto relativizado, quando não se coaduna com sustentação da lógica do mercado.

Parte da humanidade parece ser sacrificada em benefício de uma condição humana, que vive sem limites: «No mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia doutros tempos. Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha duma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão

enganadora: considerar que podemos ser onnipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco (FT 30)».

Considera o Papa Francisco que, com este uso “descartável” da pessoa, reaparecem realidades que julgávamos superadas, como a escravidão, o racismo e o fechamento a culturas e povos diferentes «o paradigma da totalidade fechada, inerente aos populismos excludentes, origina um mecanismo complexo na relação inter–humana, que acaba por dividir o mundo entre amigos e inimigos»<sup>59</sup>. Desta forma, o Papa conclui que os direitos humanos não são totalmente universais e que não são iguais para todos. Denuncia uma paz atribuída pelo medo e pela sujeição dos fracos. É importante reacender a esperança, na face do “outro”. Apesar do cenário sombrio que nos rodeia, o Papa Francisco reconhece que Deus continua a espalhar a semente da boa humanidade: «Convido à esperança que «nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive. Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor. (...) A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna». Caminhemos na esperança! (FT 55)».

O Papa Francisco, neste capítulo da encíclica *Fratelli Tutti*, ainda nos fala de uma sede de aspiração, do anseio de uma amplitude, de uma vida bem-sucedida, através da verdade, da bondade, da justiça e do amor.

No segundo capítulo, o Papa retorna ao conceito de esperança, como algo que nos provoca a sensibilidade, diante da fragilidade do outro, como nos relata a parábola *O Bom Samaritano*. É o evangelho que nos motiva e nos permite reconhecer e assumir a responsabilidade de tornar mais leve o fardo e reconhecer a dignidade aos sofredores do nosso tempo. Esta é a realidade da nossa época, caracterizada pela capacidade de irmos ao encontro do diferente de nós, com as suas diferenças e divergências, o que nos permite promover a conversão: «Sentar-se a escutar o outro, caraterístico dum encontro humano, é um paradigma de atitude recetiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro, presta-lhe atenção, dá-lhe lugar no próprio círculo. Mas, «o mundo de hoje, na sua maioria, é um mundo surdo (...). Às vezes a velocidade do mundo moderno, o frenesi impede-nos

---

<sup>59</sup> João Manuel Duque, *O próximo e a comunidade: Breve leitura da Fratelli Tutti* (Lisboa: Universidade Católica Editora), 15.

de escutar bem o que outro diz. Quando está a meio do seu diálogo, já o interrompemos e queremos replicar quando ele ainda não acabou de falar. Não devemos perder a capacidade de escuta (FT 48)».

O Papa convida-nos a ultrapassar o muro da insensibilidade, que nos torna seguros num bem-estar egoísta. A parábola *O Bom Samaritano* mostra-nos a iniciativa com que se pode refazer uma comunidade, a partir de homens e mulheres, que assumem como própria, a fragilidade do outro, fazem-se próximos, levantando e reabilitando o recaído, para que o bem seja comum.

O terceiro capítulo da *Fratelli Tutti* fala-nos dos princípios e valores da doutrina social da Igreja, do princípio da dignidade da pessoa, do amor, caridade, da solidariedade e da função social da propriedade.

Este capítulo foca a fraternidade como núcleo fulcral e associa-a à pessoa como centralidade, na medida em que se entrega e se dá aos demais: «Mas não posso reduzir a minha vida à relação com um pequeno grupo, nem mesmo à minha própria família, porque é impossível compreender-me a mim mesmo sem uma teia mais ampla de relações: e não só as do momento atual, mas também as relações dos anos anteriores que me foram configurando ao longo da minha vida (FT 88)».

Esta conceção de pessoa separa-nos da conceção típica do nosso tempo, que é o individualismo, em que as pessoas são vistas como “ilhas”, pessoas que se definem como indivíduos, ou seja, pessoas unitárias, sem vínculo com os demais, que se compreendem só a si mesmos e para si mesmos. Além do mais, o Papa diz que todos os humanos são seres sociais e que, por isso, não faz sentido formarmos famílias fechadas, em si mesmas. O ideal seria, ao invés, a hospitalidade, a abertura da própria casa, da própria vida, como já existiu nas culturas antigas, nos povos do deserto. Um outro princípio importante é a caridade, o amor que existe para com o outro, que se converte em amar e servir.

O amor e a caridade convidam-nos a alterar o nosso interior, pois a primeira mudança a ser feita, deve ser de dentro para fora, «Sendo assim o amor implica algo mais do que uma série de ações benéficas. As ações derivam duma união que propende cada vez mais para o outro, considerando-o precioso, digno, apazível e bom, independentemente das aparências físicas ou morais. O amor ao outro por ser quem é, impele-nos a procurar o melhor para a sua vida. Só cultivando esta forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos (FT 94)».

O Papa propõe um sistema de vida em que a pessoa tem de ser colocada em primeiro lugar na ordem de prioridades, e não pelo que se quer fazer valer, não pelo que pensa a sociedade, não pela sua rentabilidade, mas sim pelo que interage, no seio do meio envolvente (pelo que coloca ao serviço dos outros, do próximo).

O Papa ainda lembra o princípio da solidariedade como bem precioso, como algo que faz parte do bem comum, algo sólido, algo compartilhado. «Há um modelo de globalização que visa conscientemente uma uniformidade unidimensional e procura eliminar todas as diferenças e as tradições numa busca superficial de unidade. (...) Se uma globalização pretende fazer a todos iguais, como se fosse uma esfera, tal globalização destrói a riqueza e a singularidade de cada pessoa e de cada povo». Este falso sonho universalista acaba por privar o mundo da variedade das suas cores, da sua beleza e, em última análise, da sua humanidade. Com efeito, «o futuro não é “monocromático”, mas – se tivermos coragem para isso – podemos contemplá-lo na variedade e na diversidade das contribuições que cada um pode dar (FT 100)».

A solidariedade deve manifestar-se na preocupação com a justiça, com os últimos, com os “descartados”, traduzir-se em luta de causas sociais, com o cuidado com a casa comum, o nosso planeta. «Quero destacar a solidariedade, que «como virtude moral e comportamento social, fruto da conversão pessoal, exige empenho por parte duma multiplicidade de sujeitos que detêm responsabilidades de carácter educativo e formativo (FT 114)».

Uma outra questão muito importante neste capítulo é a função social da propriedade. A doutrina social da Igreja defende sobretudo o destino universal dos bens; estes, em última instância, repousam em Deus, são-nos confiados de graça, todos os recursos e todo o criado, somos a pensar no seguimento de Jesus Cristo, são oferecidos para que as pessoas, em escrupuloso respeito pela sua dignidade inalienável, tenham condições para conseguir habitar no universo. Portanto, a propriedade vai sempre ter uma hipoteca social, uma responsabilidade de partilhar com os mais necessitados. «Lembremo-nos que «a desigualdade não afeta apenas os indivíduos, mas países inteiros, e obriga a pensar numa ética das relações internacionais». E a justiça exige reconhecer e respeitar não só os direitos individuais, mas também os direitos sociais e os direitos dos povos (FT 126)».

Após analisar uma realidade bem concreta e atual, à luz da parábola *O Bom Samaritano*, no quarto capítulo, o Papa vai até uma realidade bem concreta, o tema das migrações e da amizade entre os países.

Sempre que milhares de pessoas são obrigadas a abandonar as suas pátrias, devemos facilitar o seu acolhimento, crescer e ajudar a estabelecerem-se com dignidade. «O caminho é criar reais possibilidades de viver e crescer com dignidade nos países de origem, a fim de se poder encontrar lá as condições para o próprio desenvolvimento integral. Mas, enquanto não houver sérios progressos nesta linha, é nosso dever respeitar o direito que tem todo o ser humano de encontrar um lugar onde possa não apenas satisfazer as necessidades básicas dele e da sua família, mas também realizar-se plenamente como pessoa (FT 129)».

O Papa recorda ainda S. Francisco, que foi em direção aos problemas dos seus contemporâneos e de todas as criaturas, optando pelo encontro, por entender de perto as questões e dificuldades do seu tempo.

Para além disso, o Papa ainda alerta para a gratuidade como princípio chave, recusando uma abordagem, atinente aos problemas fundamentais da humanidade, assente em qualquer forma de utilitarismo. «Todavia não quero limitar esta abordagem a qualquer forma de utilitarismo. Existe a gratuidade: é a capacidade de fazer algumas coisas, pelo simples facto de serem boas, sem olhar a êxitos nem esperar receber imediatamente algo em troca (FT 139)».

A gratuidade permite-nos fazer algumas coisas pelo simples facto de serem boas, sem olhar a êxitos, nem esperar receber algo, imediatamente em troca. Isto permite acolher o estrangeiro, mesmo que não traga de imediato benefícios palpáveis e afirma que quem não vive a gratuidade fraterna transforma a sua existência num comércio, cheio de ansiedade. E assim o Papa encaminha-nos para a amizade entre as nações, aponta para localidade e universalidade, onde o encontro verdadeiro com o outro só acontece na medida em que eu amo e conheço a minha própria cultura. Assim, não se fica fechado numa veia cultural isolada, e nem se dilui numa universalidade, que desfigura as peculiaridades, ou seja, uma sã abertura nunca ameaça a identidade, porque ao enriquecer-se com elementos de outros lugares, vive uma cultura viva, e esta não se transforma numa cópia, nem mera repetição, mas entende as novidades, segundo modalidades próprias e isto provoca o nascimento de uma nova síntese, que em última análise beneficia a todos.

«Existe uma falsa abertura ao universal, que deriva da superficialidade vazia de quem não é capaz de compreender até ao fundo a sua pátria, ou de quem lida com um ressentimento não resolvido face ao seu povo. Em todo o caso, «é preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós (FT 145)».

O pontífice faz-nos pensar em aceitar a construção que nenhum povo, nenhuma cultura, pode obter tudo de si mesmo, pois o outro é necessário para a construção de uma vida plena.

«A integração cultural, económica e política com os povos vizinhos deve ser acompanhada por um processo educativo que promova o valor do amor ao vizinho, primeiro exercício indispensável para se conseguir uma sadia integração universal (FT 151)».

A consciência do limite e da diferença, longe de ser uma ameaça, torna-se a chave para sonharmos e elaborarmos um projeto comum. Fazer resplandecer o evangelho do amor e do acolhimento, segundo o qual somos todos iguais, pede-nos sensibilidade com as realidades, compaixão com os sofredores, que carregam em si a mesma humanidade que a nossa, e por fim, gestos novos e desafiadores, para que hajam recomeços.

O quinto capítulo da *Fratelli Tutti* fala de uma política melhor que é aquela que se põe ao serviço da vida e que é necessária para o desenvolvimento de uma comunidade mundial, capaz de realizar a fraternidade a partir dos povos e nações, que vivam a amizade social. No entanto, também sabemos que uma fraternidade, que se coloca ao serviço do bem comum e constrói um outro mundo, também enfrenta os desafios de forças antifraternas, que impedem e deturpam o sentido da boa política. São Francisco de Assis, na sua carta aos governantes dos povos, exorta para que eles não se esqueçam e nem se afastem dos mandamentos de Deus, e que também não queiram ser os mais sábios e poderosos deste mundo. O projeto da fraternidade franciscana consiste em interligar-se e doar-se. O Papa alerta-nos para o perigo do liberalismo e popularismo e assim ele diz-nos que o desprezo pelos vulneráveis, pode esconder-se em formas populistas que, demagogicamente, se servem deles para os seus fins, ou em formas liberais, ao serviço dos interesses económicos dos poderosos. Justamente, o povo também se deve lembrar que quem conduz as nações também, faz parte do povo irmão e não devem deixar-se atrair pelo engrandecimento ou pela opressão ou ilusão do populismo. A verdadeira vida fraterna é popular, próxima e preocupada com o povo, e não se baseia na manipulação da consciência das pessoas.

«O amor ao próximo é realista, e não desperdiça nada que seja necessário para uma transformação da história que beneficie os últimos. Às vezes deparamo-nos com ideologias de esquerda ou pensamentos sociais cultivando hábitos individualistas e procedimentos ineficazes, porque beneficiam a poucos; entretanto a multidão dos abandonados fica à mercê da possível boa vontade de alguns. Isto demonstra que é

necessário fazer crescer não só uma espiritualidade da fraternidade, mas também e ao mesmo tempo uma organização mundial mais eficiente para ajudar a resolver os problemas prementes dos abandonados que sofrem e morrem nos países pobres. Naturalmente isto implica que não exista apenas uma possível via de saída, uma única metodologia aceitável, uma receita económica aplicável igualmente por todos, e pressupõe que mesmo a ciência mais rigorosa possa propor percursos diferentes (FT 165)».

Carecemos de vencer o individualismo, pela caridade vivida, como expressão do cuidado com os irmãos. É preciso unir tudo e todos, para que se viva um amor político e social e ao definir esse amor político o Papa Francisco, fala-nos que é preciso reconhecer o ser humano como um irmão e procurar uma amizade social, que integre a todos, não como uma mera utopia.

“Gostaria de insistir que «a política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma efficientista da tecnocracia». Embora se deva rejeitar o mau uso do poder, a corrupção, a falta de respeito das leis e a ineficiência, «não se pode justificar uma economia sem política, porque seria incapaz de promover outra lógica para governar os vários aspetos da crise atual». Pelo contrário, «precisamos duma política que pense com visão ampla e leve por diante uma reformulação integral, abrangendo num diálogo interdisciplinar os vários aspetos da crise». Penso numa «política salutar, capaz de reformar as instituições, coordená-las e dotá-las de bons procedimentos, que permitam superar pressões e inércias viciosas». Não se pode pedir isto à economia, nem aceitar que ela assuma o poder real do Estado (FT 177)».

Devemos exigir de nós a decisão e a capacidade de encontrar os percursos eficazes, que asseguram a sua real possibilidade. «A partir do «amor social», é possível avançar para uma civilização do amor a que todos nos podemos sentir chamados. Com o seu dinamismo universal, a caridade pode construir um mundo novo, uma vez que, não é um sentimento estéril, mas o modo melhor de alcançar vias eficazes de desenvolvimento para todos. O amor social é uma «força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo de hoje e renovar profundamente, desde o interior, as estruturas, organizações sociais, ordenamentos jurídicos (FT 183)».

O sexto capítulo tem como título “Diálogo e amizade social”, nos dias de hoje. Certo é que sem diálogo não há encontro e parece mais cómodo refugiar-se para fugir ao diálogo. A *Fratelli Tutti* lembra que não podemos confundir as emissões e opiniões

raivas, nas redes sociais, com o verdadeiro diálogo. E só se cresce em diálogo construtivo e aberto.

«Muitas vezes confunde-se o diálogo com algo muito diferente: uma troca febril de opiniões nas redes sociais, muitas vezes pilotada por uma informação mediática nem sempre fiável. Não passam de monólogos que avançam em paralelo, talvez se impondo à atenção dos outros pelo seu tom alto e agressivo. Mas os monólogos não empenham a ninguém, a ponto de os seus conteúdos aparecerem, não raro, oportunistas e contraditórios (FT 200)».

Sobre a fraternidade, São Francisco de Assis ensinou-nos que os irmãos deviam ser acolhedores, uns para com os outros, e desse modo deveriam nutrir um verdadeiro sentimento familiar. A adversidade deve ser vista como uma riqueza e não como um problema e através de Assis foi possível constatar que o irmão perfeito é o que percebe e soma as qualidades dos demais. Na fraternidade cada um é acolhido pelo dom de Deus, porém somos alertados pelo Papa que aos poucos na sociedade de hoje a conversação pode-se reduzir a meras negociações, para que cada um possa agarrar o poder e as maiores vantagens possíveis, sem uma busca conjunta, que gere o bem comum. Contrapondo-se a isso, o heroísmo de Francisco de Assis inspira-nos a sonhar com mais pessoas, que não liguem para as conveniências pessoais, que sejam cordiais, e que permitam chegar ao entendimento.

«O diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos. A partir da própria identidade, o outro tem algo para dar, e é desejável que aprofunde e exponha a sua posição para que o debate público seja ainda mais completo. Sem dúvida, quando uma pessoa ou um grupo é coerente com o que pensa, adere firmemente a valores e convicções e desenvolve um pensamento, isto irá de uma maneira ou outra beneficiar a sociedade; mas só se verifica realmente na medida em que o referido desenvolvimento se realizar em diálogo e na abertura aos outros (FT 203)».

Na geografia de Francisco, podemos ver que a caridade de Cristo o torna mais irmão dos que estão marcados com a imagem de Cristo. Sobre o modo de agir de Francisco de Assis faz-nos pensar que só com o diálogo podemos chegar juntos, mesmo que sejam muitas as diferenças. Não pode ser um pacto de conveniência, regido pelo relativismo, e sim um verdadeiro encontro, que mexa connosco, que nos faça reconhecer os valores dos outros.

«A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida». Já várias vezes convidei a fazer crescer uma cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes, porque «o todo é superior à parte (FT 215)».

Nos dias de hoje, Francisco manda-nos mudar de lugar e dialogar como pobre e com os pobres. É da periferia que o pobre pode-se sujeitar a mudar e a adquirir um novo ponto de vista, liberto do utilitarismo e da objetivação das pessoas. O Papa recorda que, mesmo diante do individualismo e do espírito do “salve-se quem puder”, ainda é possível optar pelo cultivo da amabilidade e que existem pessoas que conseguem e tornam-se estrelas no meio da escuridão.

«A amabilidade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm direito de ser felizes. Hoje raramente se encontram tempo e energias disponíveis para se demorar a tratar bem os outros, para dizer «com licença», «desculpe», «obrigado». Contudo de vez em quando verifica-se o milagre duma pessoa amável, que deixa de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, oferecer um sorriso, dizer uma palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença. Este esforço, vivido dia a dia, é capaz de criar aquela convivência sadia que vence as incompreensões e evita os conflitos. O exercício da amabilidade não é um detalhe insignificante nem uma atitude superficial ou burguesa. Dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura numa sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes (FT 224)».

São Francisco de Assis, que se fez modelo da docilidade, quis que os seus irmãos demonstrassem no mundo o amor de Cristo.

Devemos praticar uma fraternidade, que nos permita escutar e entender, que faça brotar a transformação do mundo pela cultura do encontro, e que domine as trevas da discórdia e do individualismo, com a luz de Cristo e que a raiz do tecer das nossas relações fraternas, sobre na humanidade o ânimo, como sinal de diálogo no mundo.

“Percursos de um novo encontro”, é o título do sétimo capítulo, que busca a modelagem de uma nova sociedade: «há necessidade de artesãos de paz prontos a gerar, com inventiva e ousadia, processos de cura e de um novo encontro (FT 225)».

O cuidado com os mais desfavorecidos, o anúncio da paz e a penitência, bem como, a misericórdia dos ministros são aspetos das ideologias franciscanas, que nos colocam num percurso de um novo encontro.

Segundo a encíclica *Fratelli Tutti*, novo encontro não significa voltar ao período anterior aos conflitos, porque com o tempo todos mudamos, a atribuição e os confrontos transformam-nos.

«Novo encontro não significa voltar ao período anterior aos conflitos. Com o tempo, todos mudamos. A tribulação e os confrontos transformaram-nos. Além disso, já não há espaço para diplomacias vazias, dissimulações, discursos com duplo sentido, ocultamentos, bons modos que escondem a realidade. Os que se defrontaram duramente falam a partir da verdade, nua e crua. Precisam de aprender a cultivar uma memória penitencial, capaz de assumir o passado para libertar o futuro das próprias insatisfações, confusões ou projeções (FT 226)».

A harmonia penitencial ajuda-nos a reconhecer os nossos erros, para um caminho na vida fraterna.

«O perdão e a reconciliação são temas de grande relevo no cristianismo e, com várias modalidades, noutras religiões. O risco reside em não entender adequadamente as convicções dos crentes e apresentá-las de tal modo que acabem por alimentar o fatalismo, a inércia ou a injustiça, e, por outro lado, a intolerância e a violência (FT 237)».

Temos de nos mentalizar da necessidade se sermos um instrumento de paz, que implica um caminho e processo de contínua conversão.

É importante lembrar, tal como diz o Papa Francisco, que paz não é apenas ausência de guerras, mas sim o empenho pela dignidade e o protagonismo de todos.

Francisco de Assis soube encarnar a opção pelos pobres, igualando-se a eles. Tinha consciência dos escolhidos, mas considerava-se humildemente mais um irmão, entre tantos.

Promover a paz coloca-nos em algumas lutas legítimas, pois, diante das injustiças, não nos podemos calar, e recordamos que amar os que nos perseguem não significa aceitar a opressão. Deus espera de nós um compromisso com a construção com um mundo novo, pacificado.

«Somos chamados a amar a todos, sem exceção, mas amar um opressor não significa consentir que continue a ser tal; nem levá-lo a pensar que é aceitável o que faz. Pelo contrário, amá-lo corretamente é procurar, de várias maneiras, que deixe de oprimir, tirar-lhe o poder que não sabe usar e que o desfigura como ser humano. Perdoar não

significa permitir que continuem a espezinhar a própria dignidade e a do outro, ou deixar que um criminoso continue a fazer mal. Quem sofre injustiça tem de defender vigorosamente os seus direitos e os da sua família, precisamente porque deve guardar a dignidade que lhes foi dada, uma dignidade que Deus ama (FT 241)».

Precisamos de nos lembrar que as guerras dilaceram e ferem são frutos do fracasso da política e da falta de diálogo. A conversão exige que nos tornemos filhos e irmãos da paz. «Assim, pretende-se indevidamente justificar inclusive ataques «preventivos» ou ações bélicas que dificilmente não acarretem «males e desordens mais graves do que o mal a eliminar». A questão é que, a partir do desenvolvimento das armas nucleares, químicas e biológicas e das enormes e crescentes possibilidades que oferecem as novas tecnologias, conferiu-se à guerra um poder destrutivo incontrolável, que atinge muitos *civis inocentes*. É verdade que «nunca a humanidade teve tanto poder sobre si mesma, e nada garante que o utilizará bem». Assim, já não podemos pensar na guerra como solução, porque provavelmente os riscos sempre serão superiores à hipotética utilidade que se lhe atribua. Perante esta realidade, hoje é muito difícil sustentar os critérios racionais amadurecidos noutros séculos para falar duma possível “guerra justa” (FT 258)».

O mundo está ferido por conflitos, mas temos de construir um novo caminho e que a misericórdia auxilie com o perdão e dobre em todos nós o amor, para que superemos a indiferença e toda a forma de rancor que destrói o coração, tornando-nos artesãos da paz e que a conversão constante nos leve dos tempos tenebrosos aos dias de profunda paz, que brote em cada um de nós e que se desdobre na vida de toda a humanidade.

O último capítulo da carta encíclica *Fratelli Tutti* tem como título: *As religiões ao serviço da fraternidade no mundo*, «as várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade (FT 271)».

Os homens e as mulheres constituem todos a mesma comunidade. Reconhecer a maternidade e paternidade de Deus é reconhecer todos como irmãos e irmãs, uns dos outros e, por conseguinte, ver que as diferentes formas de ser podem juntas construir uma grande fraternidade, onde reina o amor e a justiça.

«Por estas razões, embora a Igreja respeite a autonomia da política, não relega a sua própria missão para a esfera do privado. Pelo contrário, não pode nem deve ficar à margem na construção de um mundo melhor nem deixar de «despertar as forças espirituais» que possam fecundar toda a vida social. É verdade que os ministros da

religião não devem fazer política partidária, própria dos leigos, mas mesmo eles não podem renunciar à dimensão política da existência que implica uma atenção constante ao bem comum e a preocupação pelo desenvolvimento humano integral. A Igreja «tem um papel público que não se esgota nas suas atividades de assistência ou de educação», mas busca a «promoção do homem e da fraternidade universal (FT 276)».

Francisco de Assis foi um homem de diálogo e um cristão convicto da sua identidade, e no meio das guerras, em nome da fé conclamou os seus irmãos a serem anunciadores da paz.

«Existe um direito humano fundamental que não deve ser esquecido no caminho da fraternidade e da paz: é a liberdade religiosa para os crentes de todas as religiões. Esta liberdade manifesta que podemos «encontrar um bom acordo entre culturas e religiões diferentes; testemunha que as coisas que temos em comum são tantas e tão importantes que é possível individuar uma estrada de convivência serena, ordenada e pacífica, na aceitação das diferenças e na alegria de sermos irmãos porque filhos de um único Deus (FT 279)».

Deus é amor, que continua a não ser amado, quando pretensiosamente, para cumprir a sua vontade, se destila ódio e terror, sobre as pessoas. Tal como explicou o Papa Francisco, Deus não precisa de ser defendido por ninguém e não precisa que o seu nome seja usado, para aterrorizar as pessoas.

«O terrorismo execrável que ameaça a segurança das pessoas, tanto no Oriente como no Ocidente, tanto no Norte como no Sul, espalhando pânico, terror e pessimismo não se deve à religião – embora os terroristas a instrumentalizem – mas tem origem no cúmulo de interpretações erradas dos textos religiosos, nas políticas de fome, de pobreza, de injustiça, de opressão, de arrogância; por isso, é necessário interromper o apoio aos movimentos terroristas através do fornecimento de dinheiro, de armas, de planos ou justificações e também a cobertura mediática, e considerar tudo isto como crimes internacionais que ameaçam a segurança e a paz mundial. É preciso condenar tal terrorismo em todas as suas formas e manifestações». As convicções religiosas sobre o sentido sagrado da vida humana consentem-nos «reconhecer os valores fundamentais da nossa humanidade comum, valores em nome dos quais se pode e deve colaborar, construir e dialogar, perdoar e crescer, permitindo que o conjunto das diferentes vozes forme um canto nobre e harmonioso, e não gritos fanáticos de ódio (FT 283)».

O Santo de Assis foi completamente recetivo ao mistério do outro, e trabalhou grandemente para tecer uma comunhão universal e uma fraternidade universal.

«O mediador, ao contrário, é aquele que nada reserva para si próprio, mas que se dedica generosamente, até se consumir, consciente de que o único lucro é a paz. Cada um de nós é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de o conservar, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros (FT 284)».

E através desta identidade, a Igreja pode a partir da sua experiência de graça e pecado, compreender a beleza do convite ao amor universal.

O espírito de Assis recorda-nos que este continua presente, quando, como sinal, consegue reunir as diferentes religiões. Francisco e outras testemunhas inspiram-nos na busca pelo diálogo ecuménico. «Em nome de Deus e de tudo isto, (...) declaramos adotar a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério (FT 285)».

Em suma, um dos pilares do documento pontifício é “a cultura do encontro”.

Esta encíclica se destaca pelo apelo ao dinamismo universal do amor; pela urgência na relação entre o local e universal; pela existência de uma cultura de encontro; pela invocação de uma dignidade de todo o ser humano, para além das circunstâncias; pela necessidade de um destino comum dos bens; pela promoção humana, através do trabalho; pelo apelo a uma política saudável; e pela precisão de um amor, sem fronteiras. Esta encíclica consegue envolver e interrelacionar a dimensão antropológica, a dimensão política, dimensão social e económica.

## *2.2 As ameaças e as fragilidades da fraternidade mundial*

Sabemos que a fraternidade é constantemente ameaçada. Como encarar estas ameaças, numa sociedade onde o humano vale mais por aquilo que tem, do que por aquilo que é? Os avanços tecnológicos possibilitam ao homem estar em rede, de uma forma universal, mas a deterioração ética do mundo é cada vez maior, e a interação com o outro é cada vez mais ameaçada pelo digital. Como afirma Marciano Vidal, «El urbanismo, originado por la sociedad tecnificada y massificada, tiene indudables ventajas, pero conlleva también una serie de desventajas que atacan al núcleo íntimo del hombre como realidad ética»<sup>60</sup>.

---

<sup>60</sup> Vidal, Marciano, *Moral de Actitudes* (Madrid: PS Editorial, 1977), 21.

Atualmente, o ser humano apresenta um fraco compromisso com o outro. O mal moral que havia de pautar a consciência de todo o ser humano, deteriorou-se e a humanidade encontra-se numa encruzilhada.<sup>61</sup>

Nesta mesma linha de pensamento, o Papa Francisco reafirma que o ser humano parece esquecer-se que o mundo não gira apenas em torno de si próprio. Este pensamento relativista encaminha a pessoa para o individualismo, o egoísmo, o utilitarismo, o relativismo, o nacionalismo e o materialismo, atirando-a para o vazio existencial e relacional. Diversamente, necessário se afigura «Ser um povo: habitar juntos o espaço (...). Recuperar a vizinhança, o cuidado, a saudação. Romper o primeiro cerco do mortal egoísmo, reconhecendo que vivemos junto de outros, com outros, dignos da nossa atenção, da nossa amabilidade, do nosso afeto<sup>62</sup>».

A sociedade é composta por um conjunto de indivíduos, com diferentes características. Atualmente educa-se a sociedade desde a infância para a inclusão do outro, aceitando-o tal como ele é. A escola atual tem um conjunto de matrizes educacionais que orientam crianças e jovens, na dimensão ética para a diversidade<sup>63</sup>. Contudo, assistimos a situações deploráveis onde os mais frágeis e indefesos são desrespeitados. Deparamo-nos com o individualismo, egoísmo e a indiferença como práticas comuns da sociedade moderna. Estamos todos assustados e em tempo de guerra, sujeitos a uma ameaça mundial e um inimigo oculto.

A globalização uniu os povos e conduziu a novas oportunidades. Esta conjuntura pode difundir novos fenómenos políticos e sociais, conduzindo a um crescimento ainda maior dos movimentos nacionalistas e a uma provável transformação na extensão socioeconómica a nível geopolítico.

As feridas que a história da humanidade vai sofrendo põe em causa o “homem como realidade dinâmica, como projeto que se vai construindo e humanizando em prol da humanidade<sup>64</sup>. O desabrochar do individualismo e do nacionalismo exprime ameaçadas à fraternidade impulsionadas por correntes que procuram revolucionar o pensamento e a vida do ser humano.

---

<sup>61</sup> Vidal, Marciano, *Moral de Actitudes*, 14.

<sup>62</sup> Jorge Bergoglio (Papa Francisco), *O Verdadeiro Poder é Servir* (Braga: Nascente Editora, 2013), 102.

<sup>63</sup> Ministério da Educação, *Para uma Educação Inclusiva: Manual de apoio à prática* (DGE, 2018), 11-13.

<sup>64</sup> Marciano Vidal, *Moral de Actitudes*, 394.

A liberdade, igualdade, a fraternidade e os direitos humanos são inalienáveis; encontram-se, todavia, condicionados e «muitas vezes constata-se que, de facto, os direitos humanos não são iguais para todos (FT 22)».

Para além da desigualdade social, há outras maneiras de analisar a situação social, através da forma como trata os seus integrantes do ponto de vista econômico, regional, racial e de género.

A Igreja nos últimos séculos, por intermédio dos seus pastores universais, manifesta e revela a sua preocupação face às ameaças à fraternidade. O Papa Leão XXIII, na encíclica *Rerum Novarum* refere que é «necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida (RN 2)», de modo a combater a soberania política do socialismo e do comunismo, apelando à dignidade do trabalho, ao direito, à propriedade e à justa distribuição da riqueza. No quadragésimo aniversário da *Rerum Novarum*, o Papa Pio XI, na encíclica *Quadragesimo Anno*, reforça as ideias do Leão XIII, num período marcado pelo fim da I Guerra Mundial e o início da II Guerra Mundial, proclamando que os remédios para as ameaças às desigualdades passam pela cristianização da economia e pela caridade para com o outro. Na mesma linha de pensamento, João XXIII, na encíclica *Mater et Magistra*, afirma que a época moderna apresenta problemas «nas relações entre as comunidades políticas economicamente desenvolvidas e as que se encontram em vias de desenvolvimento econômico; as primeiras, por conseguinte, com alto nível de vida, as outras, em condições de escassez ou de miséria (MM 156)», e que a sociedade mundial vê na indústria bélica um negócio que provoca nos “povos a lei do temor”, que os induz a despender em armamentos fabulosas, somas de dinheiro, não com o intento de agredir, como dizem – e não há motivo para não acreditarmos – mas para conjurar eventuais perigos de “agressão” (PT 127).

Os terrores provocados pelas duas Grandes Guerras mundiais, leva ao aparecimento da Declaração Universal dos Direitos do Homem em 1945, que recuperando a matriz da revolução francesa, Liberdade, Igualdade e Fraternidade, estabelece como «o fim primordial manter e consolidar a paz entre os povos, desenvolvendo entre eles relações amistosas, fundadas nos princípios de igualdade, de respeito mútuo, de cooperação multiforme em todos os setores da atividade humana (PT 141)».

As guerras e os fracassos da humanidade, durante o século XX, originaram, pois, a proclamação da Declaração Universal dos Direitos do Homem, transparecendo que a sociedade universal tinha compreendido o significado do mal moral. Mas as ameaças e

fragilidades da fraternidade persistem, o que leva a enfatizar a necessidade de continuar a obstar e reprovar, pois, constantemente, «reacendem-se conflitos anacrónicos que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos. Em vários países, uma certa noção de unidade do povo e da nação, penetrada por diferentes ideologias, cria novas formas de egoísmo e de perda do sentido social mascarado por uma suposta defesa dos interesses nacionais (FT 11)».

O sentido moral do ser humano está a ser desafiado pelos avanços científicos e tecnológicos. O poder de um click possibilita a execução de um ser humano condenado à pena de morte, ou provoca um ataque nuclear que destrói a humanidade. A guerra e a pena de morte, como afirma o Papa Francisco, são «duas situações extremas que podem chegar a apresentar-se como soluções em circunstâncias particularmente dramáticas, sem se dar conta que são respostas falsas, não resolvem os problemas que pretendem superar e, em última análise, nada mais fazem que acrescentar novos fatores de destruição no tecido da sociedade nacional e mundial (FT 255)».

As novas patologias de comunhão<sup>65</sup> populistas e liberalistas expressam também elas um ataque de fundo à fraternidade, pois «o desprezo pelos vulneráveis pode esconder-se em formas populistas que, demagógicamente, se servem deles para os seus fins, ou em formas liberais ao serviço dos interesses económicos dos poderosos (FT 155)».

Mas, entender o conceito “populista” etimologicamente implica relacioná-lo com o conceito de povo, do latim “*populu*”<sup>66</sup>. João Duque, na obra “O próximo e a comunidade”, refere que «o conceito de povo é um conceito complexo que não coincide com a totalidade de uma determinada população, muito menos com a soma dos indivíduos que vivem um determinado território»<sup>67</sup>.

O conceito de povo, não sendo uma categoria lógica ou mística, apresenta-se como uma categoria mítica, onde se incorporam a categoria política, económica, social e cultural.

O populismo, incorporando o paradigma de totalidade fechada<sup>68</sup>, deteriora o verdadeiro significado de povo: «os grupos populistas fechados deformam a palavra «povo», porque aquilo de que falam não é um verdadeiro povo. De facto, a categoria de povo é aberta (FT 160)». A totalidade fechada, programa político das correntes

---

<sup>65</sup> João Duque, *O próximo e a comunidade: Breve leitura da Fratelli Tutti*, 9.

<sup>66</sup> *Dicionário da língua portuguesa*, 1135

<sup>67</sup> Cf. João Duque, *O próximo e a comunidade: Breve leitura da Fratelli Tutti*, 10.

<sup>68</sup> Cf. João Duque, *O próximo e a comunidade: Breve leitura da Fratelli Tutti*, 14.

populistas, origina sociedade divididas, daí a necessidade de um mundo com «políticas, colocadas ao serviço do verdadeiro bem comum (FT 154)» e de líderes à altura destes desafios.

Na verdade, só através de uma dimensão universal de encontro com o outro, é que se estabelecerá uma verdadeira relação, deixando para trás aquilo que é individualismo, egoísmo, utilitarismo, relativismo, materialismo, interesses conflituosos e nacionalismo. Encontramos, assim, aspetos que se cruzam e que abrem rasgos, que nos conduzem a compreender e a procurar viver em fraternidade.

### **3. O compromisso com a caridade fraterna: análise da Encíclica *Caritas in Veritate***

Falar de caridade é falar de relações humanas, que se geram no âmbito interpessoal, social e político. O termo caridade vem do latim “*caritate*”, «caridade é uma virtude teologal da religião cristã que consiste em amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo»<sup>69</sup>. Trata-se, portanto, de um amor sem segundos interesses. A caridade é a doação voluntária de ajuda aos necessitados, como um ato humanitário. A caridade acontece num determinado tempo histórico, num espaço e tempo concreto, portanto, podemos dizer que a caridade é histórica.

A caridade que tem fundamento teológico, manifesta-se no amor de Deus, pela ação do Espírito Santo.

O mundo carece de amor, de bondade contra a maldade, de justiça contra a injustiça e de humanidade contra a desumanidade. Embora estejamos em tempos de crise, também significa que estamos em tempos de ação, de atuar: «trata-se, portanto, de sair, de modo resoluto e responsável, da cultura da lamentação, sempre subalterna. E de mostrar que a maldade dos tempos não tem a última palavra, contrapondo-lhe não uma maldade de sinal oposto, mas uma práxis inspirada na diferença cristã, no Evangelho. É aqui que se torna urgente assumir a caridade da razão»<sup>70</sup>. É importante salvuardarmos uma caridade verdadeiramente de cariz social, como a que é abordada no *Catecismo da Igreja Católica*, e evocada por Bento XVI, na Encíclica *Deus Caritas Est*: «pedem que assumamos como nossa a ideia de que, se a caridade é amor pelo irmão, a justiça é amor pelos direitos dos

---

<sup>69</sup> *Dicionário da Língua Portuguesa*, 272.

<sup>70</sup> Cf. Luciano Manicardi, *A Caridade dá que fazer* (Lisboa: Editora Paulinas, 2016), 20.

irmãos. (...) justiça e caridade podem e devem encontrar-se: a justiça é o rosto social da caridade»<sup>71</sup>.

A encíclica “*Caritas in Veritate*”, de Bento XVI plasma a Doutrina Social da Igreja, acima de tudo, a relação entre a Igreja e o mundo, pois, aborda “o desenvolvimento humano integral, na caridade e na verdade” amplificando ao máximo o tema do desenvolvimento, presente na “*Populorum Progressio*” de Paulo VI.

É uma encíclica de amplo alento, admiravelmente encaixada no papado de Bento XVI, que abordou os termos “caridade” e “verdade”, em todo o seu magistério, pois também os considera o coração do cristianismo, e para além disso, também insere de modo essencial o tema de “Deus no Mundo” – ou seja, o cristianismo é vantajoso ou é imprescindível na construção do verdadeiro desenvolvimento humano. O Papa aborda esta ideia na encíclica e fundamenta-a. Por isso, trata-se de um escrito arrojado, que suprime qualquer dúvida possível entre a relação da fé cristã e a circunstância de que dela brota uma visão coerente da vida.

O mundo, segundo a “*Caritas in Veritate*” não pode ser acompanhado por uma caridade sem verdade, mas deve ser salvo pela caridade na verdade. A “*Caritas in Veritate*”, assegura que não existem duas doutrinas sociais, uma pré-conciliar e outra pós-conciliar, mas uma única Doutrina Social da Igreja, ou seja, a Igreja não parte “do cosmos”, mas da fé dos “evangelizadores”. Só assim a Doutrina Social da Igreja pode ser profícua para a humanidade.

A caridade deve ter uma capacidade crítica, enriquecida com justiça e inteligência, pois só assim as suas obras podem atuar com razão e não exclusivamente com o sentimento de “piedade”, sobre as realidades. Devem ainda conter uma palavra forte e profética, movida pelo amor, sobre os males que geram carência e discriminação.

«Caridade da razão, significa também capacidade crítica por parte da caridade. A caridade crítica sabe ler a situação histórica, sabe avaliá-la criticamente (...). A caridade crítica também deve ser autocrítica. Um trabalho caritativo que não se esforce por fazer sair o pobre da exclusão, torna-se cúmplice da marginalização da pobre a da sua instrumentalização»<sup>72</sup>.

Com isto podemos depreender que a caridade não pode ser capaz só de gestos, mas também de professar palavras; a caridade cristã tem em si própria uma grande força evangelizadora. A palavra da caridade é o próprio evangelho, o anúncio reservado aos

---

<sup>71</sup> Cf. Luciano Manicardi, 20.

<sup>72</sup> Cf. Luciano Manicardi, 22-29.

mais necessitados. «A caridade é exigente e exige que se assuma a responsabilidade pela palavra, responsabilidade pela qual a palavra pronunciada empenha toda a minha pessoa e já não é minha, mas pertence a quem a escuta. A caridade pede que se diga a verdade, que nos ponhamos do lado da vítima, dando-lhe voz, tornando-nos a voz daqueles que não têm voz»<sup>73</sup>.

A atualidade exige à fé que se reencontre com o equilíbrio, não através de uma casuística, mas através de uma fenomenologia do quotidiano.

Ser caridoso leva-nos ainda para um outro termo, que advém destes, o ser misericordioso, que se subentende como a necessidade de a humanidade participar na misericórdia de Deus, e assim, dar vida, mostrar amor, perdoar e de oferecer ajuda aos que precisam de sentir a necessidade de união, de cooperação, de proximidade, de saber esperar prontamente e entender as limitações e necessidades do outro.

Facto é que a necessidade de prática caridosa acentuada, se deve, ao surgimento do fenómeno de sobrepovoamento europeu, verificado a partir da segunda metade do século XIV, que careceu do acompanhamento dos sectores económicos e produtivos, levando a grandes desequilíbrios e consequente propagação da miséria. Historicamente falando, existem outros acontecimentos que influenciaram este desequilíbrio, como a economia mercantil, que gerou um fosso entre os favorecidos e os desfavorecidos e as epidemias. Estes fatores associados às falhas no sistema político, resultou em fluxos migratórios do campo para as cidades, com o objetivo de encontrar melhores condições de vida. Embora, com o decorrer dos tempos, as novas dinâmicas tenham sido preponderantes para a existência de um pensamento económico e social moderno, não foram suficientes para combater os desequilíbrios sociais, as guerras e a pobreza. O número de indigentes aumentou consideravelmente, e o pedido de esmolas tornou-se inevitável. Os governantes não criavam meios de subsistência que impedissem os pobres de mendigar.<sup>74</sup>

Diante desta realidade pouco resolvida, Bento XVI pronuncia-se:

«Perante o crescimento incessante da interdependência mundial, sente-se imenso — mesmo no meio de uma recessão igualmente mundial — a urgência de uma reforma quer da Organização das Nações Unidas quer da arquitetura económica e financeira internacional, para que seja possível uma real concretização do conceito de família de nações. De

---

<sup>73</sup> Cf. Luciano Manicardi, 34.

<sup>74</sup> Ana Paiva, *Pensamento Sociológico: Uma Introdução Didática às Teorias Clássicas* (Lisboa: Pactor, 2014), 67-142.

igual modo sente-se a urgência de encontrar formas inovadoras para atuar o princípio da responsabilidade de proteger e para atribuir também às nações mais pobres uma voz eficaz nas decisões comuns. Isto revela-se necessário precisamente no âmbito de um ordenamento político, jurídico e económico que incremente e guie a colaboração internacional para o desenvolvimento solidário de todos os povos. Para o governo da economia mundial, para sanar as economias atingidas pela crise de modo a prevenir o agravamento da mesma e em consequência maiores desequilíbrios, para realizar um oportuno e integral desarmamento, a segurança alimentar e a paz, para garantir a salvaguarda do ambiente e para regulamentar os fluxos migratórios urge a presença de uma verdadeira Autoridade política mundial, delineada já pelo meu predecessor, o Beato João XXIII. A referida Autoridade deverá regular-se pelo direito, ater-se coerentemente aos princípios de subsidiariedade e solidariedade, estar orientada para a consecução do bem comum, comprometer-se na realização de um autêntico desenvolvimento humano integral inspirado nos valores da caridade na verdade. Além disso, uma tal Autoridade deverá ser reconhecida por todos, gozar de poder efetivo para garantir a cada um a segurança, a observância da justiça, o respeito dos direitos. Obviamente, deve gozar da faculdade de fazer com que as partes respeitem as próprias decisões, bem como as medidas coordenadas e adotadas nos diversos fóruns internacionais. É que, se isso faltasse, o direito internacional, não obstante os grandes progressos realizados nos vários campos, correria o risco de ser condicionado pelos equilíbrios de poder entre os mais fortes. O desenvolvimento integral dos povos e a colaboração internacional exigem que seja instituído um grau superior de ordenamento internacional de tipo subsidiário para o governo da globalização e que se dê finalmente atuação a uma ordem social conforme à ordem moral e àquela ligação entre esfera moral e social, entre política e esfera económica e civil que aparece já perspetivada no Estatuto das Nações Unidas (CV 67)»<sup>75</sup>.

Com este cenário, o Papa propõe que se pratique uma práxis religiosa diferenciada: «trata-se, pois, de um princípio [a subsidiariedade] particularmente idóneo para governar a globalização e orientá-la para um verdadeiro desenvolvimento humano. Para não se gerar um perigoso poder universal de tipo monocrático, o governo da globalização deve ser de tipo subsidiário, articulado segundo vários e diferenciados níveis que colaborem reciprocamente. A globalização tem necessidade, sem dúvida, de autoridade, enquanto põe o problema de um bem comum global a alcançar; mas tal autoridade deverá ser organizada de modo subsidiário e poliárquico, seja para não lesar a liberdade, seja para resultar concretamente eficaz (CV 57)»<sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> Bento XVI, *Carta Encíclica “Caritas in Veritate”,* acedido a 15 de dezembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html).

<sup>76</sup>Cf. Bento, 641-709.

O grande desafio do Papa Bento XVI, na sua encíclica *Caritas in Veritate*, passa por repensar na hipótese de se criar uma «reforma do sistema financeiro e monetário internacional na perspetiva de uma autoridade pública de competência universal»<sup>77</sup>.

Contudo, nos tempos que correm, as condições de funcionamento do mercado de trabalho não garantem de forma automática e direta a emergência da solidariedade, deste modo, é necessário que o «desenvolvimento de uma inteligência coletiva que permita a reconstrução da solidariedade social e que será construída com base em vozes diversas, que reflitam a diversidade cultural e que permitam, assim, melhorar a qualidade de vida de forma global»<sup>78</sup>.

É neste cenário que a solidariedade surge como meio para combater a degradação e injustiça social. Frente a estas problemáticas, cada vez mais surgem projetos de voluntariado, com objetivos de intervenção cooperativa e de solidariedade. Tal como refere D. Manuel Clemente, «é preciso mais. É preciso que a subsidiariedade não dispense a coresponsabilidade de cada corpo intermédio, antes o potencie para o bem do conjunto. Por isso, subsidiariedade e solidariedade irão a par»<sup>79</sup>.

Os direitos assistem a todos os seres humanos; são uma conquista pessoal e unitária, e sobre este assunto Bento XVI pronunciou-se do seguinte modo, na sua encíclica:

«A solidariedade universal é para nós não só um facto e um benefício, mas também um dever». Hoje, muitas pessoas tendem a alimentar a pretensão de que não devem nada a ninguém, a não ser a si mesmas. Considerando-se titulares só de direitos, frequentemente deparam-se com fortes obstáculos para maturar uma responsabilidade no âmbito do desenvolvimento integral próprio e alheio. Por isso, é importante invocar uma nova reflexão que faça ver como os direitos pressupõem deveres, sem os quais o seu exercício se transforma em arbítrio. Assiste-se hoje a uma grave contradição: enquanto, por um lado, se reivindicam presuntos direitos, de carácter arbitrário e libertino, querendo vê-los reconhecidos e promovidos pelas estruturas públicas, por outro existem direitos elementares e fundamentais violados e negados a boa parte da humanidade. Aparece com frequência assinalada uma relação entre a reivindicação do direito ao supérfluo, se não mesmo à transgressão e ao vício, nas sociedades opulentas e a falta de alimento, água potável, instrução básica, cuidados médicos elementares em certas regiões do

---

<sup>77</sup> Pontifício Conselho de Justiça e Paz, *Para uma reforma do sistema financeiro e monetário internacional na perspetiva de uma autoridade pública de competência universal*, acedido a 17 de dezembro de 2022.

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_2011024\\_nota\\_po.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_2011024_nota_po.htm), acedido a 15 de dezembro de 2022.

<sup>78</sup> Philip Brown e Lauder Hugh, *Human capital, social capital and collective intelligence*. In S. Baron; J. Field e T. Schuller. *Social Capital: Critical perspective* (Oxford: New York, 2000), 226-242.

<sup>79</sup> Manuel Clemente, *Porquê e para quê. Pensar com esperança o Portugal de hoje*, (Lisboa: Assírio e Alvim, 2010), 81-82.

mundo do subdesenvolvimento e também nas periferias de grandes metrópoles. A relação está no facto de que os direitos individuais, desvinculados de um quadro de deveres que lhes confira um sentido completo, enlouquecem e alimentam uma espiral de exigências praticamente ilimitada e sem critérios. A exasperação dos direitos desemboca no esquecimento dos deveres. Estes delimitam os direitos porque remetem para o quadro antropológico e ético cuja verdade é o âmbito onde os mesmos se inserem e, deste modo, não descambam no arbítrio. Por este motivo, os deveres reforçam os direitos e propõem a sua defesa e promoção como um compromisso a assumir ao serviço do bem. Se, pelo contrário, os direitos do homem encontram o seu fundamento apenas nas deliberações duma assembleia de cidadãos, podem ser alterados em qualquer momento e, assim, o dever de os respeitar e promover atenua-se na consciência comum. Então os governos e os organismos internacionais podem esquecer a objetividade e ‘indisponibilidade’ dos direitos. Quando isto acontece, põe-se em perigo o verdadeiro desenvolvimento dos povos. Semelhantes posições comprometem a autoridade dos organismos internacionais, sobretudo aos olhos dos países mais carecidos de desenvolvimento. De facto, estes pedem que a comunidade internacional assuma como um dever ajudá-los a serem ‘artífices do seu destino’, ou seja, a assumirem por sua vez deveres. A partilha dos deveres recíprocos mobiliza muito mais do que a mera reivindicação de direitos (CV 43)»<sup>80</sup>.

E jeito de síntese, a encíclica *Caritas in Veritate* está preocupada com a ética da gratuidade e da fraternidade, enraizada no amor, como principal motor de base de transformação. «É necessária uma nova forma de atuação, movida com amor, com ideais de fraternidade, solidariedade, gratuidade e relacionalidade (CV 37)».

O sistema económico deve ser analisado e repensado como uma «lógica da política e a lógica do dom sem contrapartida (CV 37)». Desfasado de condicionantes, o Papa desafia-nos a colocar a preocupação com o “outro”, como importância primária.

### 3.1 Apresentação formal e substancial da Encíclica *Caritas in Veritate*

*Caritas in Veritate* (CV), a terceira encíclica de Bento XVI, inclui-se na tradição das encíclicas sociais, que habitualmente consideramos ter-se iniciado, na fase moderna, com a *Rerum Novarum*, de Leão XIII. Chega dezoito anos depois da encíclica social precedente, a *Centesimus Annus*, de João Paulo II – quase vinte anos depois, portanto, do último grande documento social. Esta encíclica é chamada de uma encíclica sobre “o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade”.

---

<sup>80</sup> Cf. Bento XVI, *Caritas in Veritate*, 43.

Estamos diante de uma constante mudança, e a Igreja não tem resoluções técnicas imediatas a apresentar, como a *Caritas in Veritate* nos lembra, mas tem a missão de recordar e iluminar a história humana, com a luz da verdade e o calor do amor de Cristo.

A arbitrariedade que nasce da ideologia da técnica é um dos maiores problemas do mundo de hoje, como fica bem claro na encíclica *Caritas in Veritate*.

Uma outra problemática reside na saída de alguns grandes países, que saíram de uma situação subdesenvolvida, que geraram mudanças notórias na harmonia geopolítica mundial.<sup>81</sup>

	Total de parágrafos	Capítulos	Temas	Parágrafos	Ideias-chave
<i>Encíclica Caritas Veritate</i>	79	Capítulo I: “A mensagem da Populorum Progressivo;	-Encíclica sem temas definidos	10	-A Igreja como ato de agir em liberdade; -Evangelho como construção de uma sociedade produtiva;
		Capítulo II: “O desenvolvimento humano no nosso tempo”;		12	-Desenvolvimento humano no nosso tempo; -Necessidade de uma nova síntese humanista;
		Capítulo III: “Fraternidade, desenvolvimento económico e sociedade civil”;		8	-Princípio da gratuidade; -Solidariedade e responsabilidade social;
		Capítulo IV: “Desenvolvimento dos povos, direitos		9	-Solidariedade universal, como dever; -Vida como riqueza

<sup>81</sup> Cf. Bento XVI, «*Caritas in Veritate*», 43.

	e deveres, ambiente”;			económica e social; -Beleza da família e do matrimónio; -Dimensão ecológica, como cuida e preservação;
	Capítulo V: “A colaboração da família humana”;		14	-Relações interpessoais com Deus e com o outro; -A Igreja como sinal e instrumento de comunhão; -Princípio da subsidiariedade, que respeita a autonomia dos corpos intermediários;
	Capítulo VI - “O Desenvolvimento dos povos e a técnica”;		9	-Reconhecer as normas fundamentais, da lei moral, natural, que Deus implementou nos nossos corações; -Formação para a responsabilidade ética no uso da técnica;
<b>Conclusão</b>		<b>2 Parágrafos</b>		

O amor – “caritas” – é uma força extraordinária que impulsiona as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, na dimensão da justiça e da paz»<sup>82</sup>. Um dos temas em destaque, na *Caritas in Veritate*, está relacionado com o amor, na constituição de uma sociedade.

«O amor – caritas – será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa. Não há qualquer ordenamento estatal justo que possa tornar

<sup>82</sup> Bento XVI, «*Caritas in Veritate*», 1.

supérfluo o serviço do amor. Quem prescinde do amor prepara-se para se desfazer do ser humano enquanto ser humano. Sempre haverá sofrimento a precisar de consolação e ajuda. Sempre haverá solidão. Existirão sempre situações de necessidade material, para as quais é indispensável uma ajuda na linha de um amor concreto ao próximo. Porque o homem não precisa só de ‘pão’ - de ajuda material -, mas também de uma dedicação pessoal que faça com que se sinta amado, porque, em suma, é o amor que faz viver. Também deste ponto de vista, a ‘a Igreja nunca poderá ser dispensada da prática da caridade enquanto atividade organizada dos crentes, como aliás nunca haverá uma situação em que não seja precisa a caridade de cada um dos cristãos, porque o ser humano, além da justiça, tem e terá sempre necessidade de amor».<sup>83</sup>

A encíclica inicia, lembrando-nos que a caridade na verdade é impulsionadora, permite desenvolver a humanidade e a via mestre da doutrina social da Igreja: “ela é tudo, porque Deus é caridade”. Contudo, não nos podemos esquecer da importância de manter a caridade unida e incorporada na verdade. Que sentido faz viver uma caridade sem verdade?

A caridade que não é praticada com verdade passa a ser vista como um sentimentalismo convencional e circunstancial. Neste ponto ressalta-se a ideia de bem comum, que só existe quando manifestamos o amor pelo próximo, deixando de lado os interesses pelo bem individual. Temos de privilegiar um desenvolvimento integral, dos mais esquecidos na sociedade, escutar a voz que pede ajuda, libertar os pobres com gestos concretos de solidariedade.

Ao longo do primeiro capítulo, o Papa Bento XVI relembra-nos a visão da Igreja inteira, em todo o seu ser e agir, quando apregoa, celebra e atua na caridade, que por sua vez, tende a promover o desenvolvimento integral do Homem, e por isso, é fundamental para a Igreja poder agir, num regime de liberdade. Deparamo-nos com o facto de que o desenvolvimento do Homem, meramente diz respeito à pessoa, em todas as suas dimensões.

O ser humano está muito focado no “eu”, no seu progresso, e esta visão deve-se à falta de fraternidade, que atravessamos, «a sociedade cada vez mais globalizada nos torna vizinhos, mas não nos faz irmãos» (CV 19). Numa sociedade sem Deus, o desenvolvimento é “desumanizado”<sup>84</sup>.

O segundo capítulo, intitulado de desenvolvimento humano no nosso tempo, fala da degradação social dos tempos correntes. Estamos perante uma sociedade “inversa”, ao

---

<sup>83</sup> Papa Bento XVI, *Deus é amor. «Carta encíclica de Bento XVI»*, (Prior Velho: Paulinas, 2006) 28.

<sup>84</sup> Papa Bento XVI, *Deus é amor. «Carta encíclica de Bento XVI»*, (Prior Velho: Paulinas, 2006) 19.

bem comum, que destrói a riqueza pura, genuína, que existe e gera pobreza: «não pode haver Terra, não pode haver casa, não pode haver trabalho se não tivermos paz, pois destruímos o nosso planeta. São temas tão importantes, que os povos e as suas organizações de base, não podem deixar de enfrentar. Não podemos permanecer só nas mãos dos dirigentes políticos. Todos os povos da Terra, todos os homens e mulheres de boa vontade, ou seja, todos devemos levantar a voz em defesa destes dois dons preciosos: a paz e a natureza»<sup>85</sup>.

Estamos a viver tempos difíceis e mentalidades contrárias à doutrina social da Igreja:

«(...) estamos a viver a terceira guerra mundial, mas por etapas. E não se pensa nas crianças famintas nos campos de refugiados, não se pensa nos deslocamentos forçados, não se pensa nas casas destruídas, não se pensa nem sequer nas tantas vidas destroçadas. Quantos sofrimentos, quanta destruição, quantas dores. (...) Porque se globalizou a indiferença! A indiferença foi globalizada: que me importa o que acontece aos outros para defender o que é meu? Porque o mundo se esqueceu de Deus, que é Pai; tornou-se órfão porque pôs Deus ao lado.»<sup>86</sup>. Estamos diante da era da desigualdade e de diversas formas de pobreza, que geram ainda mais problemas, “o estado sente-se limitado pela crescente mobilidade dos capitais financeiros” (24); a segurança social está ameaçada pela desregulamentação do mundo do trabalho; as organizações sindicais têm dificuldade de representar os direitos dos trabalhadores; aumenta a mobilidade laboral; o desemprego “provoca aspetos novos da irrelevância económica do indivíduo”. Ora, não se pode perder de vista que “o primeiro capital a preservar é o homem, a pessoa, na sua integridade” (25)<sup>87</sup>.

Não podemos evoluir sem respeito à liberdade religiosa, sem respeito ao património ecológico, «o que os círculos dirigentes mundiais parecem ignorar é que a economia e a ecologia planetária estão irremediavelmente interligadas, até que a morte as separe. O ritmo de degradação da base de capital natural é hoje o prenúncio de crises profundas e de repercussões incalculáveis»<sup>88</sup>

O terceiro capítulo permite-nos realizar um consenso com a necessidade de fé, como fio condutor que nos instrói e conduz. A solidariedade com gratuidade também é uma das temáticas em destaque. Necessitamos de olhar para o outro como uma pessoa, com dignidade, e não como um “fardo” que precisa de ajuda. O dom da fraternidade pode estar fundido com a atividade económica. Sim, é possível acreditar que pela via da fraternidade se consiga recompor os ideais económicos, muitos deles centrados só no

---

<sup>85</sup> Francisco, *A mensagem de São Francisco*, 51.

<sup>86</sup> Cf. Francisco, 51.

<sup>87</sup> Bento XVI, «*Caritas Veritate*», 22, 24 e 25.

<sup>88</sup> João de Melo e Carlos Pimenta, *O que é Ecologia*, 156.

poder e no progresso: «cada decisão econômica tem consequências de caráter moral (CV 37)».

Só ao sermos verdadeiramente solidários podemos ser responsáveis para com todos. Carecemos de uma «progressiva abertura em contexto mundial, para formas de atividade econômica caracterizadas por cotas de gratuidade e de comunhão (CV 39)».

Temos que alterar a forma de globalização, promover uma globalização mais de diálogo, de compromisso, de comunhão e de partilha.

O desenvolvimento dos povos, direitos e deveres, meio ambiente, são os temas retratados no quarto capítulo. Estamos na era dos inversos, das contradições, onde se reivindica direitos, mas se tenta esquecer os deveres. Não podemos esquecer que cada um tem os seus direitos e deveres, mas também os tem diante do outro, portanto direitos e deveres recíprocos. A solidariedade universal é um desses deveres, «garantir a cada um a segurança, a observância da justiça e o respeito dos direitos (CV 67)».

Um outro fenómeno em destaque é o fenómeno das migrações, que existe a necessidade de se requerer direitos e trabalhos decentes. Estamos diante de uma esfera entre de pobreza e de desemprego. Muitas estratégias necessitam de ser pensadas, como apoios às organizações, a iniciativas financeiras e humanas, microfinanciamentos, e ainda formas de comercializar os produtos, provenientes de áreas mais desfavorecidas. Com isto, compreende-se a urgência na reforma na intervenção da ONU, com um poder mais efetivo e repensado a todos, «para garantir a cada um a segurança, a observância da justiça e o respeito dos direitos (CV 67)».

É importante haver mais cooperação, pois só assim se dá desenvolvimento e novas oportunidades de encontro cultural, humano e de diálogo.

Por último, o capítulo seis faz-nos refletir sobre a necessidade de autoconhecimento, da necessidade de conhecermo-nos melhor, de compreender a lei moral, que Deus depositou nos nossos corações.

O crescimento espiritual deve fazer parte do desenvolvimento, e este não deve ser visto unicamente como um crescimento material, mas também como um desenvolvimento humano.

### *3.2 A caridade como resposta social, em contexto organizacional*

A mudança é um processo que deve estar associado aos princípios sociais, inclusive, à caridade. A referida mudança leva a que as instituições do terceiro sector procurem

melhorar a qualidade e criar melhores serviços prestados aos seus utentes, a encontrarem novas deliberações para novas carências sociais, a reinventarem as deliberações atuais, de forma a terem mais capacidades, maior embate e maior eficácia.

Um dos grandes desafios que se sente hoje, é a incapacidade de a sociedade viver em organicidade e estabelecer laços de solidariedade verdadeiros.

É diante deste cenário de desagregação social, que emerge o conceito de desenvolvimento sustentável, que é um termo que começa a ser utilizado de forma sistemática e em várias dimensões. Este termo existiu desde sempre, porém teve um impacto social mais incidente, essencialmente a partir de 1987, lançado pelo Relatório das Nações Unidas, denominado “*O Nosso Futuro Comum*”, (Comissão Mundial do Ambiente e do Desenvolvimento, 1991), também este intitulado por Relatório de Brundtland. O desenvolvimento sustentável é visto como uma perspetiva macro, que se viria a revelar com importância para as organizações.

Do Relatório de Brundtland:

«Desenvolvimento sustentável foi definido no Relatório Brundtland de 1987 «O Nosso Futuro Comum» da Comissão Mundial para o Ambiente e o Desenvolvimento como «desenvolvimento que responde às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de resposta das gerações futuras às suas próprias necessidades». Visa conciliar o desenvolvimento económico e a proteção dos equilíbrios sociais e ambientais. Em 2001, a União Europeia (UE) adotou uma estratégia a favor do desenvolvimento sustentável, que foi revista em 2006, proporcionando «uma visão a longo prazo da sustentabilidade na qual o crescimento económico, a coesão social e a proteção do ambiente são indissociáveis e se reforçam mutuamente». A revisão da estratégia pela Comissão Europeia em 2009 salientou a persistência de certas tendências insustentáveis e a necessidade de intensificar os esforços a esse respeito. Referiu também, contudo, os progressos da UE relativamente à integração do desenvolvimento sustentável em muitas das suas políticas (incluindo em matéria de comércio e desenvolvimento) e salientou a sua liderança no que diz respeito aos esforços para combater as alterações climáticas e à promoção de uma economia de baixo teor de carbono»<sup>89</sup>.

Podemos sintetizar, afirmando que:

«O Desenvolvimento sustentável é pensar não apenas no presente e no que achamos que precisamos agora, mas também no futuro, ou seja, no planeta que vamos deixar para os que ainda vão nascer - para os teus

---

<sup>89</sup> *Desenvolvimento sustentável*, acedido a 27 de dezembro de 2022.  
[https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=LEGISSUM:sustainable\\_development](https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=LEGISSUM:sustainable_development)

filhos e netos! É proteger os recursos que são essenciais à vida, como a água, as florestas, a biodiversidade... É pensar sobre o que realmente precisamos para ser felizes e procurar a melhor maneira de fazer as coisas de forma a respeitar o ambiente e as pessoas, do nosso bairro, da nossa cidade, do nosso país e do mundo, hoje e amanhã»<sup>90</sup>.

Carecemos de uma inovação que se preocupe com a necessidade de transformação da sociedade e simultaneamente com a sua melhoria, na qualidade de vida, entendendo as condições sociais e institucionais de cada um. É importante procurar novas formas, que permitam promover a inclusão social e a consistência laboral.

Subjacente à prática organizacional, encontra-se a necessidade de implementar regras formais, que regulamentam o comportamento humano. Contudo, não podemos descurar de assumir que cada característica, das pessoas que compõem a organização, influenciam a mesma, bem como, toda a sua dinâmica interrelaciona.

A participação em diversas organizações e com diferenciados papéis em cada uma delas, influencia inevitavelmente a sua participação, nas organizações, conforme a sua tipologia e temporalidade, as próprias características da organização também exercem influência sobre os indivíduos<sup>91</sup>.

Uma organização é uma entidade social, com objetivos próprios, e que se distingue das demais unidades sociais, como a família, grupo de amigos, que possuem objetivos mais gerais.

É neste âmbito, que podemos referir a importância das entidades sociais, como vínculo de promoção do indivíduo, mais desfavorecido na sociedade. Estas, são “amparos” sociais, de integração.

Temos que nos auto propor a ser membros ativos, na nossa sociedade, agindo sociavelmente responsável e «desenvolvendo uma política de sustentabilidade, criando espaços de reflexão e debate com as partes interessadas e encorajando ativamente todos os colaboradores a desenvolverem trabalho comunitário e voluntário em benefício de instituições e indivíduos carenciados»<sup>92</sup>.

---

<sup>90</sup> *Desenvolvimento Sustentável*, acessado a 27 de dezembro de 2022.

[https://ddesenvolvimento.com/wp-content/uploads/2019/01/DD\\_DESENVOLVIMENTO\\_SUSTENTAVEL](https://ddesenvolvimento.com/wp-content/uploads/2019/01/DD_DESENVOLVIMENTO_SUSTENTAVEL), 1.

<sup>91</sup> Maria José Chambel e Luís Curral, *Psicologia organizacional: Da estrutura à cultura*, (Lisboa: Livros Horizonte, 2008), 70- 98.

<sup>92</sup> Maria João Abreu, *Fraternidade -Justiça, bem comum, economia e felicidade*, (Lisboa: Padrões Culturais Editora, 2011), 69.

### CAPÍTULO III - PROPOSTA DE LECIONAÇÃO: “CONSTRUIR A FRATERNIDADE” – UNIDADE LETIVA 4, DO 5º ANO DE EMRC

#### 1. Caracterização da escola e da comunidade educativa

O Agrupamento de Escolas Emídio Garcia em Bragança sucedeu ao liceu de Bragança, que passou por várias designações, desde a sua fundação:

«no que diz respeito à história do Liceu Emídio Garcia há a considerar todo um contexto nacional educativo, que acompanha as alterações da política educativa portuguesa dos finais do século XIX. A sua criação, com o nome de Liceu Nacional de Bragança, decreta-se a 17 de novembro de 1836, no governo de Passos Manuel, quando, nos chamados distritos administrativos, são criados os liceus. Porém, apenas com a publicação da portaria de 19 de maio de 1853, o Liceu Nacional de Bragança inicia o seu funcionamento, nas instalações do Convento de São Bento. A necessária construção de um Liceu de raiz foi consignada no Decreto-Lei n.º 41572, de 28 de março de 1958, e finalmente concretizada em 1969, ano em que o Liceu Nacional de Bragança ocupa o seu espaço, no Alto da Boavista. Posteriormente, outras escolas surgiram em Bragança suprimindo as necessidades da população, entre as quais a Escola Paulo Quintela, que hoje integra o Agrupamento de Escolas Emídio Garcia. página 9 de 68 A Escola Paulo Quintela iniciou a sua atividade em 1983, como escola preparatória».<sup>93</sup>

E é ainda importante referir, que:

«Em 1997 passou a EB 2,3 estendendo a sua atividade letiva ao nono ano. A partir do ano letivo 2007 passou à tipologia de EB 1, 2, 3. Em 26 de março de 2003 - quando foi criado - o Agrupamento de Escolas Paulo Quintela era constituído pela escola sede, vinte e seis escolas do primeiro ciclo e três jardins de infância, com uma organização administrativa e pedagógica comuns. Mais tarde, por despacho do Senhor Secretário de Estado do Ensino e da Administração Escolar, datado de 28 de junho de 2012, foi feita a fusão da Escola S/3 Emídio Garcia com o Agrupamento de Escolas Paulo Quintela. Constituiu-se, assim, a unidade orgânica designada por Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, com sede na Escola Secundária com o mesmo nome».<sup>94</sup>

O patrono desta Escola foi Manuel Emídio Garcia, uma figura proeminente da cultura e da política nacional, na segunda metade do século XIX. Nasceu em Bragança, em 6 de janeiro, de 1838, onde realizou os seus estudos. Matriculou-se em Coimbra, onde defendeu a tese e recebeu o grau de direito, tendo concluído o curso em 1861/62. Em 29

---

<sup>93</sup> Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, *Projeto Educativo*, (Bragança, 2019-2021), 8 - 9.

<sup>94</sup> Cf. Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, 9.

de maio de 1878 foi nomeado professor catedrático. O seu republicanismo veio a ser homenageado pelos bragançanos que deram o seu nome ao liceu.

No que diz respeito à caracterização da região, tem-se a referir que:

«Atualmente, o concelho de Bragança tem uma área de cerca de 1182 km<sup>2</sup> onde vivem 33.717 habitantes<sup>1</sup> - estimativa a 31 de dezembro de 2017- desigualmente repartidos por freguesias constituídas por 120 povoações. Situada no extremo nordeste do país, e integrando a região Norte de Portugal Continental e a NUT III das Terras de Trás-os-Montes, Bragança é a sede do concelho.

Ainda que acompanhando a tendência nacional, o estado de envelhecimento da população residente no município de Bragança, é significativamente mais acentuado, comparativamente ao que se verifica, nos mesmos termos, no resto do país.

Com efeito, o índice de envelhecimento (número de idosos por cada 100 jovens) em Bragança agravou de 179,2, em 2011, para 210,5 em 2017. No território nacional, o índice de envelhecimento passou de 125,8, em 2011, para 153,2, em 2017 - valores que, sendo bem mais baixos, são, ainda assim, preocupantes. Considerando a percentagem de jovens, apenas 11,5% da população residente em Bragança tinha menos de 15 anos, em 2017. No mesmo ano, este indicador foi de 10,1% para a região TTM (NUTS III) e de 13,9% para o território nacional.

Bragança é uma cidade de características medievais, de Torres e muralhas, conservando os muros legados pelos afonsinos. Distante dos grandes centros, gozando de uma atmosfera que a diferencia das grandes metrópoles, constitui-se como uma cidade âncora do nordeste transmontano, que em tempos também iniciou a sua atividade no Liceu Nacional de Bragança, por volta de 1969, e constitui-se em tempos o estabelecimento de ensino mais antigo da cidade».<sup>95</sup>

O facto da população desta região ser muito heterogénea levou a que se criassem projetos educativos diferenciados e mais adequados às especificidades de cada aluno. E é neste contexto que convém realçar a importância do protejo educativo, com o seguinte propósito:

«pretende estabelecer prioridades capazes de responder de forma eficaz e racional à conjuntura social e aos desafios académicos e culturais que se colocam aos diferentes atores do sistema educativo. O Projeto Educativo visa privilegiar uma escola de relações humanas, ecológica e plural, onde cada membro se sinta parte integrante e com responsabilidade de desenvolver as suas competências de acordo com as suas circunstâncias decorrentes do tempo e do espaço em que se situa»<sup>96</sup>.

O bom funcionamento do agrupamento deve-se à capacidade de cooperação entre os órgãos que a constitui.

No Agrupamento é necessária a criação de uma identidade, que lhe permita

---

<sup>95</sup> Cf. Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, 9-10.

<sup>96</sup> Cf. Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, 11-13.

assumir o papel da escola – sede, como agregador dos restantes ciclos e dinamizador de atividades. Deve funcionar como articuladora entre os ciclos, de forma, a superar as dificuldades sentidas na transmissão da informação relativa aos alunos de cada ciclo.

## **2. Caracterização da turma**

A turma onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi no 5ºano, mais concretamente na turma E, da Escola Básica Paulo Quintela, pertencente ao Agrupamento de Escolas Emídio Garcia. A minha escolha do 5º ano, teve a ver com a área de investigação, que pretendia trabalhar. Tinha interesse pelo tema 4, da unidade letiva: “Construir a Fraternidade”. Ambicionava trabalhar o conceito de fraternidade, formas de fraternidade e gestos de reciprocidade. Com esta motivação, pretendia deixar alguma marca nos alunos, mostrando-lhes que a fraternidade não se reduz à família; é um conceito de alcance universal.

A turma em que lecionei era composta por 21 alunos dos quais 20 estavam inscritos na disciplina de EMRC, correspondendo a 95% dos alunos da turma, e uma aluna não frequentava Educação Moral e Religiosa Católica. Porém, esta aluna durante o decorrer da minha PES acabou por me pedir permissão para frequentar as aulas. Dos 20 alunos inscritos na disciplina, 9 eram do sexo feminino e 11 do sexo masculino, todos com idades compreendidas entre os 10 e 11 anos.

Durante o mês de dezembro houve alguns momentos de apresentação e conhecimento da turma. Foi acordado com o meu orientador, que iria observar a turma e integrar-me com os mesmos, de modo, a conhecer melhor a heterogeneidade da turma e as suas especificidades. A meu ver foi uma prática proveitosa e bem pensada, tendo em conta que estando eu num ângulo de observação, consegui conhecer melhor aluno por aluno, e a turma, como um todo.

Não foi difícil gerar empatia com a respetiva turma, porque são alunos extremamente participativos, “próximos” e interessados. O diálogo entre as partes foi imediatamente recíproco.

Posteriormente, e a partir de meados de janeiro comecei a frequentar com mais assiduidade as aulas do 5ºE, colaborando diretamente e juntamente com o professor cooperante. Para além dos momentos presenciais, reunia com o mesmo presencialmente, após o término das aulas e também por reuniões online, sempre que possível.

O primeiro contacto com a turma foi realizado através das informações e dos dados biográficos e estatísticos que o professor cooperante me disponibilizou quando da minha apresentação à turma.

Foram 5 aulas muito interessantes e dinâmicas, para as quais criei uma diversidade de metodologias, para que os alunos se motivassem mais e fossem ainda mais participativos. A minha opção por jogos, aulas expositivas, chuva de ideias, interações, fez com que a turma na sua generalidade fosse cooperativa e solidária, o que me permitiu observar afinidade entre todos.

### **3. Proposta de planificação da unidade letiva 4 do 5º ano de EMRC**

A planificação é uma atividade que resulta de um equilíbrio de interesses e conflitos entre o docente e o sistema de ensino, permitindo que o currículo adquira sentido. Tem que existir uma relação de dependência entre quem ensina, a quem ensina, onde ensina e porque ensina.

É através da planificação que o docente organiza e antevê o modo como vai interagir com os alunos.

O docente deve ser um gestor do processo educativo, sendo o protagonista da reconstrução do currículo, que é feita ao nível da tipologia de cada escola. De modo a planificar da melhor forma, o docente deve mobilizar várias práticas, conhecimentos, objetivos e procedimentos.

Neste momento vamos proceder à apresentação dos planos de aula relativos à lecionação da unidade Letiva "Construir a Fraternidade".

#### *3.1. Aula 1 – A Fraternidade: a definição do termo e os sentimentos que lhe estão associados*

Na primeira aula decorreu uma apresentação entre alunos e professora, e através deste momento foi possível conhecer um pouco melhor as aptidões e contexto de vida de cada aluno. Posteriormente, fiz uma abordagem geral, sobre as temáticas a serem desenvolvidas durante as 6 aulas de lecionação, que se seguem.

Observando a realidade da turma, considerei conveniente que nas primeiras aulas se realizasse sempre uma apresentação das temáticas a serem lecionadas, de forma que os alunos tivessem conhecimento do que iria ser abordado ao longo da aula, e que as regras fossem elaboradas pelos próprios alunos em sala de aula, com o objetivo de os

comprometer no cumprimento das mesmas e de perceberem que as regras são fundamentais para que possamos viver e conviver em grupo. Como tal, no início de cada aula propus entregar sempre a cada aluno uma ficha de apresentação de conteúdos e de reflexão. Também propôs que as aulas terminassem com uma reflexão individual, de cada aluno, na sua ficha e que a aula seguinte iniciasse com um resumo, em formato *chuva de ideias*, sobre a exposição das ideias principais, que foram abordadas na aula anterior.

Durante a aula tive o cuidado de ajudar os alunos a identificar o que é a fraternidade, as variadas formas de se manifestar e as razões que a sustentam, as fragilidades e ameaças à fraternidade, o perdão e a solidariedade como condições necessárias para transformar o conceito da fraternidade em atitudes concretas e torná-las presente nas relações interpessoais, comprometendo-se com o bem comum, o cuidado com o outro e com o ambiente que nos sustenta. A abordagem sobre o conceito de fraternidade foi realizada recorrendo a uma *chuva de ideias*. Após este diálogo surgiu uma atividade prática, que consistiu em distribuir um conjunto de imagens e frases, relacionadas com a fraternidade, amizade, respeito e solidariedade. Os alunos individualmente relacionaram a imagem com a frase e justificaram as suas escolhas. Ainda visualizaram um vídeo, intitulado de “Tira as mãos do bolso e ajuda”, decorreu um breve diálogo, sobre o mesmo, em que se explorou a mensagem transmitida.

E por último criou-se uma mascote de turma, que derivasse da fraternidade e em grupo apelidou-se a mesma. A aula decorreu com algum apoio de uma apresentação, em formato *power point*, como auxílio e realce dos termos mais importantes.

A aula terminou com o preenchimento da ficha de apreciação individual da aula.

### *3.2 Aula 2 – Finalidade dos Direitos Humanos; Missão que cada um tem com o seu irmão*

A segunda aula da UL 4 decorreu no dia 6 de maio de 2022 e também foram abordados conteúdos de extrema importância, que fundamentam a aprendizagem do aluno e despoletam a capacidade autocrítica.

A aula iniciou mais uma vez com o acolhimento e diálogo com os alunos. Posteriormente, a turma fez uma breve reflexão sobre a aula anterior, através de uma chuva de ideias, em que alguns alunos sucintamente referiram os conteúdos mais importantes. Seguidamente, foi registado o sumário no quadro, como é habitual e entregue a ficha síntese das temáticas da aula.

A turma analisou as temáticas, após alguns esclarecimentos, entreguei uma ficha de trabalho, alusiva à Declaração Universal dos Direitos Humanos, numa exposição dos mesmos, em formato abreviado.

Fiz ainda uma abordagem da problematização da condição humana, nomeadamente salientando a necessidade que o ser humano tem de pertencer a grupos, de não viver isolado.

O momento seguinte da aula contemplou a realização de uma atividade prática, que consiste em relacionar a designação dos conceitos abreviados da DUDH com o seu significado. Em debate, foi de extrema importância trabalhar o lema: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos”.

Por último, mas não menos importante, os alunos preencheram a ficha síntese, com a perceção das ideias principais abordadas em sala de aula. Este momento foi acompanhado de música de fundo, pois considero que a mesma é uma mais-valia, para o aluno.

### *3.3 Aula 3 – Diferentes modos de fraternidade. As fragilidades e ameaças à fraternidade. Construir um mundo mais fraterno.*

A terceira aula, que foi no dia 13 de maio de 2022, teve como objetivo identificar as fragilidades e ameaças à fraternidade, diferentes maneiras de ver, sentir e praticar a fraternidade, bem como, o dever de construir um mundo mais fraterno.

Nesta aula, como nas outras, a mesma iniciou com o acolhimento, algum diálogo entre alunos – professor. Seguidamente, escreveu-se o sumário no quadro e explorou-se as palavras-chave, que foram abordadas na aula anterior. Todos os alunos evidenciaram um discurso coerente e foram demasiado participativos. Posteriormente, fiz a entrega da ficha síntese dos conteúdos da corrente aula e analisou-se a mesma, em conjunto.

Terminada a primeira parte da aula, seguiu-se uma atividade prática, consistiu em primeiramente visualizar um vídeo, relacionado com o amor ao próximo, o cuidado comum, em que dei relevo à participação e respeito entre pares. Após a exposição da aula, através da abordagem das temáticas, apresentadas em power point, em conjunto com os alunos desenvolvi um momento de reflexão e introspeção das ideias principais.

Ainda houve tempo para explicar e explorar a encíclica *Fratelli Tutti*. Foi feito um resumo da encíclica, e cada aluno deu a sua opinião sobre os temas presentes nos oito capítulos da encíclica.

Os alunos pronunciavam-se acerca das ideias fundamentais que, entretanto, registaram no caderno diário.

Para explicar as fragilidades e as ameaças à fraternidade, recorri à situação da guerra/s que atravessamos na qual podem ser identificados sentimentos e comportamentos, que vão contra a dignidade e a felicidade de cada pessoa, como o egoísmo, a mentira, a inveja, entre outros sentimentos, que ameaçam a fraternidade.

A professora ainda utilizou o exemplo das correntes de papel, que são frágeis e que facilmente se rasgam ou se danificam, tal como as relações.

A aula terminou com o preenchimento da ficha de apreciação individual da aula.

### *3.4 Aula 4 – Interpretação da Parábola O Bom Samaritano. O compromisso do “eu/nós” na e com a comunidade.*

No dia 17 de maio de 2022 decorreu a quarta aula da unidade letiva, número 4. Esta aula contou com a presença da Coordenadora científica e pedagógica da PES, na Faculdade de Teologia, em Braga, a Prof<sup>a</sup> Doutora Isabel Varanda, que observou a aula e avaliou a mesma.

A aula iniciou com o habitual acolhimento aos alunos, um breve discurso sobre o quotidiano dos alunos e ainda com uma breve explicação sobre a tipologia de aula que iria decorrer.

Seguidamente passou-se ao registo do sumário, que foi registado por uma aluna, que se voluntariou.

Através de um *Brainstorming*, os alunos recapitularam conteúdos que retiveram da aula anterior.

Conforme foram dizendo, escreveu-se no quadro e explorou-se o sentido de cada palavra. Posteriormente, entreguei a ficha síntese das temáticas da aula/apreciação individual. Tendo em conta que pretendia explicar a importância do bem comum, o cuidado com o outro e ainda responsabilizar cada um na vivência do valor da fraternidade nas situações de quotidiano, recorri à leitura e interpretação da Parábola *O Bom Samaritano* (Lc 10,25-37).

A dinamização da parábola realizou-se num formato ilustrativo e narrativo, em que a os materiais que utilizei eram apelativos e atrativos, a captar a atenção dos alunos, com o objetivo de envolver os alunos na interpretação e responsabilidade de cada um, para com o seu semelhante, bem como, fomentar no (s) aluno (s) o compromisso com a

convivência em comunidade, com a fraternidade, a reciprocidade e a possibilidade da permuta da conduta humana.

Após a narração da parábola realizei uma chuva de ideias, solicitando a participação e colaboração dos alunos, sobre os elementos mais relevantes da parábola e desafiei os alunos a interagirem numa dinâmica por mim elaborada, que consistia em retirarem individualmente uns papéis, com desafios, que se encontravam dentro de um regador, que utilizei como pretexto de “regar/alimentar” os afetos da fraternidade e entre ajuda de cada aluno. Os alunos colaboraram com muito entusiasmo e responderam corretamente ao desafio.

Para terminar a aula recorri ao quadro e questionei os alunos sobre “quem é o meu próximo?” O que é para mim a fraternidade?”. Destas duas questões sortiram respostas muito pertinentes e interessantes.

A aula encerrou com o preenchimento da ficha de apreciação individual da aula.

### *3.5 Aula 5 – Os valores humanos e os compromissos com a humanidade.*

A aula número 5 decorreu no dia 27 de maio de 2022 e teve como propósito identificar fatores que favorecem a relação fraterna, refletindo sobre os valores humanos, que permitem construir relações mais fraternas.

Após a saudação e acolhimento inicial aos alunos, escreveu-se o sumário no quadro, no qual cada aluno, também o redige no seu caderno. Em seguida decorreu a habitual discussão sobre as temáticas abordadas na aula anterior/apreciação individual do aluno, bem como, a entrega da ficha síntese das temáticas da aula/apreciação individual. Depois, foi projetado no quadro uma carta de compromisso, em que os alunos assumem a sua responsabilidade com a humanidade.

Convidei cada um dos alunos a assumirem um pacto de ação missionária. Este compromisso foi realizado através de um documento de apelo, em que cada aluno refletiu, comprometeu-se e deixou a sua “confirmação” na folha entregue pela professora, com recurso à palma da mão, que se encontra pintada. Todos os alunos pintaram a palma da mão com a cor escolhida, selando um compromisso no documento de cada aluno.

Ainda mostrei aos alunos uma imagem, em que solicitei a explicação e com base na imagem, expliquei aos alunos a importância da inclusão e de que todos podemos ser bem-aventurados, mesmo que sejamos todos diferentes.

A aula encerrou com o preenchimento da ficha de apreciação individual da aula.

#### 4. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada

Tendo como base a fundamentação científica, antropológica e teológica do tema proposto, bem como a análise do programa passo a apresentar, a avaliação da prática de ensino supervisionada, como um processo de ensino aprendizagem, que permite o desenvolvimento do nosso conhecimento e das nossas competências, como meio de melhoria dos nossos eventuais métodos e técnicas.

As aulas de PES foram necessárias e fulcrais, no combate a falhas e na orientação da prática de lecionação, pois esta permitiu instruir-me para o “terreno”.

A avaliação é vivenciada, como um mecanismo de sustentação da lógica organizacional do trabalho escolar e ocupa um papel importante no processo de aprendizagem e nas relações, em que:

«Avaliar é uma das tarefas mais importantes da função docente, mas também das mais complexas. É uma etapa essencial no processo de construção do ensino-aprendizagem e do desenvolvimento curricular, para que este processo possa ser capaz de alcançar as metas pretendidas. A avaliação não tem um carácter punitivo. Avaliar é verificar se as aprendizagens estão a ser realizadas, se as competências estão a ser adquiridas e desenvolvidas e se as metodologias usadas pelos docentes estão a surtir o efeito desejado, monitorizando os respetivos processos de ensino.

Avaliar é aferir a pertinência da organização do processo de ensino-aprendizagem, tal como foi planeado e levado à prática pelo docente. Tem como finalidade a correção dos erros do processo e a promoção de experiências de aprendizagem que possam ser meios eficazes, conduzindo, por isso, a aprendizagens relevantes. A sua função é, prioritariamente, formativa, sem excluir a sua função sumativa ou mesmo certificadora.

A avaliação incide sobre as aprendizagens realizadas, sem, com isso, se pretender produzir um juízo de valor sobre os alunos. Se, no processo de avaliação, se apurar uma distância significativa entre as aprendizagens que se previa que fossem realizadas e as que efetivamente se verificaram, o docente deverá reorientar os meios usados de modo a adequá-los aos fins pretendidos, promovendo formas alternativas de trabalho que podem incluir, de acordo com as situações detetadas, experiências de aprendizagem mais adequadas, reforço do ensino, estratégias diferenciadas e também um maior envolvimento e responsabilização dos alunos e dos encarregados de educação no processo de aprendizagem»<sup>97</sup>.

Dada a importância da avaliação no processo de lecionação na PES e no desenvolvimento de competências da pessoa, estagiário(a) ou professor(a), passo a expor

---

<sup>97</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, (Torres Novas: Gráfica Almondina, 2014), 165.

a minha apreciação, sobre a minha experiência letiva no âmbito da PES, no Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, de Bragança.

Foi muito gratificante e construtivo compreender o verdadeiro sentido do que é ser um elemento educativo, que promove o processo de ensino- aprendizagem, do educando, transformando-o e enriquecendo-o.

Esta experiência levou-me a adquirir novos conhecimentos, práticas, técnicas e métodos, que só foram exequíveis através do inter-relacionamento aluno/professor/estagiário.

A minha consciência de evolução pedagógica era existente e acredito que foi gradual e notória, de aula para aula, de convivência para convivência.

O meu objetivo em contexto de sala de aula, ultrapassou o carácter pedagógico e foi mais além, ou seja, tentei motivar, estimular os alunos, através de intervenções dinâmicas e atrativas, no qual tive o cuidado de utilizar sempre uma linguagem adequada e objetiva, aos conteúdos programados. Assumi desde sempre e junto dos alunos uma postura muito flexível e de abertura para que o processo de interajuda, de socialização, acompanhasse a aquisição de conhecimentos e competências.

A melhor estratégia, que considerei adequada, foi a de aproximação ao aluno, pois inevitavelmente é um ser/criança, que necessita de compreensão e de escuta presente.

No início de cada aula tive sempre o cuidado de socializar de modo informal, com os alunos. Todas as aulas iniciaram com uma partilha e recapitulação das ideias principais da aula anterior, no sentido de mover a participação e a partilha de ideias, de forma democrática e consciente. Também tive o cuidado de explicar sucessivamente os conceitos chave, e de estimular a participação dos alunos. Todas as aulas terminavam com a apreciação individual de cada aluno, sobre a aula, em formato descritivo, na ficha de síntese de aula.

Todas as aulas foram devidamente planificadas, pois este procedimento deve ser um ato presente na prática do docente, ou seja, é indispensável que durante a sua formação, os professores adquiram competências no âmbito das temáticas a serem desenvolvidas e que se desenvolvam planos de aulas, que sejam devidamente colocados em prática e que também sejam posteriormente avaliados.

Recorri ao uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC), através da projecção de vídeos, músicas, imagens, reportagens, dinâmicas interativas e como auxílio à apresentação dos conteúdos, da unidade letiva. Este recurso tornou-se importante, na medida em que diversifica a exposição de conhecimentos, capta e atrai os alunos, ao longo

da aula.

Um aluno motivado e empenhado trabalha empenhadamente, mantendo esse ritmo de trabalho. A motivação no discente envolve ainda esforço, persistência, e empenho, de modo a obter resultados e competências positivas na avaliação no seu desempenho.

Também recorri a atividades dinâmicas, como meio de expressão e de uma maior envolvimento do aluno, de modo, a que todos os alunos se sintam mais motivados e adquiram um conhecimento simultaneamente mais lúdico e atrativo. Nos dias de hoje decorrem é importante aceitar os desafios e criar instrumentos, que atendam às necessidades pedagógicas dos alunos e que também vão ao encontro dos interesses, dos mesmos, e é neste ponto da situação, que os jogos e as dinâmicas têm um papel fulcral, na facilitação do processo de ensino–aprendizagem. Estas interações auxiliam a aprendizagem, fornecem diretrizes sobre o próprio respeito ao outro e sobre a necessidade de inculcar regras, aprender estratégias e saber superar-se a si mesmo, bem como, saber trabalhar e relacionar-se em grupo.

Como forma de descontração e de exploração, utilizei a música, pois esta surte sempre um efeito muito gratificante, no aluno/pessoa. A música é uma linguagem universal, que ser humano não prescinde dela, desde as suas origens.

Através de diferentes recursos, pode-se concluir que:

«A educação a partir da Arte além de criar um desenvolvimento artístico e a percepção estética, acaba ordenando, no seu próprio modo, o sentido da experiência humana, porque auxilia a desenvolver a sensibilidade, a imaginação e a percepção, de forma que o indivíduo perceba a sua forma artística, junto de outras pessoas, de diferentes culturas. Assim, através desse ensinamento, favorece-se também ao indivíduo relacionar-se criadoramente com as demais disciplinas do currículo, durante a sua vida escolar»<sup>98</sup>.

Com esta tipologia de intervenções estabeleceu-se uma relação de proximidade, de entreajuda, de amizade. Senti que todos os alunos estão envolvidos e participativos e que se gerou uma inclusão saudável, à aprendizagem.

---

<sup>98</sup> Cyntia Lima e Leila Mello. «A importância da música no processo de aprendizagem», *Revista Científica Multidisciplinar das Faculdades São José - Ciência Atual*, 1 (2013): 98, acessado a 4 de janeiro de 2023.  
<https://revista.saojose.br/index.php/cafsj/article/view/12>.

A turma era composta por um grupo de alunos/os muito participativos, assíduos e comprometidos.

A relação que se estabeleceu excedeu as minhas expectativas, na medida em que ultrapassou a relação de professor- aluno, porém, sempre tive em mente a missão de ensinar e a necessidade de ser profissional, com isto, deduzo que:

«O professor profissional – é aquele que ensina não apenas porque sabe, mas porque sabe ensinar. E saber ensinar é ser especialista dessa complexa capacidade de mediar e transformar o saber conteudinal curricular - seja qual for a sua natureza ou nível - pela incorporação dos processos de aceder a, e usar o conhecimento, pelo ajuste ao conhecimento do sujeito e do seu contexto, para adequar-lhe os procedimentos, de modo que a alquimia da apropriação ocorra no aprendente»<sup>99</sup>.

Em suma, considero que os objetivos e metas, que me propus alcançar na PES, foram devidamente atingidos, com o contributo e instrução das aulas de PES, com a envolvimento e interesse dos alunos e com todo o apoio, orientação e acompanhamento, do professor cooperante.

---

<sup>99</sup> Maria do Céu Roldão. «Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional», *Revista Brasileira de Educação*, 12, nº34 (2007): 94-101, acedido a 4 de janeiro de 2022.  
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XPqzwvYZ7YxTjLVPJD5NWgp/?lang=pt&format=pdf>

## REFLEXÃO FINAL

No final deste percurso científico, pedagógico e didático sobre a Unidade Letiva “Construir Fraternidade”, do quinto ano de escolaridade, encerra-se uma fase e inicia-se um novo e longo caminho de aprendizagem, na minha vida pessoal e profissional. Todo este percurso foi extremamente enriquecedor, na integração de novas capacidades, facilitando-me uma maior disposição face às exigências do meio escolar e dos desafios da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), na contemporaneidade.

Este relatório resultou de um itinerário de progresso pedagógico e didático, permitiu-me, a partir da pesquisa, um maior conhecimento e amadurecimento de conteúdos científicos e teológicos.

A experiência da lecionação permitiu-me uma melhor significação de estratégias, metodologias pedagógico-didáticas, bem como, a elaboração de recursos que, tendo como base o programa de EMRC, permitam um desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

O modo de ensino-aprendizagem conduz-nos a avistar novos horizontes e auxilia no desenvolvimento pessoal. A realização deste relatório, resultado da PES, permitiu um engrandecimento pessoal e profissional, pela hipótese que deu de compreender como podemos explorar e trabalhar o programa de EMRC.

Um dos objetivos perseguidos na exploração desta unidade, prende-se com a compreensão do conceito de fraternidade, que é um valor humanizador à sociedade.

Contudo, a solidariedade e a paz não deixam de ser requisitos essenciais, para a existência humana e o motor de funcionamento das comunidades.

No dia-a-dia confirma-se que a dimensão social depende de variáveis como a religião, a cultura, a educação, bem como, o reconhecimento da dignidade, dos direitos das pessoas e da preservação do meio ambiente.

A situação que atravessamos exige transformações radicais e profundas, que estão ao alcance do ser humano e que se refletem ao nível global.

Chegando ao final de todo este processo, considero que o balanço é positivo, uma vez que os discentes foram capazes de identificar a importância da fraternidade e dos valores que estão subjacentes ao conceito, estabelecendo a correspondência entre a unidade letiva e a sua vida prática.

A educação baseada na importância da fraternidade permite aos alunos

avaliarem alguns conceitos, comecem a elaborar respostas construtivas, em volta da dimensão ética e moral, coadjuvando na busca de soluções para os problemas, que afetam a humanidade, a superar o ódio e o preconceito.

## BIBLIOGRAFIA

*Bíblia Sagrada*. Fátima: Difusora Bíblica, 2002.

### Documentos do Magistério da Igreja

Bento XVI, *Carta Encíclica Deus Caritas Est: sobre o Amor Cristão*, (25 de dezembro de 2005). Acedido a 22 de setembro de 2022 em [https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_benxvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/documents/hf_benxvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html)

———. *Carta Encíclica Caritas in Veritate: aos Bispos aos Presbíteros e Diáconos às Pessoas Consagradas aos Fiéis Leigos e a Todos os Homens de Boa Vontade sobre o Desenvolvimento Humano Integral na Caridade e na Verdade*, (29 de junho de 2009). Acedido a 10 de novembro de 2022.

*Catecismo da Igreja Católica*. Torres Novas: Gráfica Almondina, 1999.

LEÃO XIII, Papa. *Carta Encíclica Rerum Novarum*. São Paulo: Loyola, 1991.

Francisco. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a Fraternidade e a Amizade Social*, (3 de outubro de 2020). Acedido a 5 de outubro de 2022. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html)

———. *Carta Encíclica Laudato Si': sobre o Cuidado da Casa Comum*, (24 de maio de 2015). Acedido a 8 de setembro de 2022. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)

———. *Carta Encíclica Lumen Fidei: sobre a fé*, (29 de junho de 2013). Acedido a julho de 2022.

———. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia: sobre o amor na família*, (19 de março de 2016). Acedido a 11 de outubro de 2022 em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html).

Papa João XXIII. *Carta Encíclica Mater et Magistra: sobre a recente evolução da*

*questão social à luz da doutrina cristã*, (15 de maio de 1961). Acedido a 12 de agosto de 2022.

[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html).

———. *Carta Encíclica Pacem in Terris: sobre a paz de todos os povos na verdade, justiça, caridade e liberdade*, (11 de abril de 1963). Acedido a 15 de agosto de 2022.

[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_11041963\\_pacem.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html)

Papa João Paulo II. *Carta Encíclica Centesimus Annus: aos Veneráveis Irmãos no Episcopado ao Clero às Famílias Religiosas*, (1 de maio de 1991). Acedido a 19 de agosto de 2022.

[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_01051991\\_centesimus-annus.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html)

———. *Carta Apostólica Salvifici Doloris: sobre o sentido cristão do sofrimento humano*, (11 de fevereiro de 1984). Acedido a 20 de agosto de 2022.

[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1984/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_11021984\\_salvifici-doloris.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html)

———. *Carta Apostólica Salvifici Doloris*, Editorial AO: Braga, 1996.

———. *Carta Encíclica Veritatis Splendor: sobre Algumas Questões Fundamentais do Ensino Moral da Igreja*, (6 de agosto de 1993). Acedido a 2 de setembro de 2022.

[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_06081993\\_veritatis-splendor.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html)

Papa Leão XIII. *Carta Encíclica Rerum Novarum: sobre a condição dos operários*. São Paulo: Loyola, 15 de maio de 1991.

Papa Paulo VI. *Carta Encíclica Populorum Progressio: sobre o desenvolvimento dos povos*, (26 de março de 1967). Acedido a 16 de agosto de 2022.

[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html)

Papa Pio XI. *Carta Encíclica Quadragesimo Anno: sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica*, (15 de maio de 1931). Acedido a 28 de agosto de 2022.

[https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19310515\\_quadragesimo-anno.html](https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html)

———. *Carta Encíclica Centesimus Annus: aos veneráveis irmãos no episcopado ao clero às famílias religiosas, aos fiéis da igreja católica e a todos os homens de boa vontade*, (1 de maio de 1991). Acedido a 28 de agosto de 2022.

[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_01051991\\_centesimus-annus.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html)

Pontifício Conselho da Justiça e da Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 2004.

Acedido a 19 de dezembro de 2020 em

[https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpe\\_ace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html#](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpe_ace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#).

## **BIBLIOGRAFIA GERAL**

Abreu, Maria. *Fraternidade - Justiça, bem comum, economia e felicidade*. Lisboa: Padrões Culturais Editora, 2011.

Agrupamento de Escolas Emídio Garcia. *Projeto Educativo*: Bragança, 2021-2022.

Ambrogetti, Francesca e Sergio Rubin. *Conversas com Jorge Bergoglio*. Argentina: Ediciones B Argentina S. A, 2010.

Baggio, António. *O princípio esquecido: A fraternidade na reflexão atual das ciências políticas*. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2008.

———. *A inteligência fraterna: Democracia e participação na era dos fragmentados. O princípio esquecido: Exigências, recursos e definições da fraternidade política*. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2009.

Boff, Leonardo. *Sustentabilidade: O Que é - O Que Não É*. Petrópolis: Vozes, 2012.

Brown Philip e Lauder Hugh. *Human capital, social capital and collective intelligence*. In S. Baron; J. Field e T. Schuller. *Social Capital: Critical perspectives*. Oxford: New York, 2000.

Chambel, Maria e Luís Curreal. *Psicologia organizacional: Da estrutura à cultura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

Clark, Mary. *Como ensinar as crianças a cuidarem da Criação de Deus*. Lisboa: Paulus Editora, 2019.

- Clemente, Manuel. *Porquê e para quê. Pensar com esperança o Portugal de hoje*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2010.
- Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1982.
- Duque, João. *O próximo e a comunidade – Breve leitura da Fratelli Tutti*. Universidade Católica Editora: 2019.
- Gourgues, Michel. *As Parábolas de Lucas: do Contexto às Ressonâncias*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- Hobsbawn, Eric. *A Era das Revoluções 1789 – 1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- Lévinas, Emmanuel. *Entre nós. Ensaio sobre a alteridade*. Lisboa: Editora Vozes, 2005.
- Lima Cyntia e Leila Mello. «*A importância da música no processo de aprendizagem*». Revista Científica Multidisciplinar das Faculdades São José - Ciência Atual, nº1 (2013): 98.
- Manicardi, Luciano. *A caridade dá que fazer*. Lisboa: Editora Paulinas, 2016.
- Melo João e Carlos Pimenta. *O que é a ECOLOGIA*. Lisboa: Difusão Cultural, 1993.
- Ministério da Educação. *Para uma Educação Inclusiva: Manual de apoio à prática*. Lisboa: Ministério da Educação/ DGE, 2018.
- Muller, Gerhard. *Pobre para os pobres – A missão da Igreja*. Lisboa: Paulus Editora, 2014.
- Odum, Eugene. *Fundamentos da Ecologia*. Lisboa: F. C. Gulbenkian, 2004.
- Oliveira, Maria. *Direitos na pós-modernidade: a fraternidade em questão*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2011.
- Paiva, Ana. *Pensamento Sociológico: Uma Introdução Didática às Teorias Clássicas*. Lisboa: Pactor, 2014.
- Papa Francisco. *A mensagem de São Francisco - As palavras do Papa sobre a força e a importância do santo de Assis na Igreja de hoje*. Lisboa: Clube do Autor, 2017.
- . *A Solidariedade*. São Paulo: Saraiva SA Livreiros e Editores, 2013.
- . *O Verdadeiro Poder é Servir*. Braga: Nascente Editora, 2013.
- Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização. *Misericordiosos como o Pai*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2015.
- Ricoeur, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

- Roldão, Maria. «*Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional*». *Revista Brasileira de Educação*, 12 (2007): 34.  
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XPqzwwYZ7YxTjLVPJD5NWgp/?lang=pt&format=pdf>
- Sá, Fernando. *Senso moral e política: uma história da ideia de fraternidade/humanidade nos liberalismos dos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.
- Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Torres Novas: Gráfica Almondina, 2014.
- Sshackenburg, Rudolf. *El mensaje moral del Nuevo Testamento: De Jesús a la Iglesia primitiva I*. Barcelona: Biblioteca Herder, 1989.
- Vidal, Marciano. *Moral de Actitudes*. Madrid: PS Editorial, 1977.
- Zanon, Andrei. *O princípio da alteridade de Lévinas como fundamento para a responsabilidade ética*. Colômbia: Perseitas, 2020.

## **ANEXOS**

Apresenta-se, de seguida, alguns dos recursos didáticos e pedagógicos integrados na leção da Unidade Letiva “Construir Fraternidade”.

Fazem parte de um conjunto mais vasto disponibilizado, integrando o dossier de estágio.

# ANEXO I - Critérios De Avaliação

## 1. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO 5º ANO DE ESCOLARIDADE

PARÂMETROS A AVALIAR		Valor na avaliação final	Instrumentos de avaliação	
<b>Valores e Atitudes</b>		<b>40%</b>	Listas de verificação Grelhas de observação Registos de incidentes	
Responsabilidade (Assiduidade/Pontualidade, material, TPC...)	10%			
Solidariedade, Respeito	10%			
Comportamento/Disciplina	10%			
Comunicação e expressão da língua portuguesa	5%			
Utilização das tecnologias de informação e comunicação	5%			
<b>Aptidões/Conhecimentos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação</li> <li>- Interesse</li> <li>- Criatividade (atenção, intervenção, espírito crítico, iniciativa).</li> <li>- Desenvolvimento cognitivo (fichas de trabalho e trabalhos de pesquisa).</li> </ul>	<b>60%</b>	Listas de verificação Grelhas de observação Fichas de consulta Trabalhos de pesquisa Questionários Fichas de trabalho	

## ANEXO II – Metas e objetivos da unidade letiva 4

Domínios/Ponderação (%)	Aprendizagens	Competências	Instrumentos de recolha de informação
<b>Domínio 1</b> Religião e Experiência Religiosa 30 %	Identifica valores e atitudes necessários à vida pessoal, em grupo e na família.	A, B, C, D, E, F, G	Registos e observação em sala de aula
	Descreve o conceito de fraternidade e o seu alcance social e religioso.	A, B, C, D, E, F, G	Trabalhos individuais e/ ou de grupo
	Relaciona as aprendizagens de EMRC com os valores que pautam as relações humanas.	A, B, C, D, E, F, G, H	Ficha(s) de avaliação, mini testes e/ ou questões de aula
	Expressa vivências pessoais e coletivas, e tradições religiosas e culturais usando suportes diversos, nomeadamente as tecnologias de informação e comunicação.	A, B, D, I	Ferramentas Google
<b>Domínio 2</b> Cultura e Visão Cristã da Vida 35 %	Conhece a mensagem cristã e identifica valores evangélicos.	A, B, C, D, E, F, G, H, I, J	Apresentações Oraís
	Conhece e descobre o significado do património artístico/religioso e da simbologia cristã relativa ao Advento e Natal.	B, C, D, E, F, G, H	Quizizz, Kahoot, Padlet, Learning app etc;
	Assume a construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com a mensagem cristã.	A, B, D, E, F, G, H, I	Dramatizações
	Valoriza e promove a diversidade como fator de enriquecimento.	A, B, C, D, E, F, G, H, I	Portefólios
<b>Domínio 3</b> Ética e Moral 35 %	Apreende o fundamento religioso da moral cristã, reconhecendo a pertinência das regras no funcionamento da vida em sociedade.	A, C, D, E, F, G, J	Relatórios
	Compromete-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e o cuidado do outro.	A, C, D, E, F, G, J	Inquérito
	Estabelece consigo próprio e com os outros uma relação harmoniosa e de salutar convívio.	A, C, E, F, G, J	Autoavaliação
	Assume valores essenciais para uma convivência pacífica e facilitadora da relação interpessoal.	A, B, C, D, E, F, G, I, J	

## 5º ANO | Unidade Letiva 4 - Construir a Fraternidade

### METAS

### OBJETIVOS

**Q.** Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

**1.** Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.

---

**2.** Valorizar a comum filiação divina.

---

**G.** Identificar os valores evangélicos.

**3.** Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs.

---

**4.** Verificar quais são as fragilidades e as ameaças à fraternidade.

---

**5.** Identificar a perspectiva cristã sobre o perdão.

---

**N.** Promover o bem comum e o cuidado do outro.

**6.** Promover o valor do perdão na construção cotidiana de um mundo fraterno.

---

**L.** Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.

**7.** Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro

---

## CONTEÚDOS

---

- O significado da palavra «fraternidade» e o seu alcance social e religioso;
  - Somos todos irmãos:
    - Todos somos seres humanos;
    - Todos somos dotados de razão e consciência (Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo I);
    - Todos somos habitantes da mesma casa: o Universo e a Terra são o nosso lar.

---
  - Deus, como Pai, ama a todas as pessoas:
    - Jo 13,14;
    - Mt 7,11;
    - Mt 5, 43-48.

---
  - Os primeiros cristãos propõem-nos uma comunidade modelo:
    - Act 2,42-47;
    - Act 5,12-16 .

---
  - O mal, fragilidade e ameaça à fraternidade, que vai contra a dignidade e a felicidade da pessoa:
    - Mentir;
    - Pensar mal do outro;
    - Desejar mal ao outro;
    - O conflito não resolvido e a violência;
    - A maledicência;
    - O egoísmo;
    - A inveja;
    - A ofensa;
    - A rejeição.

---
  - A mensagem cristã sobre o perdão:
    - Sir 28,1-7, perdoar o outro e recusar a vingança;
    - Lc 6, 36-38, ser misericordioso.

---
  - Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais:
    - Aceitar os erros (a revisão de vida);
    - Estar disposto a pedir perdão;
    - Aceitar os outros, apesar dos seus erros;
    - Ser capaz de perdoar;
    - Aceitar ser perdoado.

---
  - A regra de ouro, Lc 6,31: "O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também".
  - Propostas para promover o bem comum e o cuidado do outro na nossa vida.
-

## ANEXO 3 - Aula 1: Planificação da Aula



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



EDUCAÇÃO



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍLIO GARCIA  
Escola Secundária Emílio Garcia - Bragança  
Código 151816

### Planificação de Aula

Ano letivo: 2021/2022

Unidade Letiva 4: "Construir Fraternidade"  
Aula n.º 1/6

Ano: 5.ª Turma: E  
Data: 22/04/2022  
Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento; Apresentação da Professora; Breve saudação; Registo do sumário no quadro; Entrega da Ficha Síntese das temáticas da aula/apreciação individual.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	Caderno diário/ Material de escrita; Quadro e marcadores; Manual.	10'	Pontualidade; Assiduidade;
Ética e moral	- Interpretar o Conceito de Fraternidade;	Explorar o conceito de fraternidade.	Diálogo e "Chuva de palavras" sobre o termo «Fraternidade» pela professora e pelos/as alunos/as.	Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, I)	Material de escrita; Manual; Computador e projetor;	10'	Participação e respeito pela participação dos colegas;
	- Identificar as razões que fazem com que todos os seres humanos sejam irmãos;	Compreender a necessidade de colaboração, amizade e respeito mútuo.	Realização de uma atividade prática, que tem como objetivo distribuir um conjunto de imagens e frases, relacionadas com a fraternidade, amizade, respeito e solidariedade. Os alunos individualmente devem relacionar a imagem com a frase e justificar as suas escolhas.	Responsável/ autónomo (C, D, E, F, I) Questionador (A, F, I)	Quadro e marcadores; Imagens/Frases	10'	Empenho/responsabilidade no trabalho individual e de grupo;



Síntese das Temáticas da Aula - Ficha do Aluno



Unidade Letiva 4: "Construir Fraternidade"

Aula n.º 1/6

<b>SUMÁRIO:</b> A Fraternidade: a definição do termo e os sentimentos que lhe estão associados; Somos todos iguais em dignidade, razão, consciência e responsabilidade.				
<b>Estratégias Iniciais</b>				<b>Foi realizado</b> (✓ ou ✗)
Acolhimento;				
Apresentação da Professora;				
Breve saudação;				
Registo do sumário no quadro;				
Entrega e explicação da ficha síntese das temáticas da aula/apreciação individual.				
<b>Conteúdos</b>	<b>Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos</b>	<b>Páginas prévias do manual</b>	<b>Recursos</b>	<b>Assinalar se foi realizado</b> (✓ ou ✗)
☺ Explorar o conceito de fraternidade.	Diálogo e "Chuva de ideias" sobre o termo «Fraternidade»;	92	Caderno diário; Material de escrita; Quadro e marcadores;	✓
☺ Compreender a necessidade de colaboração, amizade e respeito mútuo.	Realização de uma atividade prática, que tem como objetivo distribuir um conjunto de imagens e frases, relacionadas com a fraternidade, amizade, respeito e solidariedade. Os alunos individualmente devem relacionar a imagem com a frase e justificar as suas escolhas;	93 - 95	Manual do 5º ano – "Conta Comigo" - EMRC; Computador e projetor; Imagens/Frases; Ficha de trabalho.	✓
☺ Constatar a Igualdade e Dignidade de	Visualização do vídeo "Tira as mãos do bolso e ajuda";	95 - 98		✓



PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

todo o ser humano. ☺ Refletir sobre a responsabilidade social no universo.	Apresentação de uma mascote de grupo, sobre a fraternidade. Posteriormente pediu-se aos alunos que refletissem sobre a responsabilidade que todos têm na transformação da sociedade e no hipotético nome da "mascote", a aplicar e discutir na próxima aula;	98 - 99		
☺ Aqui vou colocar a minha ideia chave da aula.				
Hoje com os temas abordados senti-me... (assinala a opção mais indicada)				
Entusiasmado/a <input type="radio"/> Pensativo/a <input type="radio"/> Desmotivado/a <input type="radio"/> Com vontade de ser mais solidário/a <input type="radio"/> Indiferente <input type="radio"/>				

O nome do aluno:	Número:
------------------	---------

## Aula 2: Planificação da Aula



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
 Mestrado em Ciências Religiosas  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA  
 Escola Secundária Emídio Garcia - Bragança  
 Código 151816

Ano letivo: 2021/2022

### Planificação de Aula

Unidade Letiva 4: “Construir Fraternidade”  
 Aula n.º 2/6

Ano: 5.ª Turma: E  
 Data: 6/05/2022  
 Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
		Acolhimento e Sumário  <b>SUMÁRIO:</b> Verificar a finalidade dos direitos Humanos.  Compreender a missão que cada um tem com o outro.	Acolhimento/breve saudação; Registo do sumário no quadro; Discussão sobre as temáticas abordadas na aula anterior/apreciação individual do aluno; Entrega da Ficha Síntese das temáticas da aula/apreciação individual.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)  Responsável/ autónomo (C, D, E, F, I)	Caderno diário/ Material de escrita; Quadro e marcadores; Manual.	10'	Pontualidade; Assiduidade;
Ética moral	- Reconhecer que os Direitos Humanos têm de ser vividos na realidade concreta em que vivemos;	- Compreender a Declaração Universal dos Direitos Humanos	Entrega e explicação de uma ficha, alusiva à Declaração Universal dos Direitos Humanos-versão abreviada;	Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, I)	Material de escrita; Manual; Computador e projektor;	10'	Participação e respeito pela participação dos colegas;



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
 Mestrado em Ciências Religiosas  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA  
 Escola Secundária Emídio Garcia - Bragança  
 Código 151816

		Refletir sobre a responsabilidade individual	Realização de uma atividade prática que consiste em relacionar a designação dos conceitos abreviados da DUDH com o significado.  Preenchimento da ficha de apreciação individual da aula.	Questionador (A, F, I)  Crítico/Analítico (A, B, C, D);  Comunicador (A, B, D, H);  Sistematizador/Organizador (A, B, C, I)	Quadro e marcadores;   Ficha de trabalho.	20'   5'	Empenho/responsabilidade no trabalho individual e de grupo;
--	--	--	---	---	--	-------------------	---



**Síntese das Temáticas da Aula - Ficha do Aluno**

Unidade Letiva 4: **“Construir Fraternidade”**

Ano: 5.ª Turma: E

Aula n.º 2/6

Data: 6/05/2022

<b>SUMÁRIO:</b> Verificar a finalidade dos direitos Humanos. Compreender a missão que cada um tem com o outro.				
<b>Estratégias Iniciais</b>				<b>Foi realizado:</b> (✓ ou ✗)
Acolhimento;				
Breve saudação;				
Registo do sumário no quadro;				
Discussão sobre as temáticas abordadas na aula anterior/apreciação individual do aluno;				
Entrega e explicação da ficha síntese das temáticas da aula/apreciação individual.				
<b>Conteúdos</b>	<b>Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos</b>	<b>Páginas prévias do manual</b>	<b>Recursos</b>	<b>Assinalar se foi realizado (✓ ou ✗)</b>
☺ Compreender a Declaração Universal dos Direitos Humanos	Entrega e explicação de uma ficha, alusiva à Declaração Universal dos Direitos Humanos-versão abreviada;		Caderno diário; Material de escrita; Quadro e marcadores; Manual do 5º ano – “Conta Comigo” - EMRC;	<input checked="" type="checkbox"/>
☺ Refletir sobre a responsabilidade individual	Realização de uma atividade prática que consiste em relacionar a designação dos conceitos abreviados da DUDH com o significado.	98 - 99	Computador e projetor; Imagens/Frases; Ficha de trabalho.	<input checked="" type="checkbox"/>
	Preenchimento da ficha de apreciação individual da aula.			<input checked="" type="checkbox"/>



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA  
Escola Secundária Emídio Garcia - Braga  
Código 151816

PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Aqui vou colocar a minha ideia chave da aula.	
Hoje com os temas abordados senti-me... (assinala a opção mais indicada) Entusiasmado/a <input type="radio"/> Pensativo/a <input type="radio"/> Desmotivado/a <input type="radio"/> Com vontade de ser mais solidário/a <input type="radio"/> Indiferente <input type="radio"/>	

O nome do aluno:	Número:
------------------	---------

## Aula 3: Planificação da Aula



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA  
Escola Secundária Emídio Garcia - Bragança  
Código 151816

### Planificação de Aula

Ano letivo: 2021/2022

Unidade Letiva 4: "Construir Fraternidade"  
Aula n.º 3/6

Ano: 5.ª Turma: E  
Data: 13/05/2022  
Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
		Acolhimento e Sumário <b>SUMÁRIO:</b> Estudo dos diferentes modos em que se manifesta a fraternidade. As fragilidades e ameaças à fraternidade. Construir um mundo mais fraterno.	Acolhimento/breve saudação; Registo do sumário no quadro; Discussão sobre as temáticas abordadas na aula anterior/apreciação individual do aluno; Entrega da Ficha Síntese das temáticas da aula/apreciação individual.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I) Responsável/ autónomo (C, D, E, F, I)	Caderno diário/ Material de escrita; Quadro e marcadores; Manual.	10'	Pontualidade; Assiduidade;
Ética e moral	Construir a unidade entre as pessoas através da prática do amor ao próximo.	Crescer na comunhão e criar condições que possibilitam o encontro com os outros;	Visualização de um vídeo, relacionado com o amor ao próximo, o cuidado comum;	Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, I)	Material de escrita; Manual; Computador e projetor;	15'	Participação e respeito pela participação dos colegas;
						10'	



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA  
Escola Secundária Emídio Garcia - Bragança  
Código 151816

		Compreender o amor universal de Deus;  Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana e as fragilidades e ameaças à fraternidade.  Relacionar o meio envolvente com um mundo mais fraterno.	Dinâmica de grupo, que tem por objetivo explorar a Encíclica Fratelli Tutti;  Realizar uma chuva de ideias sobre as temáticas abordadas.	Questionador (A, F, I) Crítico/Analítico (A, B, C, D);  Comunicador (A, B, D, H);  Sistematizador/Organizador (A, B, C, I)	Quadro e marcadores;  Ficha de trabalho.	5'  5'	Empenho/ responsabilidade de no trabalho individual e de grupo;
--	--	---	--	--	--	--------------	--



Síntese das Temáticas da Aula - Ficha do Aluno

Unidade Letiva 4: “Construir Fraternidade”

Ano: 5.ª Turma: E

Aula n.º 3/6

Data: 13/05/2022

<b>SUMÁRIO:</b> Estudo dos diferentes modos em que se manifesta a fraternidade. As fragilidades e ameaças à fraternidade. Construir um mundo mais fraterno.				
<b>Estratégias Iniciais</b>				<b>Foi realizado:</b> (✓ ou ✗)
Acolhimento;				
Breve saudação;				
Registo do sumário;				
Discussão sobre as temáticas abordadas na aula anterior/apreciação individual do aluno;				
Entrega e explicação da ficha síntese das temáticas da aula/apreciação individual.				
<b>Conteúdos</b>	<b>Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos</b>	<b>Páginas prévias do manual</b>	<b>Recursos</b>	<b>Assinalar se foi realizado (✓ ou ✗)</b>
Crescer na comunhão e criar condições que possibilitam o encontro com os outros;	Visualização de um vídeo, relacionado com o amor ao próximo, o cuidado comum;	100 - 103	Caderno diário; Material de escrita; Quadro e marcadores;	✓
Compreender o amor universal de Deus;	Dinâmica de grupo, que tem por objetivo explorar a Encíclica Fratelli Tutti.	103 - 112	Manual do 5º ano – “Conta Comigo” - EMRC;	✓
Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a				✓



dignidade da pessoa humana e as fragilidades e ameaças à fraternidade;  Relacionar o meio envolvente com um mundo mais fraterno.	Preenchimento da ficha de apreciação individual da aula.		Computador e projetor; Imagens/Frases; Ficha de trabalho.	
Aqui vou colocar a minha ideia chave da aula.				
Hoje com os temas abordados senti-me... (assinala a opção mais indicada)				
Entusiasmado/a <input type="radio"/> Pensativo/a <input type="radio"/> Desmotivado/a <input type="radio"/> Com vontade de ser mais solidário/a <input type="radio"/> Indiferente <input type="radio"/>				

O nome do aluno:	Número:
------------------	---------

## Aula 4: Planificação da Aula



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA  
Escola Secundária Emídio Garcia - Bragança  
Código 151816

### Planificação de Aula

Ano letivo: 2021/2022

Unidade Letiva 4: "Construir Fraternidade"  
Aula n.º 4/6

Ano: 5.ª Turma: E  
Data: 17/05/2022  
Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
		Acolhimento e Sumário  <b>SUMÁRIO:</b> Leitura e interpretação da Parábola "O Bom Samaritano". O compromisso do "eu/nós" na e com a comunidade.	Acolhimento/breve saudação; Registo do sumário no quadro; Discussão sobre as temáticas abordadas na aula anterior/apreciação individual do aluno; Entrega da Ficha Síntese das temáticas da aula/apreciação individual.	Sistematizador / organizador (A, B, C, I) Responsável/ autónomo (C, D, E, F, I)	Caderno diário/ Material de escrita; Quadro e marcadores; Manual.	10'	Pontualidade; Assiduidade;
Ética e moral	Construir um mundo mais fraterno;	Promover o bem comum e o cuidado com o outro;  Responsabilizar cada um na vivência do valor da fraternidade nas situações de quotidiano;	Análise e interpretação da Parábola "O Bom Samaritano" (Lc 10, 25-37). A dinamização da parábola em formato ilustrativo e narrativo, com o objetivo de envolver os alunos na interpretação e responsabilidade de cada um, para com o seu semelhante e dissemelhante, bem como, fomentar no(s) aluno(s) o	Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, I)  Questionador (A, F, I)	Material de escrita;  Manual;  Quadro e marcadores;	30'	Participação e respeito pela participação dos colegas;



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA  
Escola Secundária Emídio Garcia - Bragança  
Código 151816

	Promover a vida em comunidade.		compromisso com a convivência em comunidade, com a fraternidade, a reciprocidade e a possibilidade da permuta da conduta humana. Realizar uma chuva de ideias, solicitando a participação e colaboração dos alunos, sobre os elementos mais relevantes da parábola.	Crítico/Analítico (A, B, C, D);  Comunicador (A, B, D, II);  Sistematizado/Organizador (A, B, C, I)	Cartões;  Adereços ilustrativos;		Empenho/ responsabilização de no trabalho individual e de grupo;
			Preenchimento da ficha de apreciação individual da aula.		Ficha de trabalho.	5'	



Síntese das Temáticas da Aula - Ficha do Aluno

Unidade Letiva 4: “Construir Fraternidade”

Ano: 5.ª Turma: E

Aula n.º 4/6

Data: 17/05/2022

SUMÁRIO: Leitura e interpretação da Parábola “O Bom Samaritano”. O compromisso do “eu/nós” na e com a comunidade.				
Estratégias Iniciais				Foi realizado: (✓ ou ✗)
Acolhimento;				
Breve saudação;				
Registo do sumário;				
Discussão sobre as temáticas abordadas na aula anterior/apreciação individual do aluno;				
Entrega e explicação da ficha síntese das temáticas da aula/apreciação individual.				
Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Páginas prévias do manual	Recursos	Assinalar se foi realizado (✓ ou ✗)
Promover o bem comum e o cuidado com o outro;	Análise e interpretação da Parábola “O Bom Samaritano” (Lc 10, 25-37). A dinamização da parábola em formato ilustrativo e narrativo, com o objetivo de envolver os alunos na interpretação e	112 -119	Caderno diário;	✓
Responsabilizar cada um na vivência do valor da fraternidade nas situações de quotidiano;	responsabilidade de cada um, para com o seu semelhante e dissemelhante, bem como, fomentar no(s) aluno(s) o compromisso com a convivência em comunidade, com a fraternidade, a reciprocidade e a possibilidade da permuta da conduta humana.		Material de escrita;	✓
Preenchimento da ficha de apreciação individual da aula.	Realizar uma chuva de ideias, solicitando a participação e		Quadro e marcadores;	✓
			Manual do 5º ano – “Conta Comigo” - EMRC;	✓
			Cartões;	✓
			Adereços ilustrativos;	✓

2021/2022

A Docente/Estagiária: Vanessa Silva



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA  
Escola Secundária Emídio Garcia - Bragança  
Código 151816

PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

	colaboração dos alunos, sobre os elementos mais relevantes da parábola.  Preenchimento da ficha de apreciação individual da aula.			
<input type="checkbox"/> Aqui vou colocar a minha ideia chave da aula.	<input type="checkbox"/>			
Hoje com os temas abordados senti-me... (assinala a opção mais indicada)				
Entusiasmado/a <input type="radio"/> Pensativo/a <input type="radio"/> Desmotivado/a <input type="radio"/> Com vontade de ser mais solidário/a <input type="radio"/>				
Indiferente <input type="radio"/>				

O nome do aluno:	Número:
------------------	---------

## Aula 5: Planificação da Aula



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
 MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA  
 Escola Secundária Emídio Garcia - Bragança  
 Código 151816

### Planificação de Aula

Ano letivo: 2021/2022



Unidade Letiva 4: “Construir Fraternidade”  
 Aula n.º 5/6

Ano: 5.ª Turma: E  
 Data: 27/05/2022  
 Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento/breve saudação; Registo do sumário no quadro; Discussão sobre as temáticas abordadas na aula anterior/apreciação individual do aluno; Entrega da Ficha Síntese das temáticas da aula/apreciação individual.	Sistematizador / organizador (A, B, C, I) Responsável/ autónomo (C, D, E, F, I)	Caderno diário/ Material de escrita; Quadro e marcadores; Manual.	10'	Pontualidade; Assiduidade;
Ética e moral	Identificar fatores que favorecem a relação fraterna.	Refletir sobre os valores humanos, que permitem construir relações mais fraternas;	Questionar os alunos sobre os valores que orientam o comportamento humano na procura do bem e no relacionamento com o outro.	Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, I)  Questionador	Material de escrita;  Manual;	15'	Participação e respeito pela participação dos colegas;



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
 MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA  
 Escola Secundária Emídio Garcia - Bragança  
 Código 151816

		Assumir compromissos missionários para com a humanidade.	Convidar os alunos a assumirem um compromisso na ação missionária. Este compromisso é realizado através de um documento de apelo, em que cada aluno reflete, compromete-se e deixa a sua “confirmação” na folha entregue pela professora, com recurso à palma da mão, que se encontra pintada.	(A, F, I) Crítico/Analítico (A, B, C, D);  Comunicador (A, B, D, H);  Sistematizado/ Organizador (A, B, C, I)	Quadro e marcadores; Pinturas; Toalhetas; Adereços ilustrativos;	15'	Empenho/ responsabilidade de no trabalho individual e de grupo;
			Preenchimento da ficha de apreciação individual da aula.		Ficha de trabalho.	5'	



Síntese das Temáticas da Aula - Ficha do Aluno

Unidade Letiva 4: “Construir Fraternidade”  
 Aula n.º 5/6

Ano: 5.ª Turma: E  
 Data: 27/05/2022



SUMÁRIO: Os valores humanos e os compromissos com a humanidade.				
Estratégias Iniciais				Foi realizado: (✓ ou ✗)
Acolhimento;				
Breve saudação;				
Registo do sumário;				
Discussão sobre as temáticas abordadas na aula anterior/apreciação individual do aluno;				
Entrega e explicação da ficha síntese das temáticas da aula/apreciação individual.				
Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Páginas prévias do manual	Recursos	Assinalar se foi realizado (✓ ou ✗)
Refletir sobre os valores humanos, que permitem construir relações mais fraternas;	Questionar os alunos sobre os valores que orientam o comportamento humano na procura do bem e no relacionamento com o outro;	117 - 122	Caderno diário;	<input checked="" type="checkbox"/>
				Material de escrita;
Assumir compromissos missionários para com a humanidade;	Convidar os alunos a assumirem um compromisso na ação missionária. Este compromisso é realizado através de um documento de apelo, em que cada aluno reflete, compromete-se e deixa a sua “confirmação”, na folha entregue pela professora, com recurso à palma da mão, que se encontra pintada.		Quadro e marcadores;	<input checked="" type="checkbox"/>
			Manual do 5º ano – “Conta Comigo” - EMRC;	<input checked="" type="checkbox"/>
			Pinturas; Toalhitas;	<input checked="" type="checkbox"/>
			Adereços ilustrativos;	<input checked="" type="checkbox"/>



PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

	Preenchimento da ficha de apreciação individual da aula.			
			Ficha de trabalho.	
<input type="checkbox"/> Aqui vou colocar a minha ideia chave da aula.	<input type="checkbox"/>			
Hoje com os temas abordados senti-me... (assinala a opção mais indicada)				
Entusiasmado/a <input type="radio"/> Pensativo/a <input type="radio"/> Desmotivado/a <input type="radio"/> Com vontade de ser mais solidário/a <input type="radio"/> Indiferente <input type="radio"/>				

O nome do aluno:	Número:
------------------	---------